

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 594
16 de Maio de 1985
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

Mulheres da Reforma Agrária vêm a Lisboa reclamar trabalho e pão



Mais de um milhar de mulheres da zona da Reforma Agrária vieram terça-feira a Lisboa apresentar junto do Presidente da República, da Assembleia da República, do Governo e do Patriarcado as suas reclamações face à situação criada no Alentejo e Ribatejo pela política do Governo. Só Mário Soares as não recebeu!

Pág. 1/Semana



O caloroso comício de amizade realizado no Cacém

AMIZADE PCP-MLSTP

A visita da delegação do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe a Portugal a convite do PCP consolidou as fraternas relações entre os povos dos dois países. No comício de amizade que se realizou no Cacém usaram da palavra a camarada Alda Espírito Santo — que chefiava a delegação do MLSTP — e o secretário-geral do PCP. Nas págs. 3, 4, 5 e 6/Semana publicamos na íntegra os dois significativos discursos.

Catarina Eufémia é nome que não se esquece. É o símbolo de coragem e de luta. É também exemplo que vive hoje e sempre entre todos os que lutam pelo direito ao futuro, e à dignidade. Catarina Eufémia tombou em 19 de Maio de 1954. Contra a voz e a força de quem exigia justiça, pão e trabalho, as balas assassinas do fascismo provocaram a morte da jovem camponesa, nos campos do Alentejo. Foi em 54. Mas ainda hoje o povo alentejano recorda o crime cobarde, recorda o exemplo de Catarina, associa-o à luta dos tempos presentes pela Reforma Agrária, o pão e o trabalho. Por Abril! No **domingo**, às 15 horas, em **Baleizão, comício** com a participação de **Álvaro Cunhal**.



Para o povo português é clara a associação da luta pela Paz e da luta contra o actual Governo



A digna atitude do grupo parlamentar do PCP ao abandonar a Assembleia colheu apoio em todo o País

Visita de Reagan: uma vergonha e um fiasco

Pág. 2/Semana; págs. 2 e 3/Em Foco

Editorial

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 594
16 de Maio de 1985
1.º Caderno
Não pode ser vendido
separadamente

As evidências

No mesmo dia da semana passada — sábado, para sermos precisos —, dois escrevedores em jornais portugueses deram à estampa nas publicações que os acolhem duas «análises» sobre o PCP e a sua política.

Tratando-se de quem se trata e considerando o que disseram, o facto não é de molde a provocar particular entusiasmo — mas é sem dúvida significativo. Que os srs. Dinis de Abreu do «Diário de Notícias» e Vítor Cunha Rego do «Semanário» resolvessem quebrar a barreira de silêncio que habitualmente rodeia o PCP na comunicação social de direita ou na estatizada pela direita dominada — eis um facto a pedir explicações.

O que a ambos motivou a que, partindo do PCP, tenham traçado possíveis evoluções políticas é a constatação de que o PCP insiste, face à situação política, na necessidade de demissão do Governo e dissolução da Assembleia da República!

Conhecendo-se a sanha daqueles autores e dos seus pares contra este persistente hábito do PCP de dizer o mesmo enquanto não encontra razões para dizer outra coisa, verificando-se, por outro lado, que são eles os primeiros a reconhecer que o PCP diz hoje sensivelmente o mesmo que tem dito, será então necessário procurar noutro lugar o motivo do seu interesse. Se o PCP não mudou de política e eles costumam considerar subidamente desinteressante tal facto, haverá que concluir que ou mudaram eles — ou mudou a situação.

O facto é que Cunha Rego admite com toda a clareza a dissolução do Parlamento e a demissão do Governo, apontando que essa possível evolução significaria o descalabro total da política e dos projectos da direita, incluindo a perspectiva de uma derrota de Soares numa eventual candidatura às presidenciais.

É por demais evidente que o desvelo do director do «Semanário» em anunciar, alarmado, tais riscos não se radica num arroubo de honestidade jornalística ou de clarividência intelectual: sente, isso sim, necessidade de quebrar o muro de silêncio e calúnia anticomunista para com verdade alertar os seus correligionários para os riscos que correm.

Uma evidente preocupação transparece em toda a direita portuguesa face aos resultados

do Congresso do PSD a realizar no próximo fim-de-semana na Figueira da Foz e o quadro apresentado pelo parceiro do Soares na coligação governamental inteiramente a justifica.

Também pelas bandas do PS as coisas não parecem estar inteiramente pacíficas.

Soares multiplica-se em operações junto dos dirigentes do PPD no sentido de evitar um desenlace gravoso para a coligação no próximo fim-de-semana. Almoça com uns, faz promessas a outros, cede a todos no sentido de evitar que a aliança governativa possa ser posta em causa na Figueira.

Mas, por seu lado, sobre o futuro do PS adensam-se as nuvens geradas pela política governamental e pelas ambições do secretário-geral. Afirma-se que a luta pela sucessão de um Soares afastado da direcção do partido pela candidatura a Belém (e isto quer ganhasse e fosse para Belém, quer perdesse e não tivesse obviamente para onde ir) já começou e que as contradições entre os diversíssimos delírios já começaram. Diz-se que ninguém quer pagar os custos de uma política governamental que todos reconhecem «impopular» — e quando todos que participam numa política começam a reconhecer tais coisas é porque antes já reconheceram que ela tem poucas condições para prosseguir...

Índice igualmente revelador dos temores que justificadamente se apossaram das forças reacçãoárias é a denúncia e lamentação que hoje elas próprias fazem da corrupção e inépcia generalizada a que este Governo deu foros de cidadania.

Meses e meses a fio, às forças democráticas coube o apontar sistemático do lamaçal a que o Governo e a sua política conduziram o País. Aos factos apontados, às situações reveladas respondia a direita com grandiloquentes declarações de princípios e berreiros sobre o «carácter calunioso» das verdades trazidas à luz do dia. Era — diziam — mais uma *cassette* dos comunistas...

Hoje, a *cassette* toca em todos os gravadores — mesmo o «Expresso» e o «Semanário»...

Que tal situação inquiete a direita, que no seu seio se tema que as contradições internas enfraqueçam ainda a mais a desprestigiada co-

ligação governamental — eis o que facilmente se compreende.

Exactamente porque no seio da direita há quem claramente tenha consciência da necessidade vital de manter no Poder a actual coligação, seria profundo erro pensar, por um lado, que as contradições — a prazo que seja — não poderão ser ultrapassadas e, por outro lado, que dessas contradições dependerá afinal a criação de uma alternativa democrática à actual política e ao actual Governo.

À direita não passaram despercebidas as manifestações do 1.º de Maio, a sua pujança e combatividade, a sua dimensão gigantesca.

À direita não passou despercebido o amplo leque unitário que promoveu as comemorações unitárias do 11.º aniversário do 25 de Abril — e que se alarga e consolida.

À direita não passa despercebido que, apesar de todos os esforços, dinheiros, subornos, campanhas de calúnia e diversão, perseguições e repressões, o movimento sindical unitário constitui um elemento determinante da vida nacional e que a sua conseqüente actuação na defesa dos trabalhadores contra a política governamental encontra firme e crescente apoio de massas.

À direita não passa despercebido que, apesar das brutais ofensivas agravadas pela acção do ministro Álvaro Barreto nos últimos meses, a Reforma Agrária resiste à espoliação de herdades entregues aos latifundiários, à deliberação política de fome e desemprego, à repressão de cães e bastões. Resiste na produção e resiste essencialmente na combatividade sem quebras dos trabalhadores do Alentejo e Ribatejo, como o demonstrou a impressionante jornada de luta que trouxe a Lisboa mais de um milhão de mulheres a afirmar a sua vontade de defender a mais bela conquista da Revolução de Abril.

Pese o implacável silêncio que, temerosamente, fazem recair sobre a realidade da luta de massas na comunicação social que dominam, para a direita como para todo o País agiganta-se um facto indelével e essencial: esvazia-se e diminui quantitativa e qualitativamente a base de apoio dos partidos da coligação, cresce e estrutura-se a maioritária base de

apoio a uma alternativa democrática à actual política e ao actual Governo.

Significativamente, nem o balão de oxigénio que traria a visita de Reagan animou a abalada direita nacional.

O insultuoso carnaval de polícias e gorilas que rodeou a estadia do responsável pela invasão de Granada, os desvelos para com Soares do homem que foi homenagear assassinos SS a Bitburg, a subserviência de um Executivo feito agente de Washington e do Pentágono não passaram despercebidos a ninguém. Tal como ninguém pode ignorar que nenhum resultado concreto foi obtido, que os próprios vendedores de Portugal por grosso e a retalho se queixam de que foi escassa a contrapartida dos monopólios yanques a tanta vassalagem e a tanta cedência.

O evidente apoio que acolheu em todo o País a atitude do grupo parlamentar comunista recusando assistir à sessão parlamentar com o defensor da «guerra das estrelas» deu linear clareza a uma evidência bem perturbadora para a reacção e para o seu Governo: é que os destinos de Portugal traçam-se em Portugal e pelos portugueses.

E qual é a vontade da maioria do País é uma evidência que quotidianamente requer actualização conforme — e urgente.

Há, sem dúvida, obstáculos a ultrapassar, e não será o menor deles a ilusão de que será necessário aguardar que a direita consuma as divisões que a dilaceram. Tais divisões são uma consequência da vontade popular afirmada na luta: a concretização política dessa vontade requer-se a quem com ela está e não daqueles contra quem ela lutou.

Uma luta que, aliás, continua. Até porque, como disse o secretário-geral do PCP sexta-feira passada no Cacém. «Política não é futebol. Mas já que há tanta paixão pelo futebol (certamente também nesta sala) talvez que uma comparação seja ajustada.

«É ou não verdade, camaradas, que o golo da vitória é com frequência obtido nos últimos minutos?»

«O essencial é lutar até ao fim e lutar com confiança. Porque quem porfia sempre alcança.»

Resumo

8 Quarta-feira



Em Portugal

Reagan chega a Portugal, naquela que é a etapa final de um périplo europeu onde tudo lhe correu mal. Milhares de pessoas manifestaram-se em Lisboa contra a visita de Reagan. Em Queluz, a polícia de choque carrega sobre manifestantes pacifistas. Comemora-se o 40.º aniversário da vitória sobre o nazifascismo. No distrito de Évora, o Governo reloma a ofensiva contra a Reforma Agrária. Os trabalhadores da CTM mantêm-se na empresa, em luta contra os despedimentos. A primeira greve dos magistrados tem uma adesão massiva. Em nota da Comissão Política, o PCP exige a renegociação de acordos militares com os Estados Unidos. O movimento dos Não Alinhados condena o embargo norte-americano à Nicarágua. A polícia do apartheid tortura e mata um sindicalista sul-africano. Os familiares dos antifascistas chilenos assassinados prosseguem a greve da fome. Reagan, antes de chegar a Lisboa, apregoa a «guerra das estrelas» no parlamento europeu.

9 Quinta-feira

O grupo parlamentar do PCP abandonou a Assembleia da República na sessão de boas vindas a Reagan. Inicia-se o 2.º Congresso do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. Em sessão pública é assinalada a vitória sobre o nazifascismo. A Confederação Nacional da Agricultura protesta contra o pacote agrícola e contra a entrada de Portugal na CEE. Para Daniel Ortega, as sanções contra a Nicarágua podem ser equiparadas aos crimes nazis. Em Moscovo, Gorbachev salienta que o militarismo norte-americano é neste momento o maior perigo para a Humanidade. O Congresso Brasileiro legaliza todos os partidos e introduz a eleição directa para o presidente e para todas as autoridades regionais.



Não à vassalagem

10 Sexta-feira

Reagan termina a sua visita ao «special friend». Centenas de pessoas participam numa vigília pela paz promovida pelo CNP do XII Festival. Al Awad é condenado por uso de passaporte falso. A convite do PCP, chega a Portugal uma delegação do MLSTP. Um tribunal de Sintra impede a saída de Portugal a democratas que protestaram contra a visita



de Reagan. Passa a ser obrigatória a inspecção anual a veículos com mais de cinco anos. A polícia sul-africana assasina 15 pessoas nos arredores de Jaenesburg. O Senado norte-americano limita o aumento das despesas militares da administração Reagan. Segundo um legionário alemão desertor, os franceses utilizaram prisioneiros argelinos como cobaias na sua primeira experiência nuclear.

11 Sábado

Termina o 2.º Congresso do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa. Conclui-se a jornada de trabalho voluntário que durante dois dias animou as nove freguesias APU de Lisboa. Realiza-se na Amadora o primeiro fórum da Intermunicipal Juvenil. Alvaro Cunhal afirma, durante o comício de amizade PCP-MLSTP, que «depois da Revolução de Outubro, a derrocada do colonialismo foi acontecimento do mais profundo significado». Para Machete, o PSD encontra-se «numa situação de crise, nada garantindo que não venha a sofrer, aqui ou ali, reveses importantes». Daniel Ortega está em Madrid. A polícia sul-africana volta a matar nos arredores do Port Elizabeth. Beirute continua sob fogo cerrado, num combato que causou, nas últimas horas, nove mortos e vinte e quatro feridos. Samora Machel exorta a juventude moçambicana a combater os «bandidos armados».

12 Domingo

Em Alverca do Ribatejo, Octávio Pato salienta que Mário Soares é o mais legítimo candidato da direita. Só no distrito de Braga, o patronato deve à Segurança Social mais de 6 milhões de contos, denuncia a União Sindical local. A três jornadas do final do campeonato, o Futebol Clube do Porto sagra-se virtual campeão nacional da primeira divisão de futebol. Segundo a OLP, George Shultz está a tentar impor um novo acordo de Camp David no Médio Oriente. A indiferença e os protestos marcam a visita do Papa à Holanda. O presidente do Zaire, Mobutu, encontra-se em Israel a convite do governo sionista.

13 Segunda-feira

O PCP apresenta na Assembleia da República um projecto de lei com vista à «renegociação de todos os acordos de defesa ou de âmbito de incidência militar entre Portugal e os Estados Unidos da América». O MDP/CDE apela à participação nas jornadas de luta do movimento sindical unitário. Na Câmara Municipal de Lisboa, a APU propõe medidas de emergência para as freguesias de Alfama e Mouraria. Os trabalhadores da Desco impedem, com a sua luta, o despedimento colectivo. A Tabaqueira comemora o décimo aniversário da sua nacionalização. O Governo prossegue, com a entrega de terras no concelho de Viana do Alentejo, o ataque contra a Reforma Agrária. Segundo um estudo da CGTP-IN, os salários das mulheres trabalhadores apenas atingem 70 por cento dos salários dos homens. Com o Papa no Tribunal Internacional de Haia, um manifestante morre em Utreque. A vitória do SPD nas eleições estaduais na Renânia do Norte abala o governo da RFA. Daniel Ortega encontra-se em Paris com François Mitterand.



Defender o Património

14 Terça-feira

O Presidente da República defende um «modelo nacional» de relação com África ao discursar num seminário subordinado ao tema «Portugal, os novos Estados africanos e os EUA». Mil e duzentas mulheres da Reforma Agrária deslocam-se a Lisboa para dar conta aos órgãos de soberania e ao Patriarcado da difícil situação em que se encontram milhares de trabalhadores desempregados e suas famílias. O Sindicato dos Jornalistas repudia o comportamento das autoridades envolvidas na segurança de Reagan. Declarada falência da empresa do Jornal do Comércio. Sindicato dos Professores do Norte acusa ministro da Educação de investir contra gestão democrática das escolas. China e Cuba condenam em declaração conjunta o embargo imposto pela administração Reagan à Nicarágua. Gromyko e Shultz reúnem-se em Viena. Mantém-se uma situação de tensão em Beirute a qual já provocou nas últimas horas quatro mortos e 17 feridos. Stevie Wonder dedica o «oscar» que recebeu da Academia a Nelson Mandela, dirigente do ANC preso há 22 anos.



Avante!

Proprietários de todos os países: UNI-VÓS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português. Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

ADMINISTRAÇÃO: Av. Santos Dumont, 57-3.º - 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO: CDL Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa Tel. 77 98 29/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 90 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38 Tel. 28394

Centro Distribuidor de Évora: Alcaçova de Baixo, 13 - 7000 Évora Tel. 28361

Centro Distribuidor de Faro: Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro Tel. 24417

Delegação do Norte: Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra: Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra Tel. 28394

ASSINATURAS: Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º - 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL: Alameda S.º António dos Capuchos, 6-B - 1100 Lisboa. Tel. 77 69 86/77 67 69

Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º - 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heuka Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Abril: 45 200

Mulheres da Reforma Agrária reclamam trabalho e pão

• *Jornada de protesto, luta e esclarecimento anteontem em Lisboa*

Acompanhadas na sua grande maioria pelos filhos, mulheres agrícolas dos campos da Reforma Agrária deslocaram-se na terça-feira a Lisboa para se avistarem com os órgãos de soberania. Dois objectivos as moviam: por um lado, alertar e dar a conhecer a situação crítica em que se encontram, tal como milhares de outras famílias; por outro, exigir medidas que ponham cobro a esta política que lhes rouba o trabalho e o pão. Eram para cima de mil mulheres. Traziam mágoa e revolta nos rostos e nas palavras. Não é para menos. Em causa está um projecto restauracionista que não tem em conta as novas realidades criadas depois do 25 de Abril, despreza as características da região e das suas gentes.

Fome e miséria familiarizaram-se com o seu quotidiano. Conseguir dar de comer aos filhos, preservar a dignidade, impedir o regresso a um tempo de opressão entraram na ordem do dia e constituem o suporte de uma luta justa que se afirma heróica e corajosa.

Vieram em camionetas de Beja, Évora, Portalegre, Setúbal e Santarém, distritos onde a Reforma Agrária operou transformações que modificaram por completo, em todos os domínios, a vida política, económica e social.

Na agenda traziam encontros com a Presidência da República, a Assembleia da República, o Patriarcado e o Primeiro-Ministro. Só este último, useiro e vezeiro em tal atitude, recusou recebê-las.

Durante os encontros, de viva voz, tiveram ensejo de transmitir as preocupações e problemas com que hoje se debatem, de explicar as causas de tal situação e de apontar as soluções que alterariam por completo a realidade presente.

A população de Lisboa, essa, foi com manifestações de carinho e solidariedade que acolheu as operárias agrícolas e o documento que elas distribuíram nas ruas da capital dando conta dos objectivos da sua luta.

Um único responsável, conforme fizeram questão de nos

exemplo dos que o precederam, insiste em prosseguir uma política apostada na destruição da Reforma Agrária e na reconstituição do latifúndio.

Sacrificando a produção e a economia, socorrendo-se do arbítrio e da ilegalidade, permitindo toda a espécie de desmandos, os resultados desta acção aí estão: mais de 500 herdades ultrapassando os 200 mil hectares, anteriormente roubadas aos trabalhadores e devolvidas aos agrários, estão hoje no mais completo abandono enquanto cerca de 35 mil

sublinhar, detém sobre si o peso deste trágico panorama: o Governo PS/PSD que, a



• **Reforçar a unidade e impulsionar a luta pela demissão do Governo**

• **Sobre a 2.ª Guerra Mundial**

O Militante



Maio 1985 — N.º 120

PCP

A mácula e a nódoa

Às sete da manhã de sexta-feira, dia 10, a FM da Comercial dava a notícia do dia: no jantar da véspera, à hora do café, Ronald Reagan mandara o protocolo às urtigas e afirmara que apesar de ele ser presidente e Mário Soares primeiro-ministro nada obstava a que ambos se tratassem pelos respectivos nomes próprios. Olá Mário; como vai isso Ronald? Ai que alegria, ai que alegria, disseram com certeza milhões de portugueses que a essa hora se preparavam para mais um dia de trabalho.

Depois de nós virá quem há-de fazer a história mas não restem dúvidas que a data ficará assinalada nos anais dos grandes acontecimentos e que os especialistas concluirão que esse dia correu mais alegre e lesto cá na ponta mais ocidental da Europa. Um café, Ronald? If you please, Mário...

São alegrias destas que fazem esquecer as agruras da vida, se é que me entendem, e aqueles pequenos nada que ensombram a vida dos grandes homens e com maioria de razões dos povos que comandam.

À lembrança do acontecimento, portugueses e americanos esqueceram as insistentes notícias que procuravam fazer crer que a visita às campas de oficiais das SS não fora um nobre gesto, como se os mortos, enfim, paz à sua alma, mas que mal é que isso tem? Ou aquelas imagens de Espanha com multidões a gritar «Reagan go home», uma vergonha, como está bem de ver, o que nos vale a nós é que Portugal é outra coisa, que nos desculpem nuestros hermanos, mas isso de manifestações à porta de Queluz onde o digno visitante estava a chegar, nem pensar. Para isso mesmo é que temos cá a polícia de choque e se para poupar as visitas a espectáculos tristes é preciso abrir umas cabeças e amolgar umas costelas, paciência, cumpra-se a função e salve-se a honra nacional...

Não fora a notícia do dia e tinham os portugueses ficado amargurados a pensar que Reagan levaria de Lisboa uma imagem parecida à de Madrid onde, afronta das afrontas, os alcaides não prestaram ao chefe da maior potência do mundo as mais que devidas honras. É claro que Abecasis bem se esforçou por atenuar o desrespeito dos congéneres espanhóis, afirmando bem alto que se Reagan não podia ir à Câmara da cidade iria a Câmara a Reagan, era aliás precisamente para isso que ele lá estava, Abecasis, com a chave da cidade na mão e o livro de honra não se sabe onde mas de certeza já assinado pelo ilustre visitante. De resto que diria a história se semelhante evento não ficasse registado para a posteridade, não há dúvida que seria o descrédito total uma tal lacuna...

Olá Mário; olá Ronald. Afinal sempre podemos ficar descansados, não ficaram engulhos nas relações luso-americanas graças aos nossos preclaros governantes, apesar daquela história da pomba vergonhosamente branca na Assembleia então isso é coisa que se faça, mesmo nas barbas, salvo seja que o homem vinha bem escanhoado, do especialíssimo visitante? E o desaforo dos comunistas, credo, a sair do hemisfério no meio do silêncio solene que se preparara para ouvir as iluminadas palavras do ilustre hóspede, desejado assim nem o D. Sebastião, se aquilo não foi um insulto então já não há insultos.

Não foi sem razão que as bochechas do Mário descaíram e os olhos extraordinariamente azuis (foi assim que o primeiro os classificou quando foi aos states) de Reagan se estreitaram. Está tudo estragado, pensou o nosso primeiro e mais os outros deputados e milhões de portugueses que acompanharam o acontecimento pela televisão, os dólares com asinhas a voar para outros céus, a amizade esforçadamente conquistada a ficar pelas ruas da amargura.

Um cubo de açúcar, Mário? Dois, Ronald, para mim são sempre dois. Respire-se fundo, gentes, ainda não foi desta que os comunistas conseguiram os seus maléficis intentos.

A amizade entre os grandes reforçou-se e assim mesmo é que deve ser, apesar da mácula que os comunas e uns tantos populares lançaram na visita, como inspiradamente afirmou um deputado socialista, na Assembleia vazia da segurança americana mas impregnada ainda das lembranças de tão inesquecível dia. Bem vistas as coisas se calhar até foi bom tudo o que aconteceu, com máculas e tudo, pois se calhar não faltariam as más línguas a dizer que isto tinha sido uma grande nódoa!

■ A.F.

A visita de Reagan e a posição do PCP

• Declaração do Secretariado do Comité Central

1. No quadro da política externa de paz, amizade e cooperação com todos os povos que o PCP preconiza para Portugal, as relações com os EUA assim como com os outros países capitalistas, ocupam um importante lugar.

Seria bem-vinda pelo Povo português incluindo, naturalmente, pelos comunistas a visita a Portugal de um Presidente dos EUA que respeitasse as normas do direito internacional e da conviência pacífica entre as nações, o direito de cada povo a decidir sem ingerências externas do seu próprio destino e, particularmente neste ano em que se celebra o 40.º aniversário do fim da 2.ª Guerra Mundial, que respeitasse a memória de milhões de homens, mulheres e crianças de

muitas nacionalidades vítimas do flagelo do nazi-fascismo.

2. Não é porém o caso desta visita. Reagan não vem a Portugal animado pelos sentimentos de amizade, que existem e desejamos ver reforçados, entre o Povo português e o povo norte-americano. Pelo contrário.

No quadro da sua política de hostilidade com o povo e a democracia portuguesa, Ronald Reagan vem, em ano de eleições, patentear o apoio dos EUA a um governo antipopular e ao seu chefe, o que representa uma descarada ingerência nos assuntos internos do nosso país que o PCP firmemente repudia como gravemente atentatória da

dignidade e da independência nacional.

3. A visita de R. Reagan significa a presença em Portugal do principal responsável da política militarista e agressiva dos EUA que conduziu declarações que não podem passar sem o mais firme protesto e repúdio dos portugueses. Tal é o caso de novas e provocatórias medidas contra a heróica Nicarágua a quem ameaça pela fome e a destruição pela força das armas.

Tal é o caso da homenagem concretizada na RFA aos túmulos dos criminosos nazis, que constitui uma tentativa de reabilitação da Alemanha hitleriana e um vergonhoso insulto à memória de milhões de seres humanos

assassinados pelas hordas nazi-fascistas. Tal é o caso das declarações pondo em causa as fronteiras saídas da 2.ª Guerra Mundial, numa ostensiva e provocatória manifestação revanchista dirigida contra países socialistas que encerra sérios perigos para a segurança e a paz na Europa e no mundo.

4. É neste contexto que o Partido Comunista Português manifesta a sua oposição à visita a Portugal de R. Reagan e declara que representantes seus não participarão em nenhum acto de homenagem ao Presidente dos EUA.

9 de Maio de 1985

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português.

Renegociação dos acordos entre Portugal e os EUA

• Nota da Comissão Política

A Comissão Política do Comité Central do PCP examinou as implicações da situação criada pela política de cedências prosseguida pelo Governo PS-PSD nas negociações com os Estados Unidos quanto ao uso militar do território português, bem como os vícios de que enferma o processo e os instrumentos jurídicos dele resultantes e a subsequente proliferação de actividades milita-

res ilegítimas dos Estados Unidos da América em Portugal.

A Comissão Política do Comité Central do PCP entende que, uma vez que não obedecem às disposições claramente expressas na Constituição da República, os denominados acordos de trocas de notas não entraram em vigor em 4 de Fevereiro de 1984 (ao contrário do que afirma o Governo), não conferem aos Es-

tados Unidos quaisquer direitos de legítima utilização do território nacional e não vinculam o Estado português.

Considerando que os referidos acordos a manterem-se devem ser reponderados e têm que ser obrigatoriamente renegociados, a Comissão Política do CC do PCP encarregou o Grupo Parlamentar do PCP de apresentar

com a maior urgência na Assembleia da República um projecto de lei determinando a renegociação de todos os acordos de defesa ou de âmbito de incidência militar entre Portugal e os Estados Unidos da América.

8 de Maio de 1985

A Comissão Política do CC do PCP

Mulheres da Reforma Agrária

← trabalhadores dos quais 70 por cento são mulheres, suportam o flagelo do desemprego.

Daí também, como insistentemente sublinharam, que os trabalhadores não estejam dis-

postos a continuar a suportar as consequências desta política.

Desta feita vieram a Lisboa. Nas bandeiras negras, nos panos e cartazes que trouxeram à capital estava retratado o que pensam desta política que

já destruiu 250 unidades de produção e mais de 50 mil postos de trabalho.

Mas outra mensagem foi possível reter desta deslocação à capital: a de que a luta e a resistência vão prosseguir com redobrada firmeza pela demis-

são do Governo por forma a que a legalidade democrática seja reposta, os recursos existentes sejam aproveitados e a Reforma Agrária prossiga o seu caminho de desenvolvimento e progresso ao serviço da economia e do País.



A caminho da Assembleia da República

4 objectivos

Quatro grandes objectivos estão inscritos no memorando entregue pelas mulheres agrícolas da Reforma Agrária aos órgãos de soberania:

• Fim imediato da política de destruição da Reforma Agrária e de todas as formas de ofensiva;

• Reposição da legalidade democrática, cumprimento dos acordos do Supremo Tribunal Administrativo, revisão das ilegalidades, entrega aos trabalhadores e pequenos agricultores das terras que estão ilegalmente nas mãos dos agrários, das terras abandonadas e subaproveitadas;

• Reorganização das Direcções Regionais do MAP e Serviços de Gestão e Estruturação Fundiária. Política de apoio técnico, de preços compensadores e escoamento garantidos; política de crédito com juros adequados ao sector;

• Revogação da lei Barreto e leis da cortiça; não aprovação ou promulgação da nova lei em preparação; elaboração de uma autêntica lei da Reforma Agrária que entregue a terra a quem a trabalha no respeito pelas disposições constitucionais.

PCP

Delegação do MLSTP em Portugal a convite do PCP

Reforço da amizade, solidariedade e cooperação

Conversações com a direcção do PCP, um comício de amizade em Agualva-Cacém e uma deslocação ao distrito de Santarém, com diversos contactos na vila de Alpiarça, foram momentos destacados da recente visita a Portugal de uma delegação do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe-MLSTP, realizada a convite do PCP.

Dirigiu a representação do MLSTP a camarada **Alda do Espírito**, presidente da Assembleia Nacional Popular de S. Tomé e membro do Bureau Político do MLSTP.

Os camaradas de S. Tomé chegaram a Lisboa na noite da passada quinta-feira. A aguardá-los encontravam-se Sérgio Vilariques, da Comissão Política e do Secretariado do CC, Manuel Gusmão, do Comité Central, e Manuela Bernardino, da Secção Internacional.

Em breves declarações prestadas à reportagem do «Avante!» no aeroporto da Portela, Alda Espírito Santo destacou a solidariedade do PCP com o povo de S. Tomé, vencida nos tempos do fascismo e do colonialismo e também depois do 25 de Abril, nas novas condições de liberdade e de independência.

Falando de acções e tarefas neste ano de 1985, salientou-nos a realização, coroada de êxito, da 5.ª Cimeira dos Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa, e do entusiasmo com que se prepara em S. Tomé a 2.ª Assembleia Ordinária do MLSTP e as eleições gerais.

No dia seguinte, a delegação são-tomense visitou as instalações da Tepclima, na área de Lisboa, onde se avistou com trabalhadores daquela empresa cooperativa da indústria do frio.

Comício no Cacém

À noite, o salão dos Bombeiros de Agualva-Cacém encheu-se para um vibrante comício de amizade PCP-MLSTP, em que discursaram Alda Espírito Santo e Álvaro Cunhal (páginas 4, 5 e 6).

Na Mesa que dirigiu o comício, além da delegação de S. Tomé e do secretário-geral do PCP, encontravam-se Domingos Abrantes, da C. Política e do Secretariado do Partido, Manuel Gusmão e Licínio Falé, ambos do CC, Anabela Pereira, do organismo de direcção de Queluz da JCP, Ana Vicente, da célula da Mesa, Jacinto Higinio, do organismo de direcção de Sintra do PCP, Lino Paulo, vereador da CM de Sintra e membro do organismo de direcção do PCP, Luisa Portugal, do organismo de direcção de Queluz, Duarte Caldeira, presidente da Junta de Freguesia de Agualva-Cacém e membro do organismo de direcção de Queluz, João Nascimento, da DORL e Manuel Bernardino, da Secção Internacional.

Decorrendo num ambiente de viva hospitalidade para com a delegação de S. Tomé e de solidariedade activa para com o povo do jovem país africano, o comício registou em primeiro lugar a intervenção do presidente da JF local, camarada Duarte Caldeira, que deu uma panorâmica significativa dos problemas e das perspectivas que se colocam ao concelho de Sintra e aos seus 230 mil habitantes, espalhados por uma área de 300 quilómetros quadrados, com 13 freguesias, desde as urbanas de elevada densidade populacional (como Agualva-Cacém e Queluz) até freguesias acentuadamente rurais, como S. João das Lampas, com uma densidade populacional de um habitante por hectare...

Duarte Caldeira desenvolveu alguns aspectos relacionados com **gestão autárquica**, mostrando as consequências da incompetência das «maiorias» na CM nos últimos três mandatos — do PS à ex-AD, passando pelo PSD, PS e CDS. Confirmando a crescente influência e prestígio da APU neste concelho vizinho de Lisboa, o presidente da JF de Agualva-Cacém sublinhou que actualmente «63 por cento da população do concelho de Sintra reside em freguesias de gestão APU, elemento elucidativo da enorme responsabilidade da APU neste concelho».

O que distingue uma autarquia gerida pela Aliança Povo Unida das restantes foi a questão a que Duarte Caldeira deu em seguida a devida explicação. Com exemplos concretos mostrou o que se faz com trabalho, honestidade e ligação às populações. **Belas e Agualva-Cacém** são dois casos bem representativos.

Falando sobre a situação social, o autarca comunista alertou para os múltiplos casos de empresas do concelho que têm salários em atraso, algumas há já longos meses, e também para os problemas do desemprego: «Dezassete empresas empregavam há ano e meio 5040 trabalhadores e hoje já só têm 2103».

Presença da juventude
Alda Espírito Santo e Álvaro Cunhal foram os oradores seguintes deste comício, em que a juventude, através dum grupo de militantes da JCP de Agualva-Cacém, marcou presença vibrante e alegre.

A delegação de S. Tomé recebeu várias recordações de organizações do Partido no concelho, nomeadamente dos trabalhadores do mármore (freguesia de Montelavar), dos trabalhadores da Construção Civil (um capacidade oferecido pela célula da Ico-sal), dos vereadores da CM de Sintra e dos eleitos comunistas da freguesia anfitriã do comício

que ofereceram medalhas das respectivas autarquias.

Com os Pioneiros de Portugal, através dum grupo do concelho de Sintra, chegaram à tribuna do comício flores e uma bela saudação.

Em Alpiarça

Uma visita ao Ribatejo preencheu no dia seguinte, sábado, grande parte da «agenda» de trabalho dos camaradas de S. Tomé nesta sua deslocação de amizade ao nosso País.

Após um encontro com uma representação da Direcção Regional do PCP de Santarém, dirigida por Raimundo Cabral, membro da Comissão Política do Partido, os convidados são-tomenses deslocaram-se à Vila de Alpiarça, terra de fortes tradições antifascistas e democráticas.

Aí foram recebidos na Câmara Municipal, pelo seu presidente, Armindo Pinhão, elementos da vereação e uma comissão de juventude.

O almoço decorreu na Cooperativa «O Chouriço», seguindo-se à tarde uma visita à UCP «Quinta de S. João», onde se avistaram com a respectiva direcção. Depois, foi o regresso a Lisboa.



As duas delegações no decorrer das conversações

Comunicado conjunto

A convite do Comité Central do Partido Comunista Português, visitou Portugal uma delegação do Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe (MLSTP) dirigida pela camarada Alda Espírito Santo, membro do Bureau Político, e composta por Carlos Pereira Barreto, Secretário Nacional da Organização dos Pioneiros de S. Tomé e Príncipe e Maria Alves Barbosa, membro da Direcção da Organização da Mulher de S. Tomé e Príncipe.

Fraternal amizade

A delegação do MLSTP manteve conversações, que decorreram num clima de fraternal amizade, com uma delegação do PCP composta por Álvaro Cunhal, secretário-geral, Domingos Abrantes, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central e Manuela Bernardino, da Secção Internacional.

Contactando directamente

com a realidade portuguesa e a actividade do PCP, a delegação do MLSTP visitou a cooperativa de produção Tepclima, em Lisboa, e no distrito de Santarém, encontrou-se com uma delegação da Direcção da Organização Regional, visitou a UCP «Quinta de S. João» e foi recebida na Câmara Municipal de Alpiarça. No Cacém realizou-se um Comício de Amizade PCP/MLSTP em que usaram da palavra Alda Espírito Santo e Álvaro Cunhal.

As duas delegações constatarem que se reforçam as relações de amizade, solidariedade e cooperação existente entre as duas organizações. Consideraram como passo importante para o desenvolvimento das relações a visita efectuada em Abril de 1984 pela delegação do Partido Comunista Português, dirigida pelo camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, os encontros realizados com o camarada Manuel Pinto da Costa,

presidente do MLSTP e da RD de S. Tomé e Príncipe e com outros dirigentes.

As duas delegações trocaram opiniões sobre a luta e actividade das respectivas organizações e analisaram os principais problemas da actualidade, nomeadamente aspectos da situação internacional.

A delegação do PCP uma vez mais expressou a solidariedade dos comunistas portugueses à luta do MLSTP e do povo santomense na reconstrução nacional e edificação de uma nova sociedade.

A delegação do MLSTP manifestou o seu apreço pelos esforços e contribuição do PCP pela defesa das conquistas de Abril e do regime democrático que as consagra.

Defesa da paz

Ao analisarem a situação internacional ambas as delegações consideraram ser tarefa de todos os povos lutar pela salvaguarda da paz e segurança universal.

Abordando a situação na África Austral condenaram firmemente o criminoso regime racista e do *apartheid* o qual responsabilizaram pela desestabilização na região. Reiteraram o seu apoio aos povos de Angola, Moçambique, África do Sul, Namíbia, ao MPLA-PT, ao P. Frelimo, ao CNA e à SWAPO. Expressaram a sua solidariedade ao povo maubere e à Fretilin na sua luta pelo reconhecimento e efectivação do direito à autodeterminação e independência de Timor-Leste.

Ambas as delegações manifestaram o seu apoio a todos os povos em luta pela liberdade, a democracia e a independência nacional, contra o fascismo, o racismo, o sionismo, o colonialismo, o neo-colonialismo e o imperialismo e consideraram de grande importância o reforço da cooperação e da solidariedade entre todas as forças da independência nacional, do progresso social, do socialismo e da paz.

Ambas as delegações expressaram a vontade comum das duas organizações de continuarem a agir para que as relações entre os dois países se desenvolvam na base dos princípios da igualdade, não-ingerência, respeito mútuo e reciprocidade de vantagens.

A visita a Portugal da delegação do MLSTP foi um novo e significativo passo para o reforço das relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre as duas organizações.

Lisboa, 13-5-85
(Subtítulos da Redacção)



Durante a visita às instalações da Tepclima, a delegação do MLSTP inteirou-se dos processos do fabrico e dialogou com trabalhadores e administradores



PCP

DISCURSO
DE
ÁLVARO
CUNHAL

«As relações entre os nossos povos não têm problemas.

É necessário que também os não tenham as relações entre os Estados»

Camaradas:

É com profunda alegria e sentimentos fraternais que recebemos em Portugal, a convite do nosso Partido, a delegação oficial do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe, que aqui está hoje connosco, irmanada neste comício de amizade e solidariedade.

A camarada Alda Espírito Santo, que dirige a delegação, conhece bem o nosso país. Conhece o lado bom, porque tem cá muitos amigos, amigos sinceros do seu Movimento, do seu povo e da sua Pátria. E conhece também o lado mau, o lado mau do passado que lhe permite compreender o que há de mau no presente, porque como patriota e lutadora são-tomense, foi sujeita a perseguições no tempo do fascismo, e, ao lado dos antifascistas portugueses, conheceu os maus tratos da PIDE e a cadeia de Caxias.

À nossa ilustre visitante e aos outros camaradas da delegação do MLSTP renovamos aqui as calorosas saudações do nosso Partido, desejamos-lhes uma boa estadia em Portugal e confirmamos a inabalável amizade e solidariedade do Partido Comunista Português.

As relações fraternais PCP – MLSTP

Se me permitis uma referência de carácter pessoal, para mim há um motivo próprio para a satisfação que sinto por fazer parte da delegação do PCP que realiza as conversações com a delegação que nos visita, e por participar neste comício de amizade com os nossos camaradas.

Esse motivo próprio é ter feito parte de uma delegação do PCP que, em Abril de 1984, a convite do MLSTP, visitou S. Tomé e Príncipe. Conservo dessa visita recordação inesquecível.

Durante essa visita realizámos úteis e frutuosas conversações com o Presidente do MLSTP e Presidente da República, camarada Manuel Pinto da Costa, e com uma delegação dirigida precisamente pela camarada Alda Espírito Santo, hoje aqui presente.

Visitámos a unidade agrícola Agostinho Neto. Outra em Porto Alegre.

Participámos num comício de amizade na localidade de Angolares. Visitámos a ilha das Rolas. Visitámos escolas e creches. Encontrámo-nos com os pioneiros. Estivemos com grupos populares assistindo às suas canções e às suas danças.

Em toda a parte fomos recebidos com extraordinário carinho. Quero aqui dizer, diante do nosso povo e na presença dos nossos camaradas são-tomenses, que nunca serão esquecidas essas manifestações de fraternal amizade para com os comunistas portugueses, por parte dos dirigentes, dos quadros, dos trabalhadores, das

crianças de S. Tomé e Príncipe.

Para militantes portugueses anticolonialistas, além do facto histórico da libertação dos povos outrora submetidos ao colonialismo português, não é possível receber maior e mais exaltante prémio para a sua luta do que a amizade fraternal e a confiança dos povos libertados.

Estas relações fraternais entre o PCP e o MLSTP fundamentam-se nas grandes aspirações comuns e na luta comum que conduziu o povo português a libertar-se da ditadura fascista, e o povo de S. Tomé e Príncipe a libertar-se do colonialismo; que conduziu o povo português a realizar profundas transformações económicas, sociais e políticas democráticas e o povo de S. Tomé e Príncipe a construir uma sociedade e uma vida nova no quadro da consolidação da independência nacional.

A amizade entre o PCP e o MLSTP tem raízes profundas que expressam, não apenas a amizade entre as nossas duas organizações, mas amizade entre os nossos dois povos.

São raízes profundas que nada e ninguém poderá destruir.

Ao lado dos novos Estados

Nós, comunistas portugueses, estamos firmemente ao lado dos novos Estados independentes que se constituíram nos países outrora submetidos ao colonialismo português.

Ao lado de S. Tomé e Príncipe. Ao lado de Angola. Ao lado de Moçambique. Ao lado de Cabo Verde. Ao lado da Guiné-Bissau.

Consideramos de importância histórica universal o facto de que países libertados do colonialismo, conquistada a sua independência nacional, optaram (embora com soluções diversificadas) pela construção de sociedades progressistas, lançando-se, depois de séculos de exploração e opressão coloniais, à grandiosa tarefa de aproveitar as suas riquezas e os seus recursos em benefício dos seus próprios povos.

A construção de novas sociedades nos países libertados do colonialismo, designadamente nos países que estiveram submetidos ao colonialismo português, é uma tarefa extraordinariamente complexa, pois exige uma construção, reorganização e reconversão



DISCURSO DE ALDA ESPÍRITO SANTO

Mensagem de amizade e de fraternidade

Camaradas:

Temos a grande honra de participar neste Comício de Amizade e Solidariedade, enquadrado no programa de visitas da Delegação do Comité Central do MLSTP, que nos coube o privilégio de integrar a convite do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português.

Que viva e se intensifique a solidariedade entre os povos!

Em Abril de 1984, o Comité Central do MLSTP recebeu com grande entusiasmo em S. Tomé e Príncipe, uma delegação do mais alto nível do PCP presidida pelo seu Secretário-Geral, Camarada Álvaro Cunhal, que constituiu um encontro extraordinariamente significativo.

No quadro do estreitamento e reforço de relações partidárias, um Acordo Geral de Cooperação e um Comunicado Conjunto fixaram o grau de desenvolvimento e relacionamento entre o PCP e o MLSTP.

Nesse âmbito um convite foi endereçado a uma delegação do MLSTP, cuja data da realização foi acordada a partir dos contactos encetados desde Outubro do ano findo.

É assim que a oportunidade desta visita se concretiza neste momento.

Trazemos ao PCP e ao povo português a mensagem de amizade e de fraternidade do MLSTP e do Povo de S. Tomé e Príncipe.

Solidariedade recíproca

O nosso povo e a nossa organização de vanguarda não pode esquecer a solidariedade do PCP durante a nossa luta de libertação pela conquista da independência nacional e de todas as forças democráticas portuguesas que se solidarizaram com a nossa luta pela emancipação e autodeterminação do nosso povo, bem como dos países que constituíam os países das antigas colónias portuguesas.

Os povos desejam a paz, o progresso, o bem-estar e a fraternidade universal e assim sempre estivemos solidários com a luta do povo português pela democracia, que culminou com o triunfo do movimento antifascista, em que o 25 de Abril concorreu para escrever páginas gloriosas na história da vida do povo português.

A comunhão desses esforços alargou as vias desse entendimento e cooperação, que desejamos cada vez mais dinâmica e objectiva numa plataforma que permita o seu mútuo conhecimento e uma perspectiva do relacionamento em proveito de ambos os povos, numa reciprocidade de um diálogo que cimente o património da convivência da sã cooperação e de um intercâmbio exemplar na história da cooperação entre os povos.

Pela Paz e Amizade Fraternal e pelo triunfo da democracia!

O MLSTP no seu programa visualiza o alargamento da cooperação multiforme entre partidos e organizações democráticas, como ponto alto do dimensionamento da sua política de relações exteriores.

Só o conhecimento mútuo entre os povos forja o cadinho duma solidariedade e cooperação cuja relevância se afirma no respeito mútuo, amizade e cooperação frutuosa.

Nestes dias em que toda a Humanidade vem celebrando a vitória das forças aliadas na frente da coligação anti-hitleriana, a lição desse holocausto sem precedentes na História do universo demonstra, de forma patente, que a exigência dum mundo de paz é condição indispensável para a salvaguarda das conquistas da Humanidade.

Essa exigência é mensagem imperativa para que os problemas dos povos que lutam pela liberdade e democracia, contra o colonialismo e todas as formas de dominação, possam encarar o futuro com confiança e encontrem a receptividade no empenho e determinação, numa vontade política concretizada, num porvir que transforme o nosso planeta na pátria da Humanidade.

A realidade em S. Tomé

Camaradas: neste nosso encontro as nossas palavras despretenhiosas têm como objectivo o reforço de um clima de amizade e de compreensão recíproca.

Quando os amigos se encontram falam dos problemas, do seu quotidiano, do seu labor, das suas dificuldades, do seu esforço titânico para salvaguardar a sua dignidade e personalidade.

E assim, camaradas, junto à nossa mensagem, trazemos um pouco da vida do nosso povo e da sua luta pela consolidação da sua independência política, económica, social e cultural.

Este ano de 1985 tem uma importância vital para o nosso povo e para a nossa nação.

1985 é o ano histórico do décimo aniversário da nossa independência nacional. Esse período importante da nossa vida representa o desafio que, com lucidez e maturidade, assinamos perante o povo e perante a História, para erguermos bem alto a comunhão dos nossos esforços para sairmos vitoriosos da crise económica mais aguda da época contemporânea, que se abate, de forma drástica, sobre os países pobres e subdesenvolvidos como o nosso.

Ao fazermos o balanço do primeiro decénio da nossa vida, como povo livre e independente, procedemos à avaliação dos nossos sucessos e insucessos e da arrancada que todo um povo decidido jurou empreender pela sua sobrevivência e pelo seu desenvolvimento harmónico.

Este ano de 1985 é para nós momento privilegiado para prestarmos uma justa homenagem a todos aqueles santomenses que ao longo dos séculos de dominação e de humilhação, vítimas e heróis

PCP

quase total do aparelho do Estado, do aparelho produtivo, das fontes de financiamentos, dos circuitos comerciais internos e do comércio externo, dos quadros técnicos, administrativos e especializados, do sistema escolar e dos serviços de saúde, — em resumo a **construção total de uma nova sociedade.**

Neste caminho glorioso, as dificuldades, e mesmo graves dificuldades, são inevitáveis.

Por isso, ao mesmo tempo que nos alegramos com os êxitos alcançados nesses países, acompanhamos solidários as dificuldades que encontram e os perigos que os ameaçam.

Depois da **Revolução de Outubro** e da constituição da comunidade socialista em resultado de outras revoluções socialistas vitoriosas, a **derrocada do colonialismo em África e na Ásia foi o acontecimento de mais profundo significado e de maior influência na evolução da Humanidade.**

O imperialismo, cuja própria existência é a exploração e a rapacidade, não se conforma com essas vitórias da luta libertadora dos povos. Por isso utiliza todos os seus recursos e meios para fazer andar para trás a roda da História.

Procura novos meios de exploração e domínio económico. Boicota os novos Estados. Corta-lhes financiamentos. Recusa vender e comprar. Fomenta divisões e conspirações. Faz ameaças e chantagem. Organiza, munícia e açula grupos terroristas e acções armadas.

Nós somos activamente solidários para com os povos em luta contra o imperialismo.

Somos activamente solidários para com o povo de Angola e o MPLA-Partido do Trabalho. Para com o povo de Moçambique e o Partido Frelimo. Para com o povo de Cabo Verde e o PAICV. Para com o povo da Guiné-Bissau e o PAIGC. Para com o povo de S. Tomé e Príncipe e o MLSTP.

E, uma vez que falamos de povos que estiveram submetidos ao colonialismo português, é também oportuno insistir em que somos activamente solidários para com o povo de Timor-Leste invadido, ocupado, martirizado, massacrado pelas tropas fascistas indonésias, povo que, sob a direcção da Fretilin, luta valentemente de armas na mão contra o ocupante e que, como aqueles que já se libertaram, tem pleno direito à autodeterminação e à independência.

Continuaremos a desmascarar os planos de Mário Soares e o seu Governo para entregarem Timor-Leste à Indonésia, e lutaremos para que Portugal, como é seu dever expressa e explicitamente consagrado na Constituição, actue para assegurar o direito do povo de Timor-Leste à independência.

As relações de Portugal com os Estados de língua oficial portuguesa

No longo memorial da luta dos povos, o 25 de Abril (não a data mas o processo) é talvez exemplo único da libertação simultânea alcançada, tanto pelo país dominante como pelo país dominado, em resultado da luta conjunta e reciprocamente solidária dos respectivos povos.

O 25 de Abril criou assim uma ímpar situação histórica para a criação de relações preferenciais de amizade e de estreita cooperação, em todos os domínios, entre Portugal e os novos Estados africanos de língua oficial portuguesa.

Para que a extraordinária importância dessa situação e desse momento histórico fosse compreendida e para que essa promissora perspectiva se concretizasse, apenas uma condição era necessária: que as relações entre o Estado português e esses Estados se fundamentassem em princípios geralmente reconhecidos no Direito Internacional: a igualdade, o respeito pela soberania e a independência nacionais, a reciprocidade de vantagens e a não ingerência nas questões internas.

Foi compreendida a situação? Concretizou-se a perspectiva? E, se a situação não foi compreendida e a perspectiva não se concretizou, qual a razão ou razões?

É forçoso dizer-se que, se a situação não foi compreendida e se a perspectiva se não concretizou, isso deve-se ao facto de que as forças sociais e políticas que têm estado em sucessivos Governos, incluindo o actual, não cortaram em absoluto com o vergonhoso passado colonialista e **nunca aceitaram como irreversível a opção de total independência e progresso social dos povos libertados.**

Sucessivos Governos, incluindo o actual, ao serviço de projectos de recuperação colonialista dos antigos monopólios e da política agressiva do imperialismo (nomeadamente do norte-americano), passaram a considerar como objectivo estratégico da sua política africana a liquidação dos regimes existentes e das forças políticas que os dirigem.

Por isso sabotam o desenvolvimento das relações económicas. Por isso, em cooperação com a África do Sul, apoiam e ajudam os bandos terroristas armados e permitem a sua livre actuação em território português. Por isso fazem promessas que não cumprem. Por isso fomentam a intriga e a conspiração.

São esses conceitos, essa orientação, esses objectivos, essas práticas, que levaram sucessivos governos a não respeitarem, nas suas relações com os novos Estados africanos, nenhum dos princípios atrás referidos: nem a igualdade, nem o respeito pela soberania e a independência, nem a reciprocidade de vantagens, nem a não ingerência nas questões internas.

É nestes factos que reside a causa fundamental de não se terem concretizado, após o 25 de Abril, as possibilidades de um amplo, profundo, amistoso e mutuamente vantajoso desenvolvimento das relações entre Portugal e os Estados africanos de língua oficial portuguesa.

As relações entre os nossos povos não têm problemas. É necessário que também os não tenham as relações entre os Estados.

Pela nossa parte, lutaremos em Portugal para que, na política externa de um governo democrático, seja inscrito, como um dos pontos prioritários, o desenvolvimento de relações de verdadeira amizade e cooperação com os países africanos de língua oficial portuguesa.

Abril — afirmação da independência nacional

Nós saudámos com profunda alegria a conquista da independência por povos submetidos ao domínio estrangeiro. Inspirados pelo internacionalismo proletário somos activamente solidários para com eles.

Mas o nosso internacionalismo é inseparável do nosso patriotismo.

Estamos ao lado daqueles que amam e defendem as suas pátrias. E é absolutamente certo que, se o fazemos, é também porque amamos e defendemos a nossa.

A Revolução de Abril não foi só uma revolução democrática. Foi também uma revolução nacional.

Reconhecendo o direito à liberdade e à independência dos povos então submetidos ao colonialismo português, a Revolução de Abril constitui uma exaltante afirmação da nossa própria liberdade e independência.

A Revolução não tomou as medidas adequadas para que o País se libertasse das posições imperialistas dominantes na nossa economia, nem para que diminuíssem as posições militares estrangeiras no nosso território.

Mas, apesar dessas carências — que não foram tanto um erro,

COMICIO de AMIZADE
PCP - MLSTP

ALVARO CUNHAL
ALDA ESPIRITO SANTO

10 MAIO
21,30 H

no Salão dos Bombeiros Voluntários do Cacém



como uma impossibilidade —, Portugal retomou a sua dignidade, a sua identidade e a sua voz própria na arena internacional.

O facto que, situando-se na Europa capitalista e sendo membro da NATO, Portugal liquidou o capitalismo monopolista e empreendeu a Reforma Agrária, as transformações democráticas realizadas e a configuração progressista e original do regime estabelecido e consagrado na Constituição representam uma poderosa afirmação da nossa independência nacional.

Também, durante o período de fluxo e de democratização da vida nacional, se produziu uma profunda viragem nas relações externas de Portugal.

Onde havia domínio colonial passou a haver relações com Estados soberanos.

Onde havia total corte com os países socialistas passou a haver relações diplomáticas normais.

Onde havia submissão efectiva aos interesses dos grandes países imperialistas passou a haver uma decisão própria, portuguesa.

Depois as coisas mudaram. Mas com Abril foi assim.

Não foram só os povos africanos que viveram com a libertação do colonialismo a hora exaltante da independência nacional conquistada.

Também nós, os portugueses, vivemos a hora da independência reconquistada com o derrubamento da ditadura fascista.

A afirmação da independência nacional foi também uma das grandes conquistas de Abril.

Com Abril o povo português reencontrou a sua pátria.

Com Abril, depois de quase século de opressão e terror, nós, os portugueses, sentimos que finalmente Portugal nos pertence.

anónimos, regaram com o seu sangue o solo sagrado da nossa terra insular.

Assim, uma grande movimentação, uma campanha pela revitalização da nossa economia está sendo desencadeada pelo cumprimento integral do programa do MLSTP no domínio político, económico e social e no âmbito das relações exteriores.

Este ano de 1985, teve como saldo positivo e encorajador, nos primeiros meses, a realização com êxito em S. Tomé, da Quinta Cimeira dos Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa.

Foi um momento alto na vida do nosso povo, a mobilização de todo um povo em torno dos seus dirigentes, pela realização com êxito desse evento.

As acções programadas que visam encarar com maior determinação o início do segundo decénio da independência tiveram como marco determinante de motivação e estímulo um significativo e histórico comunicado emanado da reunião conjunta do executivo do MLSTP e do Estado, nomeadamente do Bureau Político do Comité Central do MLSTP e do Conselho de Ministros.

O discurso do Presidente do MLSTP, camarada Manuel Pinto da Costa, na sua qualidade de Presidente da República, por ocasião da abertura solene da primeira sessão anual da Assembleia Popular Nacional, inscreveu-se na vasta campanha de dinamização, rumo às realizações do ano do décimo aniversário.

Cada militante do MLSTP, cada cidadão nacional, homem, mulher, jovem e criança, nos seus lugares de serviço, nas suas zonas residenciais, estão levando a cabo compromissos significativos em saudação aos grandes acontecimentos deste ano.

Debates sobre a política económica e social, que desencadearão perspectivas renovadoras para o futuro, estão sendo preparados, que envolverão a participação de todo o cidadão do nosso país.



Tarefas importantes

Camaradas:

Com afino analisaremos os problemas envolventes dos órgãos do poder popular e estamos criando condições para apoiar com entusiasmo a realização da Segunda Assembleia Ordinária do MLSTP, das Eleições Gerais que terão lugar no quadro das etapas das grandes actividades, do segundo plano, perspectivo, da Mesa Redonda, do Ano Internacional da Juventude e da Conferência da OMSTP, a organização das Mulheres de S. Tomé e Príncipe.

Camaradas:

O povo de S. Tomé e Príncipe pretende transformar o ano de 1985 num autêntico processo de consolidação da unidade nacional, de combate às anomalias ainda existentes na nossa sociedade e no aumento da produção e da produtividade.

O nosso engajamento na realização dessas tarefas concretas, está no âmbito da solidariedade com os povos em luta em todos os pontos do planeta.

Não queremos ser mais exaustivos na exposição do nosso quotidiano.

Queremos agradecer a todos os militantes do PCP a amizade e o acolhimento fraternal testemunhado à nossa delegação, que reconhecidamente agradecemos em nome do MLSTP e do nosso povo.

À Direcção do PCP, na pessoa do seu prestigioso Secretário-Geral, camarada Álvaro Cunhal, apresentamos as mais vivas e cordiais saudações militantes, em nome do MLSTP e do seu Presidente, o camarada Pinto da Costa.

Viva o Povo Português
Viva a Amizade e Solidariedade existente entre o PCP e o MLSTP

(Subtítulos da responsabilidade da Redacção)

PCP

DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL

O Governo PS/PSD — capitulação e subserviência

(...)

O que se passa com o governo actual? O que caracteriza a sua política sob o ponto de vista nacional?

O que a caracteriza é a **subserviência e capitulação ante o imperialismo, designadamente o norte-americano**. São concessões de natureza económica, financeira, política, diplomática e militar que estrangulam Portugal numa rede de laços de dependência e atingem gravemente a independência nacional.

O imperialismo e as suas multinacionais, pela mão do Governo, ocupam novas e dominantes posições-chave nos nossos recursos do subsolo, na nossa indústria, na nossa agricultura e, com a criação de bancos estrangeiros em condições de liquidarem a banca nacionalizada, estão em vias de tomar conta das alavancas de comando da vida económica e financeira do País.

Os acordos com o FMI arruinaram a economia portuguesa e afundaram Portugal numa dívida externa tão monstruosa que compromete literalmente o nosso desenvolvimento.

A desastrosa integração no Mercado Comum e os termos dos acordos aceites pelo Governo sacrificam os interesses nacionais à urgência política do Primeiro-Ministro e da sua ambição de ter um retrato pendurado nas paredes de Belém.

O novo acordo sobre as Lages, com o alargamento das facilidades para a utilização militar do nosso território, a instalação da estação de rastreio de mísseis de Almodôvar inserida na preparação da «guerra das estrelas», a permissão da utilização de outras bases portuguesas para acções agressivas dos Estados Unidos, a multiplicação de instalações da NATO, a utilização do porto de Lisboa por submarinos atómicos, — todas estas concessões lesam a nossa soberania nacional, fazem correr sérios riscos à segurança e tranquilidade do nosso povo.

Por isso, por decisão da Comissão Política, achámos adequado, por ocasião da visita de Reagan, apresentar ontem na Assembleia da República, pelo Grupo Parlamentar do nosso Partido, um projecto de lei determinando a **renegociação de todos os acordos de defesa ou de âmbito e incidência militar entre Portugal e os Estados Unidos**.

Estais de acordo certamente tanto com a proposta feita como com a sua oportunidade.

A visita de Reagan, um insulto a Portugal

A visita de Reagan a Portugal não esclarece, porque já estava esclarecida, mas ilustra bem a subserviência e a política antinacional de Soares e do seu Governo.

No termo da sua visita à Europa Reagan chegou a Portugal arcando com o peso de **uma das maiores derrotas diplomáticas da sua carreira**.

Veio à Europa com a mala carregada de propostas que julgava poder impor facilmente aos Governos europeus.

Trazia a proposta de uma cooperação dos seus aliados na «guerra das estrelas». Foi recusada.

Trazia a proposta do bloqueio à Nicarágua (provocatoriamente anunciado em Bona). Foi recusada.

Trazia a proposta da fixação de data para negociações de barreiras alfandegárias. Foi recusada.

Trazia propostas que dariam aos Estados Unidos uma posição dirigista da economia europeia. Foram recusadas.

Fracasso na RFA na cimeira dos «países mais ricos». Fracasso com a França. Fracasso em Espanha. Indignação e protesto geral na Europa, na América Latina, em Israel, em todo o Mundo, mesmo nos Estados Unidos, pela homenagem do presidente americano aos criminosos nazis das SS (que a RTP chama «tropas de elite») no cemitério militar de Bitburg.

Por toda a parte manifestações de protesto pelas visitas, manifestações que em alguns casos (como foi em Espanha) atingiram grandiosa dimensão.

E, entretanto, nos próprios Estados Unidos, o Senado votava contra as despesas militares propostas por Reagan e 250 000 manifestantes protestavam em Nova Iorque.

Nós daqui saudamos o povo norte-americano e saudamos também os 70 portugueses que (segundo os jornais) foram presos em Boston por se manifestarem, junto com o povo dos Estados Unidos, com cartazes contra a visita de Reagan a Portugal.

Reagan chegou à Europa com a arrogância de um gendarme mundial certo de impor a sua vontade. Volta aos Estados Unidos com um *dossier* carregado de desaires.

Também o povo português, por muitas e variadas formas, manifestou o seu protesto e a sua indignação contra a visita. O Governo mandou carregar contra manifestantes, como sucedeu aqui bem perto. Mas não conseguiu fazer calar a voz indignada de protesto.

Como expressão desses profundos sentimentos populares, milhões de telespectadores, em Portugal e no mundo, puderam ver os deputados do PCP abandonarem a sala quando Reagan subiu à Mesa da Presidência, gesto que, estamos certos, mereceu de todos os patriotas uma aprovação geral.

COMICIO de AMIZADE
PCP - MLSTP

ÁLVARO
CUNHAL

10 MAIO
21,30 H

no Salão dos
Bombeiros
Voluntários
do
Cacém

ALDA
ESPIRITO
SANTO

E Reagan? Reagan trouxe consigo um exército de 500 polícias que para aí andaram, dispensáveis e arrogantes, ofendendo a acção dos serviços portugueses de segurança. E seria bom saber se é verdade ou mentira o que para aí corre: que a segurança americana insultuosamente teria exigido que a Guarda de Honra da GNR tivesse as armas descarregadas.

Na Assembleia da República, foi o ridículo em 4 actos.

Começa porque (1.º acto) em vez de entrar por onde entra toda a gente, tomou como pretexto visitar o seu «very special friend» que reside nos jardins de S. Bento, e assim, sem ofensa para o sr. Primeiro-Ministro, Reagan entrou na Assembleia pela porta do cavalo.

Depois (2.º acto) foi a pomba acorrentada, deixada pelo deputado de «Os Verdes», susto tão grande ante o símbolo da paz que um da segurança americana a quis logo tirar, o que não lhe foi permitido pelo protesto dos deputados comunistas, enquanto os deputados do PSD começavam a retirar em massa talvez por entenderem que onde estão pombas não entram falcões.

Depois (3.º acto) foi a técnica para a oratória: uma aparelhagem tão sofisticada que, a fingir que improvisava, mas lendo de facto, o presidente durante todo o discurso (como observa um jornal) dava mecanicamente à cabeça de um lado para o outro como quem assiste a um jogo de ping-pong.

E finalmente (4.º acto) o discurso em si mesmo. Talvez também por se lembrar dos velhos tempos, o discurso foi a política dos falcões cuidadosamente enrolada num sermão moralizante, que nos fez lembrar um desses pregadores que todos nos habituámos a ver e ouvir enfadados nos maus filmes do *far-west*.

Quanto aos deputados da direita, bateram as palmas (já agora também digo em inglês) à *his master's voice*. E aí, pelo país, fascistas e reaccionários vitoriam Reagan como se Portugal fosse um protectorado. Na onda de vassalagem, o presidente (CDS) da Câmara Municipal de Lisboa, já que Reagan não ia à Câmara, mandou que levassem o Livro de Honra da Cidade de Lisboa para Reagan assinar — acto sem precedentes que é uma vergonha para a nossa capital.

Mas pior e mais sério de consequências foi o Governo.

Distinguindo-se dos outros primeiros-ministros e dos outros governos europeus, **Soares recebeu Reagan como quem recebe um patrão**.

Como ramos de flores, ofereceu previamente a Reagan a autorização para a abertura de mais uma companhia de seguros e de dois bancos norte-americanos; a prorrogação do contrato para as emissões a partir de Portugal da «Radio Free Europa», instrumento de provocação e subversão, entre outros, contra os países socialistas; novas facilidades militares no nosso território; a confirmação do acordo das Lages que admite que trabalhadores portugueses em território português não tenham a protecção da lei portuguesa e fiquem abandonados ao arbítrio dos militares dos Estados Unidos.

No que respeita às conversações, Reagan declarou a um repórter de «O Jornal» que obtivera «todo o apoio» do Governo de M. Soares à política norte-americana na Nicarágua.

Na Assembleia, Reagan fez um prudente sermão. Mas noutras declarações, ingeriu-se grosseiramente na nossa vida política interna.

É um insulto a Portugal que todos os patriotas justa e indignadamente rejeitam.

Para concluir esta matéria, é de sublinhar que um Governo português tem o dever de defender os interesses nacionais e de receber os chefes de Estado de outros países, não com a espinha curvada, mas de pé e de cabeça erguida. Não numa atitude de subserviência e capitulação, mas como defensor e garante da dignidade e da independência nacionais.

Um Governo que sacrifica os interesses nacionais aos interesses das forças que o compõem e do seu Primeiro-Ministro, um Governo de subserviência e capitulação, é um Governo que perde toda e qualquer legitimidade (mesmo que ainda a tivesse) para continuar à frente dos destinos do País.

É mais uma razão, e forte razão, para que o Governo PS/PSD seja urgentemente demitido.

A grande batalha do momento

Há razões de sobra para essa demissão que o povo português há muito reclama.

O Governo PS/PSD é um Governo que tudo agravou e que nada resolveu.

É um Governo que não respeita, nem Constituição, nem legalidade, nem Presidente da República, nem Tribunais, nem as mais elementares normas de vida democrática.

É um Governo que tem como objectivo fundamental e determinante de toda a sua política a restauração dos monopólios do tempo do fascismo e do seu poder político.

É um Governo que, violando a Constituição, sem quaisquer escrúpulos, usurpando o Poder e abusando do Poder, numa actuação manifestamente subversiva e golpista, procura liquidar as nacionalizações, a Reforma Agrária, os direitos dos trabalhadores e as outras conquistas de Abril.

É um Governo que conduziu a economia ao desastre, o sistema financeiro à beira da ruptura, o País a um endividamento externo que suga só em juros grande parte dos nossos recursos.

É um Governo que provocou uma gravíssima situação social, que tem como traços os despedimentos, o desemprego, tocando particularmente as mulheres e os jovens, os salários em atraso, a descida dos salários reais, os preços galopantes, o aumento incomportável das rendas de casa, o preço da saúde, a degradação do ensino, a miséria e a fome que alastram por todo o País.

É um Governo que instrumentaliza e manipula a Comunicação Social, que usa o Poder, os meios do Estado, os dinheiros públicos, para fins partidários e eleitoralistas.

É um Governo atolado na corrupção e que na corrupção atola o País.

É um Governo que ataca as liberdades e recorre de forma crescente à repressão.

É um Governo — e esta é uma acusação maior de que muitos portugueses não tomaram consciência — que está fazendo ao estrangeiro concessões e cedências vergonhosas que, a não serem rapidamente interrompidas, conduzirão de novo Portugal, tal como acontecia no tempo da ditadura, à condição de um país colonizado na Europa.

E, para mais, é um Governo que, pondo-se à margem da Constituição e da legalidade, afrontando os outros órgãos de soberania, procurando governamentalizar o Estado e toda a vida nacional, **impede de facto e de há muito o regular funcionamento das instituições**.

E, para mais, é um Governo de partidos de tal forma divididos que não se sabe quem está com quem, de uma chamada coligação que deixou de ser uma coligação governamental para se tornar **uma associação de cúmplices procurando a sobrevivência, dispondo na Assembleia da República de uma maioria de deputados que há muito deixaram de corresponder a uma maioria eleitoral**.

É para salvar o País de um desastre ainda mais profundo, é em nome dos interesses do povo e da pátria, é em nome da defesa da democracia e da independência nacional que o povo reclama que o Governo PS/PSD com urgência vá para a rua.

Todos os democratas, todos os patriotas, temos o dever, nesta grave hora da vida nacional, de concentrar forças, esforços, trabalho, luta, iniciativa, influência, para alcançar **este objectivo fundamental, central e prioritário na situação política actual: a demissão de M. Soares e do seu Governo PS/PSD**.

Como o tempo passa há quem comece a descrever que este objectivo possa ser alcançado. Não há razão para descrever. Há razões para continuar a luta e com confiança em que o objectivo pode ser alcançado.

Política não é futebol. Mas já que há tanta paixão pelo futebol (certamente também nesta sala) talvez que uma comparação seja ajustada.

É ou não verdade, camaradas, que o golo da vitória é com frequência obtido nos últimos minutos?

O essencial é lutar até ao fim e lutar com confiança. Porque quem porfia sempre alcança.

Meses que decidem o futuro

Estes meses que estão decorrendo decidem do futuro do nosso povo e do nosso país, pelo menos do futuro próximo imediato.

Se o Governo PS/PSD e a Assembleia da República com a actual composição continuam para além destes meses, a situação não será desesperada, mas a luta será mais difícil.

Demissão do Governo, dissolução da Assembleia da República, eleições antecipadas são objectivos fundamentais da nossa luta actual.

Sem dúvida que as lutas se desenvolvem com muitos outros objectivos — económicos, sociais, políticos e culturais.

Sem dúvida que é absolutamente necessário não só continuar, mas ampliar e intensificar, as lutas dos trabalhadores, das mulheres, dos jovens, dos intelectuais, dos quadros técnicos, dos agricultores, dos comerciantes, dos reformados, dos deficientes, por objectivos concretos imediatos.

Sem dúvida que devemos assegurar a realização das mais variadas iniciativas do Partido e unitárias e prosseguir com dinamismo a preparação para as eleições autárquicas, que se devem realizar nos fins do ano, que o nosso Partido examinará na Conferência Nacional no dia 26 deste mês e nas quais é necessário e possível assegurar novas e grandes vitórias da APU.

Mas é essencial, no momento presente, que todas as lutas e todas as iniciativas confluem numa mesma torrente de acções de massas exigindo a **demissão do Governo e eleições antecipadas para a Assembleia da República**.

Por isso não é esta a altura de deixarmos absorver os nossos cuidados e energias pelos problemas das eleições presidenciais, que se virão a realizar em condições previsivelmente muito diferentes das actuais.

(...)

No quadro dos partidos existentes, **o PCP, sempre com a classe operária e as massas populares, é o único garante do Portugal de Abril**.

O novo partido em formação, se não perder tempo e andar para a frente, poderá desempenhar importante papel para uma mudança positiva na política nacional.

Mas em nenhum caso dispensará ou substituirá o papel do PCP.

Por isso o reforço do PCP é do interesse, não apenas dos comunistas, mas de todos os democratas e patriotas. Por isso o PCP se tem reforçado e continua a reforçar-se.

A vida mostra que **só com os comunistas e com os trabalhadores se poderá salr da crise e se poderão resolver os problemas nacionais**.

Insistimos hoje como temos insistido.

Não pretendemos resolver sozinhos os problemas nacionais. Estamos prontos a assumir as nossas responsabilidades juntamente com todos aqueles que, seja qual for o sector político em que se têm situado, estão dispostos a trabalhar com empenhamento e honestidade para salvar Portugal do completo desastre.

A nossa proposta da formação de **um Governo Democrático de Salvação Nacional**, quaisquer que sejam os resultados das eleições antecipadas para a Assembleia da República é a prova da plena consciência que temos da gravidade da situação e da contribuição que estamos dispostos, prontos e em condições de dar.

É com confiança que continuamos a luta. A reacção será derrotada e Portugal de Abril vencerá.

(...)

PCP

Álvaro Cunhal em Beja e em Baleizão

O secretário-geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, deslocou-se no próximo domingo, dia 19, ao distrito de Beja, para participar, primeiro, na inauguração do novo Centro de Trabalho da Comissão Distrital do PCP (situado por baixo do actual CT, na Rua

Dr. Pereira Coelho, em Beja) e, depois, na jornada evocativa de Catarina Eufémia, em Baleizão.

A visita ao novo Centro do Partido na capital do Baixo Alentejo está marcada para as 13 horas, aguardando-se a participa-

ção entusiástica dos membros do Partido e da população da cidade.

Em Baleizão, depois da romagem ao cemitério, cerca das 14 horas, haverá um comício com intervenção do secretário-geral do Partido, às 15 horas.

Octávio Pato em Alverca:

Visto o que fazem agora o que fariam depois!...

Quando as forças reaccionárias e de direita querem pôr na ordem do dia as eleições presidenciais, quando de facto o que está na ordem do dia é a demissão do Governo, elas querem pôr a carroça à frente dos bois — afirmou Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do Partido, na tarde do último domingo, em Alverca (concelho de V. Franca de Xira). O dirigente comunista falava no comício público de encerramento da 2.ª Assembleia da Célula dos trabalhadores comunistas da Mague, efectuada no Centro de Pessoal daquela empresa. Os trabalhos da Assembleia propriamente dita decorreram na parte da manhã, sob o lema «o Partido com os trabalhadores da Mague, defender as conquistas, continuar Abril».

Publicamos de seguida algumas passagens da intervenção ali proferida por Octávio Pato.

«Dois anos de prática governativa fora mais do que suficientes para mostrar ao País até que ponto está disposto a ir o Governo PS/PSD e a maioria de deputados que o apoia na Assembleia da República.

«E se ousam cometer os maiores atropelos contra a democracia, desrespeitar as leis, subverter a Constituição, recorrer cada vez mais ao uso da violência e da arbitrariedade, institucionalizar a corrupção, quando sabem que ainda podem ser acionados os mecanismos constitucionais que podem levar à dissolução da AR, fácil será imaginarmos do que eles seriam capazes quando esses mecanismos deixassem de poder ser acionados e o governo e a sua maioria se sentissem com as mãos livres para poderem levar à prática todas as medidas antidemocráticas e anticonstitucionais que lhes aprouvesse para afundar ainda mais o País e a economia nacional e perpetuá-los no poder.

«O prolongamento deste Governo e da actual Assembleia da República, para além da data limite em que o Presidente da República pode dissolver a Assembleia, são um perigo que o povo, o país, a democracia não podem correr.»

«Adiar ou retardar a demissão do Governo ou a dissolução da Assembleia da República, na expectativa paralisante de que a coligação PS/PSD se romperá, poderá representar uma derrota

política irreparável para todos os que podem contribuir para esse imperativo patriótico e não se decidem a contribuir para o que seria um grande sucesso nacional — a imediata demissão do Governo.

«A demissão do Governo e a dissolução da Assembleia da República constituem no momento presente, o maior imperativo nacional.»

«Quando as forças reaccionárias e de direita querem pôr na ordem do dia as eleições presidenciais, quando de facto o que está na ordem do dia é a demissão do governo, elas querem pôr a carroça à frente dos bois.

«Trata-se, na verdade, de uma manobra de diversão, visando retardar soluções e medidas, visando ganhar posições, da qual naturalmente Mário Soares, e o seu Governo, beneficiariam, até porque ele é, na actualidade, o mais legítimo candidato da direita, o único já com uma campanha eleitoral em marcha.

«Certamente muitos de vós tiveram a oportunidade de ver (pois que a televisão disso bem se encarregou) o recente e enternecedor jantar de Mário Soares com sindicalistas amarelos, onde estes, pela voz de Torres Couto, encarecidamente lhe rogaram que se candidate à Presidência da República, e de como Mário Soares, no seu estilo grandiloquente, acede pressuroso mas pedindo-lhes que dêem tempo ao tempo. Declarou ele

V. Real de S. António

Culminando uma activa fase preparatória, que se desenvolveu durante um mês, com reuniões e plenários para debate da documentação e eleição dos delegados, vai realizar-se no próximo domingo, dia 19, a 3.ª Assembleia da Organização Concelhia de Vila Real de Santo António, do PCP.

Os trabalhos decorrerão a partir das 14 horas nas instalações do Lusitano Futebol Clube, prestigiosa colectividade algarvia.

À noite, cerca das 21 e 30 horas, haverá um comício público de encerramento com Carlos Brito, membro da Comissão Política do Partido, um dos deputados comunistas eleitos pelo Algarve.



Catarina o exemplo vivo

Catarina Eufémia é nome que não se esquece.

É símbolo de coragem e de luta. É também exemplo que vive hoje e sempre entre todos os que lutam pelo direito ao futuro, e à dignidade.

Catarina Eufémia tombou em 19 de Maio de 1954. Contra a voz e a força de quem exigia justiça, pão e trabalho, as balas assassinas do fascismo provocaram a morte da jovem camponesa, nos campos do Alentejo.

Foi em 54. Mas ainda hoje o povo alentejano recorda o crime cobarde, recorda o exemplo de Catarina, associa-o à luta dos tempos presentes pela Reforma Agrária, o pão e o trabalho. Por Abril!



Os difusores do «Avante!» junto à Casa-Museu Lénine, em Gorki

Difusores do «Avante!» visitaram a URSS

Acaba de regressar da URSS, um grupo de difusores do «Avante!» que assistiu às comemorações do 1.º de Maio na capital soviética, a convite do «Pravda» órgão central do PCUS.

Para além de Moscovo, os nossos camaradas visitaram a República Socialista Soviética da Moldávia, em cuja capital, Kichinev, tiveram um encontro com o responsável da Secção de Informação e Propaganda do CC do Partido e visitaram um kolkoze, um sovkoze e uma fábrica de material electrónico; foram recebidos na Casa da Amizade da República da Moldávia e visitaram o Museu/Tipografia Clandestina do «Iskra».

O grupo de difusores do «Avante!» deslocou-se também a Odessa, na República Socialista Soviética da Ucrânia, sendo

recebidos no soviete local; visitaram o porto e locais histórico-culturais como o Museu de materiais que testemunham a defesa de Odessa durante a II Guerra Mundial, os locais subterrâneos onde os resistentes organizaram toda a vida durante a defesa da cidade, e prestaram homenagem ao marinheiro desconhecido. Os nossos camaradas assistiram em Odessa, nos dias 8 e 9 de Maio, às comemorações do 40.º aniversário da vitória sobre o nazi-fascismo.

Antes do regresso a Portugal, os nossos camaradas tiveram um encontro na sede do «Pravda», em Moscovo.

Esta visita realizou-se no quadro das fraternais relações de amizade, solidariedade e cooperação existentes entre o PCP e o PCUS e os respectivos órgãos centrais.

Campanha para o CT da DORS quase nos 8 mil contos

Vai já em quase 8 mil contos a campanha de fundos para o novo Centro de Trabalho da Direcção Regional de Setúbal (DORS) do PCP, iniciativa que mobiliza a organização do Partido nos 13 concelhos da região e que regista desde já exemplos significativos de empenhamento, de imaginação e criatividade, e também de viva solidariedade manifestada por largos sectores da população.

Na sua segunda edição, o boletim informativo da campanha, editado pela SIP/DORS, destaca algumas das iniciativas em preparação, nomeadamente a Festa do Barreiro (Junho), a participação do PCP nas festas municipais da Moita (24, 25 e 26 de Maio), a recolha do papelão em Setúbal e da sucata em Grândola, e a Festa da Amizade em Almada (31 de Maio, 1 e 2 de Junho).

Outras iniciativas, como a do serviço de refeições nos CTs da Moita e a recolha de peixe em Sesimbra, ou ainda o exemplo da célula da Cooperativa Militão (todos os camaradas ficaram com o cartão dos mil escudos por militante), merecem também referência no 2.º número do boletim informativo, que além do gráfico da campanha publica a primeira parte de uma entrevista com o camarada Laranjeiro, de Almada, responsável pelo espectáculo itinerante, a realizar no âmbito da campanha.

Porto: deputados comunistas contactam realidades do distrito

António Mota, Ilda Figueiredo e Gaspar Martins, deputados comunistas pelo círculo do Porto, realizaram recentemente visitas à Utic e à Unicer, empresas localizadas em Laborim/V. Nova de Gaia e Leça do Balio/Matosinhos, respectivamente. Os três deputados foram acompanhados nas suas visitas àquelas unidades industriais por representantes dos trabalhadores e das administrações, inteirando-se da situação, problemas e perspectivas das duas empresas.

Entretanto, no próximo fim-de-semana, iniciando as suas visitas já amanhã, os deputados do PCP estarão no concelho de Gondomar para contactarem diversos problemas locais. Estão previstos encontros com organizações juvenis e estudantis, estruturas do Poder Local, empresas, colectividades e bairros, num conjunto de reuniões e visitas que decorrerão até domingo.

Empresas dos Olivais

As acções decorrentes da situação política e social estarão em foco no plenário de militantes comunistas das empresas da freguesia dos Olivais, em Lisboa, marcado para a próxima quarta-feira, dia 22, a partir das 18 e 30 horas, no Centro de Trabalho de Moscavide. Francisco Lopes, do Comité Central do PCP, participará no plenário.

Escritórios de Lisboa

O camarada Blanqui Teixeira, da Comissão Política e do Secretariado do Partido, será um dos participantes na II Assembleia da Organização dos Escritórios de Lisboa, a realizar no sábado, dia 18, no CT Vitória, a partir das 10 horas. O dirigente comunista discursará no encerramento da Assembleia, iniciativa que culmina um vasto trabalho preparatório com plenários e reuniões nas células de empresas.

1.ª Zona da Organização Local de Lisboa

«Reforçar e alargar o Partido, lutar e defender Abril» é o lema da IV Assembleia da 1.ª Zona da Organização Local de Lisboa, que decorrerá no próximo domingo, dia 19, na Caixa Económica Operária, à Rua Voz do Operário. Os camaradas do Comité Central José Casanova, da Comissão Política, e Francisco Lopes participarão nos trabalhos da Assembleia.

Naturais de Ferreira do Zêzere Rio Maior e V. Nova de Ourém

No Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, vão realizar-se amanhã (sexta-feira) à noite reuniões com camaradas naturais ou ligados a Ferreira do Zêzere, Rio Maior e Vila Nova de Ourém (concelhos do distrito de Santarém), residentes na área da Grande Lisboa. Na primeira dessas reuniões, marcada para as 21 e 30 horas, participará o camarada Fernando Oliveira, membro da DORSA do PCP; nas outras duas, marcadas para as 21 horas, participarão, respectivamente, os camaradas da DORSA Eugénio Pisco, do Comité Central, e Mário Rodrigues.

Excursões a Évora

A organização local de Lisboa do PCP está a preparar excursões de solidariedade a Évora, para o segundo dia da 9.ª Conferência da Reforma Agrária. As inscrições funcionam em todos os Centros de Trabalho do PCP incluindo o Centro Vitória, na Avenida da Liberdade, 170. Cada excursionista — um participante solidário nas jornadas de encerramento da Conferência — pagará 500 escudos.

Plenário em Castro Daire

Os comunistas de Castro Daire, no distrito de Viseu, reúnem-se em plenário no próximo sábado, dia 18, na casa do camarada Mendes. O início da reunião está previsto para as 21 horas.

PCP



O novo Centro de Trabalho da Direcção Regional de Trás-os-Montes constituirá um precioso instrumento para a dinamização da actividade partidária e para o conjunto das acções e tarefas dos militantes comunistas na região (na foto: aspecto da 3.ª Assembleia da Organização Concelhia de Vila Real, Novembro do ano passado)

Trás-os-Montes

CT da Direcção Regional será inaugurado no domingo

Domingo será inaugurado em Vila Real o novo Centro de Trabalho da Direcção Regional (DORT), jornada festiva que está a ser aguardada com expectativa em toda a região e particularmente na cidade.

O novo CT, instrumento fundamental para a actividade e o

funcionamento do Partido, está localizado no centro da capital transmontana, na Rua António Azevedo, 41, junto do tribunal. Além de uma área de rés-do-chão, a casa tem 1.º e 2.º andar, num total de 11 divisões, além de um pátio, com boas condições, por exemplo, para realização de convívios, como

acontecerá já no domingo. Do programa previsto para o sinalhar a inauguração do CT constam, nomeadamente, o hastejar das bandeiras, a visita às instalações, um «momento político» com intervenções da DORT e de um camarada da direcção do Partido e, depois, o convívio com alguns «comes-e-bebes».

Prevê-se uma boa participação de militantes comunistas, amigos e simpatizantes do Partido e outros democratas de Vila Real.

A casa onde funciona agora o novo CT está alugada, decorrendo de uma campanha de fundos para o equipamento e encargos de instalação.

Homenagem a Raimundo Porta

Promovida pela Comissão Concelhia local do PCP, decorreu no último domingo em Torres Vedras uma jornada evocativa do militante comunista Raimundo Porta, lutador antifascista, homem de prestígio bem conhecido em Torres Vedras, falecido há um ano. Realizou-se em primeiro lugar uma romagem ao cemitério de S. João, onde se encontra a sua campa e onde foi descerrada uma lápide evocativa. Na altura, usaram da palavra Georgeze Ferreira, do Comité Central e da DORL do PCP; Martins, da C. Concelhia; e Faria Borda, resistente do Tarrafal e membro da Direcção da URAP. A jornada prosseguiu com o descerramento de uma outra lápide no parque de jogos do SC União Torreense, onde, em breve cerimónia, o presidente do clube, Dr. António Rosa, realçou as qualidades do desportista evocado. Por último, as largas dezenas de participantes na homenagem assistiram à inauguração de uma placa topomímica numa artéria de T. Vedras, decidida pelo Município. Nesse momento, registaram-se as intervenções do vereador da CM, Manuel Fernandes, e do presidente da autarquia.

S. António dos Olivais (Coimbra)

Está marcada para o próximo sábado, dia 18, a 2.ª Assembleia da Organização do Partido na freguesia de Santo António dos Olivais, em Coimbra. Os trabalhos desta Assembleia decorrerão na Escola do Magistério Primário, a partir das 14 e 30 horas. Jaime Serra, da Comissão Política do Partido, e Vasco Paiva, do CC, estarão presentes no encontro dos comunistas de S. António dos Olivais, que vão eleger a nova Comissão de Freguesia do PCP.

Encontro concelhio em Loures

Medidas para a concretização dos planos de actividades dos órgãos autárquicos, prioridades do trabalho, política de recuperação de bairros clandestinos e combate aos loteamentos ilegais — estes os temas previstos para o debate a realizar no encontro concelhio de quadros do PCP, de Loures, no próximo domingo, dia 19, no parque municipal do Cabeço de Montachique. O encontro funcionará das 10 às 13 horas em secções e das 15 às 17 horas em sessão plenária. Como nos salienta o Secretariado Concelhio de Loures do PCP, «dadas as condições existentes no local, para além de dia de trabalho, será também um dia de fraterno convívio, com a participação de uma charanga, de um grupo de palhaços, teatro e um grupo de cantares regionais».

Visita de deputados ao Algarve

Carlos Brito e Margarida Tengarrinha, deputados do PCP eleitos pelo círculo do Algarve, realizam no próximo fim-de-semana uma visita de trabalho à região, em contacto directo com as populações e organismos do distrito. Amanhã terão um encontro com a comissão de gestão do Hospital Distrital de Faro e no sábado estarão no concelho de Alcoutim para uma visita pormenorizada.

Trabalhadores

Amanhã e sábado, em Almada

As mulheres trabalhadoras têm uma palavra a dizer

Amanhã, em Almada, na «Incrível Almadense», pelas 14 horas, inicia-se a 2.ª Conferência da Mulher Trabalhadora, promovida pela CGTP-Intersindical Nacional. Dando a conhecer as razões da iniciativa realizou-se, ontem, uma conferência de imprensa, tendo sido feita a análise e o balanço sobre a evolução das mulheres trabalhadoras portuguesas na última década, bem como dos plenários de empresa e distritais efectuados no âmbito da preparação da Conferência.

Aliás, todo este trabalho preparatório, pelo dinamismo e participação demonstrados, veio dar uma nova dimensão à Conferência. Só no distrito de Setúbal, no espaço de uma semana, realizaram-se 32 plenários. No Porto, no passado dia 10, realizou-se um encontro distrital, o mesmo sucedendo em Évora, no dia 12, bem como noutros pontos do País.

Quanto mais nos debruçamos sobre os problemas mais constatamos o que falta fazer para melhorar, apesar de muitas melhorias, nomeadamente a nível legislativo, terem sido introduzidas depois do 25 de Abril no respeitante à situação da mulher trabalhadora portuguesa. Mas se a nível legislativo a situação é uma, no dia-a-dia, no local de trabalho, já a situação é muito diferente e a discriminação continua a verificar-se, os salários praticados em relação à mulher são mais baixos, em resumo, o simples facto de se ser mulher que trabalha é motivo para uma atitude diferente por parte da entidade empregadora e não só.



No campo social as mulheres são as que mais sofrem devido ao mau funcionamento das escolas, à falta de creches ou ao deficiente funcionamento dos serviços de saúde, principalmente o da assistência materno-infantil

Querem uma reserva de mão-de-obra barata

Como justificadamente salienta um documento distribuído na conferência de imprensa de ontem, mais difícil do que mudar as leis é mudar a realidade de discriminação, e isto porque durante estes anos os sucessivos governos desenvolveram uma política retrógrada e contrária aos caminhos de Abril.

Um outro aspecto que vai ser debatido na Conferência diz respeito à participação da mulher trabalhadora na vida sindical como dirigente. Mas muitos assuntos, não menos importantes, vão ser minuciosamente debatidos no encontro, onde está prevista a participação de 500 delegadas, problemas que erradamente se podem catalogar como dizendo respeito apenas às mulheres mas que, efectivamente, dizem respeito a todos nós, mulheres e homens que trabalham, com reflexos importantes que se projectam na própria sociedade portuguesa.

LUTAS E TAREFAS

• **Inquérito confirma desnacionalizações no comércio de cereais, ramas de açúcar, etc.** — As conclusões de um inquérito parlamentar iniciado em Outubro de 1981 confirmam, entre outras suspeitas sobre ilegalidades relativas à chamada liberalização do comércio de cereais, que «não foram acautelados os interesses dos pequenos moageleros». Divulgadas na semana passada, partes significativas das conclusões do inquérito, agora em poder do presidente da Assembleia da República, põe directamente em causa a actuação do ex-ministro da agricultura, Cardoso e Cunha, acusado publicamente, nos últimos anos, de beneficiar, como detentor daquele cargo público, as multinacionais Dreyfus e Tate & Lyle, que são as entidades privadas mais poderosas no conjunto de interesses particulares que se movem contra as nacionalizações no comércio de importação de cereais, ramas de açúcar e oleaginosas. (Na próxima semana, o «Avante!» volta ao assunto, com mais pormenor, incluindo o desmembramento da EPAC.)

• **Escolas, jardins de infância e recepções escolares: greve nacional no próximo dia 29** — O Encontro Nacional de trabalhadores deste sector, reunido no passado dia 7, em Lisboa, decidiu, entre outras formas de luta, convocar uma greve de âmbito nacional para o próximo dia 29, em apoio das reivindicações apresentadas no Encontro convocado pela Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública. A marcação da greve deve-se ao repetido silêncio dos responsáveis governa-

mentais perante as propostas dos trabalhadores. Entre as acções aprovadas pelo Encontro destaca-se a «exigência de que a Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário, tendo em conta as propostas sindicais, venha a concluir até ao próximo dia 20 a negociação do caderno reivindicativo», e se comprometa a publicá-lo durante o mês de Junho. No Encontro Nacional estavam representadas 320 escolas de todo o País por cerca de 600 trabalhadores, afirma a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública que, ao tratar dos «aspectos reivindicativos» do Encontro, acusa o Ministério da Educação de ter ficado sempre por promessas desde 1981. «Tudo continua na mesma» — sublinha a Federação — «como estava naquele ano em que as reivindicações dos trabalhadores abrangidos passaram a ser «sistematisadas em cadernos reivindicativos».

• **22 por cento de aumentos salariais** — Com um aumento salarial à volta de 22 por cento concluiu-se a revisão do CCTV (contrato colectivo de trabalho vertical) dos trabalhadores dos armazéns de lãtilhos e grossistas têxteis. A Federação sindical do comércio (FEPACES) afirma que esse aumento «é inferior à inflação verificada no período de vigência da tabela agora revista». No entanto, os novos salários, em vigor desde 1 de Maio, são superiores «àquilo que o patronato pretendia inicialmente acordar». A FEPACES acrescenta que, terminada esta revisão, é necessário «continuar a trabalhar imediatamente pela sua aplicação», bem como pelo «fortalecimento da organização sindical nas empresas, elegendo delegados sindi-

cais e sindicalizando os trabalhadores que o não estejam». Depois de assinalar que a restante matéria que propôs (subsídio de refeição e diuturnidades) ainda não se conseguiu negociar desta vez, a FEPACES renova o seu apelo: «**Mais organizados seremos mais fortes; mais fortes, melhores resultados obteremos na negociação.**». As novas tabelas (grupo I e grupo II) oscilam entre 9800 e 10 300 escudos (aprendizes) e 37 500/39 700\$00 (chefe de escritório e director de serviços), respectivamente.

• **Delegado sindical da Riopelle mandado reintegrar pelo Tribunal** — Dois anos e dois meses depois de apresentada a respectiva queixa, o Tribunal de Vila Nova de Famalicão condenou a Riopelle de reintegrar um delegado sindical, José Carlos, do Sindicato Têxtil, que tinha recusado a mudança de secção ordenada pela entidade patronal. Alvo de um processo disciplinar com suspensão imediata em 1982, o delegado sindical e o seu Sindicato (Têxtil do Distrito de Braga) consideram esta decisão do foro como o reconhecimento de que nenhum trabalhador pode ser transferido arbitrariamente do seu local de trabalho, como pretendia a Riopelle, agora condenada não só a readmitir o delegado sindical na mesma secção onde trabalhava, mas também a pagar-lhe as remunerações respeitantes ao período da suspensão. Numa nota à imprensa em 6 do corrente, o Sindicato de Braga salienta que se trata de «uma importante decisão» do Tribunal, ratificando «a justiça da orientação divulgada pelo Sindicato e pela CGTP-IN».

Sandor Gaspar Pela acção em unidade — «Não altero uma linha ao que publiquei em 1978»

«Não altero uma linha, uma vírgula» dos materiais publicados em 1978 em Budapeste, antes do IX Congresso da FSM (Federação Sindical Mundial) que se reuniu em Praga, em Abril desse ano — disse ao «Avante!» Sandor Gaspar, quando se quis saber o grau de actualidade das posições sindicais unitárias defendidas nessa altura pelo actual presidente da FSM e do CESH (SZOT — Conselho Central dos Sindicatos Húngaros). Poucas horas antes de regressar ao seu país, depois de uma visita de quatro dias a Portugal, chefiando uma delegação convidada pela CGTP-IN, com a qual assinou um comunicado conjunto em nome do SZOT, o camarada Sandor Gaspar, com o seu proverbial bom humor e longa experiência das realidades sindicais em todo o mundo, e especialmente no nosso país, evitou referir-se a este ou àquele caso concreto do nosso panorama sindical, mas acrescentou que, conhecendo perfeitamente os objectivos da CGTP-IN e do movimento sindical na Europa nos últimos 40/50 anos, está em condições de garantir que há poucos «litos fortes e vivos» como a Inter e com uma ligação tão directa às massas trabalhadoras.

«Mantenho, sem reservas, todas as posições do livro» que reúne aqueles materiais — publicamos aqui breves extractos — porque, «distinguindo sempre as particularidades nacionais e a situação internacional» um movimento sindical, quando é verdadeiramente representativo e funciona como tal, continua a ter na sua base duas componentes inalteráveis, que são a unidade e a acção solidária por objectivos comuns.

• **Quando às dificuldades?** Bem sabemos que elas existem, mas assim como «um homem nunca perde a esperança e confia em conquistar aquilo que mais estima», assim também como os povos se entendem ao nível de Estados, para a defesa comum por exemplo, também as várias correntes dentro do movimento sindical acabarão por entender-se; apesar da sua diversidade, das suas diferenças, existe muito campo de entendimento objectivo onde a unidade de acção se faz sentir cada vez mais.

• **Na Europa, por exemplo?** Não querendo «imiscuir-se em assuntos internos», como expressamente reafirmou, Sandor Gaspar referiu-se no entanto às suas posições conhecidas quanto à unidade indispensável entre centrais de sindicatos europeus com posições ideológicas diferentes. Desde que se reclamem de representantes dos trabalhadores, as organizações sindicais que se identificam com partidos socialistas ou sociais-democratas na Europa, e ainda por cima quando esses partidos se integram em governos, não se compreende, aparentemente, que essas centrais não possam melhorar as condições de vida e de trabalho dos seus associados. De outro modo — isto é — se não puderem defender dentro dos governos os interesses dos trabalhadores deverão, ou deveriam, abandoná-los, deveriam abandonar esses governos.

• **Os partidos socialistas e sociais-democratas?** Sim, evidentemente aqueles que estão nos governos e aí continuam a reclamar-se do apoio e da defesa dos interesses da classe operária o das grandes massas assalariadas.

• **Mas a burguesia europeia, depois de 1945, começou a**

Gaspar adianta que há social-democratas que estão nos governos, mas não têm o poder. Recorde-se que a CGTP-IN não é filiada na FSM, nem em qualquer outra organização desse ou de outro âmbito. Participa, no entanto, em numerosas actividades daquele e doutros organismos internacionais.

No comunicado conjunto, assinado em Lisboa entre a CGTP-IN e a central SZOT, salienta-se o «clima de fraternal amizade e franca camaradagem» das conversações, alude-se às informações prestadas por ambas as delegações, constata-se «o insubstituível papel do movimento sindical na sociedade actual»; reafirma-se a «necessidade premente» de o mesmo movimento

«se constituir cada vez mais como o representante e defensor dos interesses dos trabalhadores»; sublinham-se «os graves problemas» com que eles se debatem; e adopta-se «uma posição comum» solidária para «com todos os movimentos sindicais na sua luta contra o imperialismo e o colonialismo, o neocolonialismo, o fascismo, o sionismo e o racismo». No plano internacional, as centrais portuguesa e húngara «consideraram, ainda, preocupantes e altamente negativos os propósitos demonstrados pela administração Reagan, com vista à implementação da chamada «guerra das estrelas», assim como o seu propósito de arrastar os países da Europa Ocidental neste projecto belicista».



Sandor Gaspar

O SOCIALISMO E A PAZ SÃO INSEPARÁVEIS

«Os ideais do socialismo, a força política, económica e ideológica do sistema mundial socialista asseguram, de maneira consequente, a conservação da paz mundial. Em 1975, por iniciativa dos países socialistas, o processo de desarmamento passou a uma fase nova, na Conferência de Helsínquia. A vida dos povos da Europa tornou-se mais segura, criando assim, também, condições favoráveis para a construção do socialismo. Para nós, o socialismo e a paz são inseparáveis. Sentimos bno pelo facto de o nosso povo de dez milhões de pessoas lutar, na vanguarda das forças progressistas mundiais, pela paz e por um futuro mais feliz para a humanidade».

TEMOS QUE AJUSTAR SEMPRE OS NOSSOS MÉTODOS

«Juntamente com o desenvolvimento muda sempre a situação, mudam as tarefas. A mudança implica novas e novas ocupações e afazeres que se colocam aos sindicatos. É uma aspiração natural da nossa parte que, relativamente às tarefas derivadas da nova situação, se estabeleça, quanto antes, uma tomada de posição uniforme por parte dos sindicatos. Com os métodos antigos e convertidos em hábito, não se pode já levar a cabo as novas acções. Por isso, também nós temos que ajustar sempre os nossos métodos. Devemos fortalecer a capacidade de nos renovarmos constantemente para responder aos nossos problemas crescentes. Se queremos avançar mais rapidamente pelo caminho do desenvolvimento, então te-

mos, nós também, que mudar. Devemos realizar as nossas próprias tarefas sempre melhor e melhor, sem burocratismo, com uma gestão rápida dos assuntos e com sentido da responsabilidade».

FORTALECER A UNIDADE

«A solução das grandes questões vitais da nossa época depende da formação e desenvolvimento do movimento operário internacional e, dentro dele, da área e profundidade em que se consiga fortalecer a unidade do movimento sindical internacional e coordenar as suas acções».

DIVISIONISMO: COMPLEMENTO DA VIOLÊNCIA

«Desde a formação do movimento sindical que a burguesia trata de pôr sob a sua influência sindicais inleiros e alguns dirigentes sindicais, para assim reduzir o peso e o efeito sociais do movimento sindical. Esta tendência é um complemento da violência declarada quando os capitalistas se valem dos meios do Poder para enfrentar os trabalhadores que lutam pelos seus direitos e por melhores condições de vida. Mas, de todas as maneiras, seria ingénuo queixarmo-nos disso, ou esperar outra coisa em contrário da parte da burguesia; ingénuo seria também considerarmos que essa táctica é a única causa da falta de unidade sindical em termos internacionais».

(Inéditos em português traduzidos do livro de Sandor Gaspar sobre os sindicatos húngaros, publicado em 1978. Os subtítulos são da responsabilidade do «Avante!»).

Trabalhadores

Desenvolvem-se as lutas sindicais

• Hoje, 3 concentrações em Lisboa

Uma «concertação social» sem concerto, para a qual os pesadíssimos sacrifícios das classes trabalhadoras têm sido letra morta, não consegue evitar que a movimentação sindical acelere o seu curso e as lutas continuem a desenvolver-se nas empresas e na rua.

Precisamente hoje encaminham-se para três praças de Lisboa milhares de trabalhadores que, em concentrações no Rossio, Restauradores e Praça de Londres, manifestam mais uma vez o seu protesto e vontade de continuar a luta (ver agenda). Trabalhadores dos distritos de Setúbal e de Lisboa, que se contam, como é sabido, entre os mais atingidos pela política de ruína do Governo actual, correspondem assim às iniciativas programadas a partir das decisões do Conselho Nacional da CGTP-IN reunido em 7 do corrente. A resposta aos desafios do Governo — pacote laboral e salários em atraso, nomeadamente — mobiliza, além disso, segundo a Central da unidade «milhares de trabalhadores de vários pontos do País». São referidas as regiões de Aveiro, Algarve, Braga, Porto, Lisboa, Setúbal e Alentejo, bem como vários sectores de actividade, onde decorrerão iniciativas e acções diversas» durante os próximos dias. Os sectores mencionados pela Inter são o sector agrícola, a indústria naval, montagem-automóvel, hotelaria, material eléctrico, administração local, metalomecânica pesada e panificação. Motivos específicos, mas integrados na luta geral, movimentam também os professores (greve anunciada para 24 deste mês).

As formas de luta cobrem praticamente todo o leque de iniciativas desde o plenário à greve, passando pelas intervenções junto de autoridades e órgãos do Poder. São de destacar, no entanto, as concentrações e a luta nas empresas como a Parry & Son (com maioria de capital do Estado — IPE —, mas com 14

meses de salários em atraso e 42 por cento de capital dos Mellos da Lisnave) em greve durante a semana passada, enquanto decorriam reuniões e plenários das organizações representativas dos trabalhadores (ORT's) em todo o sector da indústria de construção e reparação naval, na Siderurgia, e em toda a or-

ganização sindical da metalomecânica pesada, uma das principais promotoras da jornada de hoje, em Lisboa.

Ofensiva do Governo considerada «brutal e perigosa» pela CGTP-IN

Num apelo à «mobilização geral» dos trabalhadores, o Conselho Nacional da CGTP-IN, reunido durante todo o dia na terça-feira da semana passada, afirma numa resolução que, «face à brutal e perigosa ofensiva do Governo, que põe em causa os direitos e interesses dos trabalhadores», as transformações económicas e sociais do 25 de Abril e «o próprio regime democrático», avizinhm-se «inevitavelmente novas e poderosas acções de massas». Referindo-se a «todas as frentes prioritárias», onde se deve «incentivar a organização, a mobilização e a luta», o Conselho Nacional da Inter sublinha a necessidade de criar «condições para grandes jornadas nacionais, que inevitavelmente se impõem a curto prazo».

Para o executivo da Inter, este Governo «já demonstrou ser incapaz de resolver os problemas nacionais, ou sequer apresentar um projecto global de desenvolvimento económico do País».

A resolução aprovada pelo Conselho Nacional no dia 7 considera que se vive «um momento decisivo no processo democrático português», exigindo «uma rápida clarificação política e uma pronta resposta institucional», como é reclamada pelo «crescendo da luta dos trabalhadores e das massas populares».

Pacote laboral ainda por aprovar já incentiva alguns patrões

O caso do contrato colectivo de trabalho da «Óptica», divulgado pela Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escriitórios e Serviços (FEPACES) vinha, entretanto, ilustrar a tendência expressa pelas confederações patronais — CIP e CCP, nomeadamente — no sentido de fazerem valer a política de baixos salários e de desemprego em massa. Naquele sector do comércio, afirma a FEPACES, a contraproposta patronal de revisão do CCT ambiciona «rever todo o clausulado» anterior, no sentido de «impor o pacote (a legislação proposta por Amândio de Azevedo, ministro do Trabalho) pela via das negociações do contrato». Não oferecendo de início mais de 15 por cento de aumentos salariais, a contraposta dos patrões da «Óptica» pretende retirar do CCT, entre outros direitos e garantias dos trabalhadores, «todas as cláusulas de defesa, no caso de

processo disciplinar; o direito à reintegração na empresa, no caso de despedimento sem justa causa; os complementos do salário, no caso de doença ou acidente de trabalho; e a proibição de as empresas utilizarem o lock-out». A proposta de revisão da tabela salarial apresentada pelos sindicatos, em 4 de Março findo, prevê um aumento de 29,6 por cento nos salários. As negociações iniciaram-se em 30 de Abril, pois só em 23 desse mês foi apresentada pelos patrões a contraproposta de 15 por cento e mais os cortes no clausulado no sentido do «pacote», mostrando-se assim o patronato da «Óptica» «mais papista que o papa», no dizer da Federação.

Chovem os protestos contra a RTP

A medida que o panorama social se vai tornando mais escuro sobretudo para quem trabalha, menos a RTP clarifica a actualização dos primeiros responsáveis pela situação. A nível sindical, depois dos protestos, nomeadamente o da CGTP-IN, pela nenhuma lisura dos processos televisivos na cobertura das comemorações do 1.º de Maio, aquela Central sindical afirmava que, sendo «a maior organização social do País» (facto que a Televisão ignora diariamente) «apenas mereceu 43 segundos de tempo de informação na RTP, no passado mês de Abril, enquanto que os divisionistas da UGT tiveram quatro minutos e 24 segundos (ou seja, seis vezes mais); e o Governo uma hora, 37 minutos e 46 segundos ou seja, 135 vezes mais que a CGTP-IN». Tratando-se de números comprovados, fácil é perceber como nas lutas sindicais, sobretudo quando vencem os trabalhadores (o exemplo da Desco pode servir; foram evitados 26 despedimentos), ou quando se consegue combater a concretização de ameaças sobre os postos de trabalho, sobre os salários, etc., a TV nunca está, ou raramente chega a horas. Não está na Cometa (longe disso) quando a administração proíbe as ORT's (organizações representativas dos trabalhadores) de entrarem nas instalações da própria empresa; não está na MDF, nem na Lisnave, quando as «situações económicas difíceis» decretadas pelo Governo ameaçam salários e milhares de postos de trabalho; mas está sempre que o Conselho dito de Concertação Social dá um pio na sua qualidade de ministério anti-sindical: funções para que foi criado pelo Governo PS/PSD, pelo patronato afecto e pela UGT. Aliás esta, na sua missão «concertadora» também nunca está onde as lutas se desenvolvem, e muito menos onde elas podem vencer.

Terra

Paira a ameaça sobre a lavoura

O anúncio de que o Governo preparava um conjunto de medidas para a agricultura terá trazido uma nova esperança para alguns agricultores menos avisados, uma vez que, mais do que ninguém, a lavoura está interessada na implementação de medidas concretas que conduzam à modernização da agricultura. No entanto, com o que se sabe do novo pacote agrícola do PS/PSD, as suas esperanças foram uma vez mais iludidas.

Continuando na senda da política de restauração latifundista e de asfixiamento da pequena e média lavoura, dos governos de há nove anos a esta parte, uma futura aprovação do pacote agrícola acarretará a destruição dos poucos mecanismos de protecção interna de que a agricultura nacional ainda dispõe. Este conjunto de leis, a ser aprovado, acentua a subordinação dos interesses da agricultura e, consequentemente, dos agricultores, aos interesses dos industriais e armazenistas nacionais e estrangeiros, pelo que tem sido acolhido com desconfiança e revolta pelos pequenos e médios agricultores portugueses.

Recentemente a CNA classificou este conjunto de diplomas como «a maior ameaça de sempre contra os pequenos e médios agricultores».

A esta ameaça se vem ainda juntar a da adesão de Portugal ao mercado comum, que cada vez menos interessa a alguém.

A não divulgação do dossier relativo à agricultura leva a supor que o mesmo será extremamente gravoso para a lavoura portuguesa. A não concorrência da agricultura portuguesa e os baixos custos de alguns produtos agrícolas na comunidade, levam os agricultores a temer uma invasão do mercado português com produtos estrangeiros.

Para a lavoura portuguesa o panorama é, pois, mais negro do que nunca. Também por isso mesmo a organização e o poder reclamativo da lavoura portuguesa cresce e alcança vitórias — como foi o caso recente das lutas pela abertura das feiras de gado —, o que prova que só lutando se conseguem salvaguardar os interesses da economia e da lavoura do nosso País.



Prosseguem os ataques no Alentejo

Os serviços do Ministério da Agricultura, orientados directamente pelo ministro Barreto II, estão a consumir novos assaltos e roubos às UCP's/cooperativas.

Na segunda-feira, e sempre com a cobertura da GNR, os funcionários do MAP procederam a mais um roubo de terras pertencentes às UCP's Aguiar, Galerias e Povo Alcaçovense, no concelho de Viana do Alentejo.

Também para ontem estava

prevista a entrega de uma reserva demarcada em terrenos completamente semeados, pertencentes à UCP Poder Popular, de Montemor-o-Novo.

O Secretariado das UCP's/cooperativas do distrito de Évora salienta que esta autêntica guerra movida pelo Governo PS/PSD continuará nas próximas semanas, uma vez que estão previstos roubos de mais terras a um maior número de cooperativas.

Encontro de reformados agrícolas

No passado sábado realizou-se, em Montemor-o-Novo, um encontro de reformados agrícolas do distrito de Évora. A reunião decorreu durante todo o dia nas instalações do teatro «Curvo Semedo».

Os 1300 delegados e 300 de-

legados presentes debateram a situação dos reformados agrícolas e as suas condições de vida.

No encontro, que decorreu vivo e participado, interveio Maria do Carmo Tavares, membro da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP-IN.



Recurso aos tribunais: já sobrecarregados e sem mãos a medir, os tribunais seriam para o ministro do Trabalho um «oásis» na imensidão do desemprego que o seu «pacote» promete.

(Foto: trabalhadores da Simões & C., Lisboa.)

Regime repugnante

Num dos sectores menos defendido das arbitrariedades patronais — o comércio, e sobretudo o pequeno, onde as dificuldades são conhecidas — a respectiva Federação sindical (FEPACES) rejeitou ultimamente os três projectos do Governo incluídos no pacote laboral. Os pareceres negativos já foram entregues no Ministério do Trabalho, cujo titular se tem feito campeão dos despedimentos e paladino da cruzada contra o direito à greve. O «projecto de trabalho temporário», tal como vem proposto pelo ministro, é considerado pela FEPACES «um regime repugnante», que, entre outros abusos, pretende legitimar a actividade de empresas (se assim se podem chamar) que se dedicam ao aluguer de trabalhadores. Fortalecer os sindicatos representativos é uma boa forma de combater actividades desta espécie, na linha de sobreexploração desumana do trabalho, patrocinada pelo Governo PS/PSD.

Terra

Em causa as decisões do STA

Advogados da Reforma Agrária contestam afirmações do ministro

Advogados das UCP's/Cooperativas tornaram pública uma carta aberta dirigida ao ministro da Agricultura na qual desmontam afirmações do titular daquele Ministério pronunciadas no decorrer de um programa da RTP, acerca das decisões proferidas pelo Supremo Tribunal Administrativo (STA) nos recursos interpostos pelas UCP's/Cooperativas, declarações essas que, no entender dos signatários, foram proferidas «em termos incorrectos e susceptíveis de induzir a opinião pública em erro grave acerca de tais recursos e decisões».

Começando por lembrar as próprias palavras de Álvaro Barreto no programa «Actual» de 19 de Março a missiva salienta ter o ministro referido que o STA apenas tem encontrado «vícios burocráticos de forma» e não qualquer «erro real», tendo dado como exemplos desses «vícios burocráticos» a entrada tardia de «um papel» ou a ausência de «uma consulta».

Incompetência e violação de lei

Procurando esclarecer o ministro e a opinião pública os advogados que têm patrocinado as

UCP's/Cooperativas em várias centenas de recursos salientam que «não é exacto que até ao momento o STA apenas tenha anulado actos dos sucessivos governantes que têm passado pelo Ministério da Agricultura com fundamento em vícios de forma».

Sem quebrarem os princípios deontológicos a que se submete a sua profissão, os advogados esclarecem que com efeito existem já numerosas «decisões anulatórias proferidas pelo STA, em matéria de Reforma Agrária, com fundamento em

Incompetência, usurpação de poder e violação de lei» como pode ser comprovado pela leitura dos «Acórdãos Doutrinais do STA».

«Se a maior parte das decisões favoráveis às UCP's/Cooperativas assenta no reconhecimento de existência de vício de forma — prossegue a carta — Isso deve-se a circunstância que nada tem a ver com a ausência de outro tipo de vícios», como o ministro na ocasião procurou sugerir. Esclarecendo melhor, recordam os advogados que o STA de acordo com uma regra de trabalho de há muito seguida «dá prioridade ao exame das ilegalidades que averba «vício de forma» relativamente às que classifica de «violação de lei» ou «desvio do poder»». Isto é, desde que considere «aquelas primeira ilegalidades suficientemente graves para dever dar provimento ao recurso que esteja a apreciar, o STA anula os actos recorridos sem julgar necessário

prosseguir no exame dos demais vícios arguidos».

Mais de 200 decisões favoráveis às UCP's/Cooperativas

Com base na sua intervenção em várias centenas de recursos os signatários da carta afirmam que deste modo em praticamente todos os casos que lhes passaram pelas mãos «detectaram e arguíram outras ilegalidades para além das que o STA considera vício de forma». «Se as mais de duzentas decisões favoráveis às UCP's/Cooperativas não puderam na sua maior parte, basear-se também nessas outras ilegalidades é porque elas, pela razão indicada, não chegaram sequer a ser examinadas pelo STA», concluem os signatários da carta aberta.

Depois de salientarem que os motivos mais frequentes que têm presidido às decisões do STA de anular actos sob a menção de vício de forma tem consistido na



Os trabalhadores querem criar riqueza, produzir o pão, a carne e o leite necessários ao País; há que cumprir as decisões dos cerca de trezentos acórdãos do STA que mandam devolver às unidades de produção as terras que lhes foram ilegalmente usurpadas

«ausência de fundamentação de facto e de direito e na falta de audiência prévia, prevista na lei, das UCP's/Cooperativas afectadas» e não em meras deficiências «burocráticas» como o ministro intencionalmente afirmou, os signatários sublinham que o STA «tem anulado por falta de fundamentação muitas dezenas de actos envolvendo exercício de poderes discricionários que atribuíram a particulares direitos de propriedade sobre milhares e milhares de hectares» o que, como é óbvio, é algo de muito diferente da «data de entrada de um papel ou da falta de uma consulta».

Actos ilegais

Quanto à falta de audiência prévia das UCP's/Cooperativas afectadas, a carta salienta que a lei impõe essa audiência não

como inútil formalidade burocrática «mas como meio idóneo para um dos interesses em presença se poder fazer ouvir e influenciar legitimamente o conteúdo dos actos da Administração». Deste modo, concluem, «com a anulação de muitas dezenas de actos por falta de audiência das UCP's/Cooperativas o STA na sua esfera específica de intervenção tem desautorizado e reprovado esta concepção presente ao longo dos anos no Ministério da Agricultura».

Baseando-se na sua própria experiência pessoal os advogados frisam por último que «os pontos aflorados são apenas alguns dos que revelam, já à luz de decisões judiciais definitivas, uma prática massiva de actos ilegais por parte do Ministério da Agricultura em matéria de Reforma Agrária».

Reforma Agrária prepara IX Conferência

Évora, capital da Reforma Agrária e do Poder Local democrático, ultima os preparativos para receber nos próximos dias 1 e 2 de Junho cerca de 1700 delegados (operários agrícolas, camponeses e técnicos) provenientes de todas as zonas do Alentejo e Ribatejo e mais de 500 convidados nacionais e estrangeiros. Trata-se da IX Conferência da Reforma Agrária, realização que este ano decorre sob o fogo de uma nova ofensiva e de uma corajosa e provada resistência dos trabalhadores.

No âmbito do trabalho preparatório foram já realizadas mais de 160 reuniões e plenários que contaram com a presença de milhares de trabalhadores e nas quais foram eleitos cerca de 1200 delegados e discutidas propostas para continuar a luta nas diversas frentes em defesa da Reforma Agrária.

Entretanto, prosseguem neste momento os plenários para eleição dos restantes delegados e com vista à organização no concreto da luta para fazer face à

- Mais de 1700 delegados
- Comício e desfile de solidariedade
- Excursões de todo o País

vaga de novas reservas e roubo de bens que o Governo de Soares lançou contra as UCP's/Cooperativas a seguir ao 1.º de Maio.

Movimento de solidariedade
Segundo informações chegadas à nossa redacção pode-se

entretanto desde já concluir que se alarga um pouco por todo o País o movimento de solidariedade em torno da Reforma Agrária. Assim, sabe-se que de Lisboa, Porto, Viseu, Santarém, entre outros distritos, estão a ser organizadas excursões que levarão ao comício e desfile de solidariedade que percorrerá as

ruas de Évora no dia 2, a palavra amiga e fraterna da classe operária e dos trabalhadores portugueses.

Do programa da IX Conferência um destaque também para dois espectáculos de solidariedade: um, a decorrer no sábado, às 21 e 30 horas, no Teatro Garcia de Resende; o outro, no domingo, às 14 horas, no palco do Rossio de S. Brás, ambos contando com a participação de grupos corais alentejanos, poetas, cantores e outros artistas.

No âmbito do movimento de solidariedade que vai ganhando dimensão refiram-se ainda as ofertas financeiras que têm chegado à Comissão Organizadora da Conferência para custear as despesas e que atingem neste momento uma verba superior a dois mil contos.

Relativamente ao conteúdo dos trabalhos saliente-se o avan-

Cinco temas em discussão

Quanto aos trabalhos que pre- encherão as diversas sessões da IX Conferência eles incidirão em cinco temas principais: luta por uma nova política em defesa da Reforma Agrária; aumentar a produção nas UCP's/Cooperativas, condição determinante para a recuperação económica; reforçar a organização para defender a Reforma Agrária; a luta dos trabalhadores agrícolas e o reforço da unidade e da organização, agricultores exigem uma nova política agrícola.

De acordo com uma informação prestada por um elemento da Comissão Organizadora sabe-se também que durante a Conferência será posta à discussão e votação dos delegados uma proclamação dirigida ao povo português que abordará sobretudo a necessidade de resistir e impedir a destruição da Reforma Agrária.



As conferências da Reforma Agrária têm constituído o debate mais sério e profundo que se realiza no País no domínio da agricultura; na foto, a mesa da 8.ª Conferência

Amanhã na Casa do Alentejo Solidariedade

Levar a Lisboa de viva voz a situação que se vive nos campos da Reforma Agrária decorrente da mais recente ofensiva do Governo, tal é o objectivo da sessão pública que se realiza amanhã, dia 17, na Casa do Alentejo.

A iniciativa — cujo início está previsto para as 21 horas — parte de uma Comissão de Solidariedade com a Reforma Agrária a qual é constituída por destacadas personalidades da vida portuguesa ligadas ao meio cultural e à vida política e sindical.

Para além dos membros da referida comissão estarão presentes na sessão de solidariedade José Luis, presidente da UCP «1.º de Maio», Francismo Caixinha, presidente do Sindicato dos Operários Agrícolas de Beja; Nunes Borges, dirigente da UCP «Margem Esquerda»; e António Murteira, técnico agrícola e do Secretariado da 9.ª Conferência da Reforma Agrária.

Após as intervenções iniciais dos trabalhadores e técnicos da Reforma Agrária (as quais incidirão fundamentalmente no esforço de produção desenvolvido pelas UCP's/Cooperativas e na resistência levada a cabo contra a brutal ofensiva do Governo), seguir-se-á um período de debate.

Os trabalhos desta sessão pública serão presididos pela professora Luisa Irene Dias Amado.

Poder Local

Setúbal

Um balanço do trabalho APU

Há pouco, a cidade de Setúbal comemorou os seus 125 anos de existência. Com um vasto programa em que, a par de importantes iniciativas culturais, alinharam outras de carácter desportivo, infantil, de convívio. Em manifestações significativas de quanto é dinâmica a vida da cidade. Mas, se Setúbal fez 125 anos como cidade, o concelho é muito mais antigo e está carregado de história. O que nos levou, porém, a visitá-lo não foi um interesse arqueológico. Pretendíamos saber, antes, da história muitíssimo recente. A do mandato, a chegar ao fim, de uma autarquia APU.

Um balanço, portanto, foi o que pedimos. Em conversa informal com alguns vereadores do Povo Unido e com o Presidente da Câmara, Francisco Lobo, ficámos a saber que, em linhas gerais, o programa que a APU se propusera e se comprometera com o povo do concelho, está cumprido. E o que resta fazer sê-lo-á até ao fim do mandato.

A exigência que os membros do Povo Unido têm em relação ao seu próprio trabalho e aos compromissos para com os eleitores e a população, entretanto, fazem com que não deixe de ser abordada a questão do que, porventura, não tenha ido tão longe quanto desejaria o executivo camarário. Há, porém, razões fundamentadas — não existiu, da parte do Poder Central, o assumir das suas responsabilidades, nomeadamente na transferência de verbas que são devidas à autarquia. Tal situação exigiu, portanto, por parte da Câmara, um esforço suplementar que não deixou de ter reflexos na vida dos munícipes. O que se traduziu na abdicação de algumas benfeitorias — a aquisição de equipamentos, renovação da frota, renovação de pessoal.

Os esforços empreendidos, seguindo a planificação do trabalho, deram os seus frutos.

Um trabalho planificado

O trabalho da APU à frente das autarquias de Setúbal já vem de há anos. E vem-se confirmando e aumentando a influência dos comunistas e dos seus aliados na condução da administração autárquica ao longo das várias eleições. Subindo progressivamente as votações, conquistando sempre maior nú-

mero de freguesias, esse movimento ascendente de confiança popular na APU reflecte o bom trabalho realizado.

É que os compromissos eleitorais não têm sido conversa vazia, propaganda oca e para esquecer. Apesar das dificuldades, mercê de uma planificação cuidada, de um constante diálogo com as freguesias e com a população, o trabalho avança. E se não se vê mais é porque «está enterrado» na sua parte essencial. As obras de maior vulto são obras básicas que não têm o espanto das fachadas...

Neste mandato, os três anos — 83, 84 e 85 — foram outras tantas etapas. Em primeiro lugar a organização dos serviços camarários, a criação de condições para avançar; o segundo ano foi dedicado ao saneamento básico — e trabalhou-se na concretização de projectos que agora se concluem; o ano que corre dedicou-se à melhoria da qualidade de vida, com arranjos urbanos — ruas, largos, avenidas — não apenas no centro da cidade mas em vários bairros.

Tudo feito, portanto?

Não. Mas, afirmam-nos, a Câmara foi muito além do que se propusera no programa apresentado pela APU ao eleitorado. O projecto, sendo realista, foi cumprido. Mas permanecem algumas lacunas, no tocante a obras que devem ser realizadas pelo Poder Central. Algumas das dificuldades resultam das chuvadas deste ano e ainda permanecem sequelas das cheias de 83, a que o Governo não deu resposta satisfatória. Com o bom tempo que se espera, a curto prazo, a Câmara empenha-se na recuperação de pavimentos. Os pavimentos da cidade, porém, estão a atingir em muitos casos os seus

limites de uso e é preciso renovar completamente alguns. O que não é possível por não haver disponibilidades financeiras — mas que deveria ser feito pois, no fim de contas, pouparia dinheiro...

Obra feita

O Verão passado decorreu sem faltas de água na cidade, disse-nos com satisfação o vereador Rocha Neto. Não existem hoje zonas deficientemente abastecidas. Para tal houve que realizar um grande esforço que se pode traduzir em números — o investimento em água e esgotos, avaliado por baixo, mais do que triplicou em relação aos anos anteriores — mas que se traduz principalmente nos seus efeitos — quase todo o concelho foi beneficiado.

Entraram em funcionamento dois novos reservatórios — em Brancane e Belavista — cujos efeitos se fizeram sentir de imediato nas zonas altas da cidade. O caudal de água foi reforçado com a abertura de um novo furo em Aljeruz — que ultrapassa todos os outros em caudal —, e já arrancaram as obras que permitirão em breve um troço novo na conduta de Aljeruz para a cidade.

Mas o concelho não é só a cidade. Novos furos foram abertos e entraram em funcionamento em Azeitão e no Faralhão. Novos aglomerados dispõem de água. E o abastecimento da mesma, como também a rede de esgotos, estenderam-se ao Casal das Figueiras (nova zona habitada e em desenvolvimento), ao Forte Velho, a Pinheiros, Praias do Sado, Faralhão, Aldeia Grande, entre outros.

Descentralizar

A descentralização era não apenas um objectivo de justiça, mas foi factor de desenvolvimento. O assumir de responsabilidades de gestão por parte das freguesias foi conseguido em grande parte e o balanço feito é positivo, excedendo mesmo as expectativas.

Em Azeitão, foi possível à Junta construir a sua sede, o

mercado mensal — o de gado concluído —, com a segunda fase a concluir em 2 de Junho, data prevista da inauguração, os mercados abastecedores de Brejos e de Vendas. Além de parques infantis, arranjo de caminhos, centro da terceira idade. Os trabalhos foram realizados com planos da Junta e sua supervisão, tendo a Câmara avançado com os equipamentos e o pessoal necessário.

Pequenas e grandes obras foram, pois, possíveis através desta descentralização, o que representou um salto qualitativo, tendo em conta as verbas disponíveis. Nas freguesias do centro da cidade, as dificuldades de levar à prática certas obras devem-se também ao facto de haver dificuldades próprias das juntas na gestão dos meios colocados à disposição pela Câmara. Quanto à maior freguesia — S. Sebastião — e à da Anunciada, foram objecto de visita própria de que, mais tarde daremos conta.

Nestes trabalhos, algo de importante se fica a dever ao apoio



Freguesia da Anunciada — a brincar, com o Sado a correr ao fundo. Os parques infantis que povoam os bairros da cidade, são muitas vezes, como aqui, da iniciativa das Juntas de Freguesia

da AECOD, às contribuições dos eleitos comunistas. Milhares de contos já foram aplicados no concelho — destacando-se as contribuições destinadas ao mercado de Brejos, ao arranjo da Avenida Luísa Todi e ao largo da Misericórdia, no apoio à colectividade «Capricho Setubalense», na edição de publicações, na compra de equipamento e, também, no pagamento a eleitos a fim de que possam funcionar a tempo inteiro e dedicar-se ao trabalho em favor dos munícipes.

Do desporto à cultura

A actividade, a responsabilidade, a aplicação de verbas, por parte da Câmara abrange uma muito larga parte da vida do concelho. Verbas são aplicadas no museu, na biblioteca, no parque infantil do Bonfim; constroem-se salas de aula — neste mandato há os exemplos de Manteigadas e de Vila Nogueira de Azeitão —, reparam-se outras — Azeda e Faralhão —, são melhorados pátios de recreio, tanto na cidade como em zonas rurais — de Montebelo aos Casais da Serra e a Vila Nogueira, ao espaço exterior da Escola Preparatória Bocage.

É grande, também, o apoio a colectividades, a exposições, acções de formação, escolas, ranchos folclóricos, comemo-



rações, disse-nos o vereador Godinho. Do desporto à cultura em geral, muitas iniciativas têm sido lançadas ou apoiadas, foram cedidos em direito de superfície terrenos a várias instituições de carácter social, cultural e desportivo, desde os clubes de bairro até mesmo ao importante clube «Vitória».

Quanto aos bombeiros, integrados no domínio da protecção civil, a questão coloca alguns problemas de peso. Para mais num concelho da dimensão do de Setúbal, que, em área e em

valor de centenas de milhares de contos; foram realizadas obras no domínio da segurança social e da ocupação de tempos livres; foram dispendidos milhares de contos em operações anti-polluição, nomeadamente na limpeza de hidrocarbonetos na Mourisca e no Casal das Figueiras.

Por outro lado, no domínio da habitação — que não compete à autarquia —, neste momento a Câmara é responsável por milhares de fogos, embora seja apenas proprietária de pouco mais de duas centenas em bairros camarários. A autarquia não apenas «gere» alguns bairros, a sua atribuição, etc, de propriedade estatal, como tem de acorrer aos inúmeros problemas que decorrem da situação da habitação no concelho, a nível de infraestruturas.

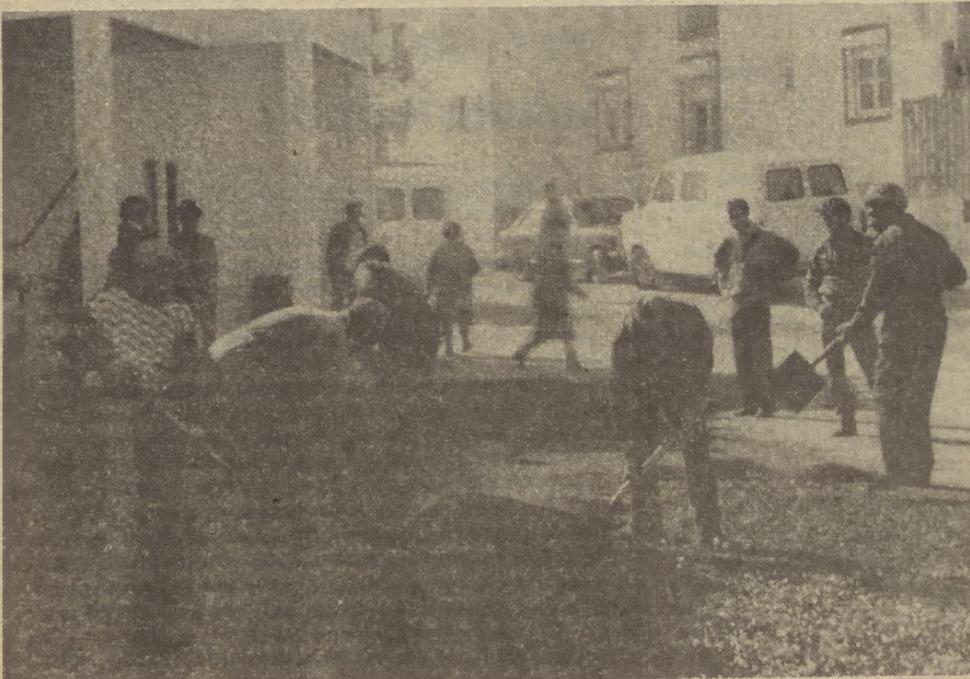
A carência actual no concelho, explicou o vereador Canaveira Russo, é de 7 a 8 mil fogos, e a situação é muito difícil, decorrente da explosão demográfica na zona. Recordando o Plano Integrado de Setúbal — PIS — que apontou para a construção, em 1973, de 10 mil fogos, o vereador sublinhou que a primeira fase deste plano previa para 1975 a construção de 3 mil. Deixara-se entretanto de falar em 10 mil e passou a prever-se a construção de apenas um milhar até 1980. Em 1985, contas feitas, só estão concluídos 700... A construção de iniciativa pública foi estrangulada a partir de 1978.

Mas a privada também não cresceu — no mês passado apenas 7 licenças foram passadas, o que reflecte a grande crise. Muitos dos alvarás passados a particulares não vêm a concretizar-se em novas construções. Isto ao contrário do que diz a propaganda anti-APU afirmando que os municípios do distrito não apresentam condições nem terrenos infra-estruturados para construir.

Os esforços realizados — todo o concelho electrificado praticamente, abastecido de água, com rede de esgoto, com recolha de lixo —, desmentem acusações eleicoeiras. E, se até ao fim do mandato, ainda há que concluir algumas obras, o volume de realizações desmente facilmente, por exemplo, as acusações do PS. Como nos foi demonstrado, sem deixar de cumprir os seus compromissos perante as populações, as autarquias de Setúbal conseguiram ainda o milagre de não fazer subir a dívida deixada pela anterior administração socialista em 1979.

Por isso e por muito mais, o balanço de Setúbal é positivo.

■ L. M.



Freguesia de S. Sebastião — o mercado do Bairro Humberto Delgado. Uma iniciativa da Junta, apoiada pelo município. Uma preocupação: servir cada vez melhor as populações

Poder Local

Conferência Nacional do PCP sobre Autarquias

Saber um pouco do muito que vem aí

A Conferência Nacional do PCP sobre o Poder Local e as Eleições Autárquicas, que se realizará no próximo dia 26 no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, constitui um acontecimento político de grande relevo na actualidade nacional. Por lá passarão os múltiplos e complexos problemas que se enfrentam nas autarquias do País, no quadro da ofensiva criminosa do Governo contra esta extraordinária conquista de Abril. Por lá passarão igualmente os contributos preciosos de milhares e milhares de comunistas que, no seio da APU e à frente ou integrados em inúmeros órgãos autárquicos, têm contribuído decisivamente não apenas para o reforço e prestígio do Poder Local democrático, mas também para a sua defesa e alargamento.

O anteprojecto desta Conferência já se encontra, há muito, distribuído pelas organizações do PCP em todo o País, continuando a ser alvo de intensa discussão e a canalizar vastos enriquecimentos vindos dos diversos sectores. Vamos aqui abordar esse documento, no sentido de tomarmos um primeiro contacto com esta Conferência Nacional do PCP.

O primeiro ponto do anteprojecto intitula-se «As próximas eleições autárquicas: uma grande batalha política» e desenvolve-se em três itens. O primeiro analisa «o quadro político geral e a importância das eleições autárquicas» onde, após se considerar o papel e a importância que assumirá, no actual quadro político nacional, a realização de eleições legislativas antecipadas na sequência de possíveis (e urgentes) demissão do Governo e dissolução da AR, se considera que «em qualquer caso, e independentemente da realização, sequência e resultados de outros importantes actos eleitorais, as eleições autárquicas constituirão uma assinalável batalha política em defesa dos interesses das populações, pela defesa e consolidação do Poder Local democrático como parte integrante do regime democrático e constitucional nascido da revolução do 25 de Abril».

O segundo item, denominado, «PS, PSD e CDS — a perspectiva da derrota», observa que os partidos do Governo (e também o CDS, que apoia, de facto, todos os aspectos essenciais da desastrosa política governamental), encaram com medo e grande preocupação as próximas eleições autárquicas, desenvolvendo intensa demagogia à medida em que se aproximam as eleições, lançando obras à última hora, servindo-se da injusta repartição de verbas pelas autarquias, dos «sacos azuis» do Governo e da invocação de falsas vantagens da adesão à CEE para o desenvolvimento regional. Esse medo e insegurança manifesta-se ainda nos planos, frequentemente anunciados, «de alianças e coligações eleitorais entre o PS, o PSD e o CDS, visando confessadamente combater e desalojar a APU das mais importantes posições que detém no Poder Local, traduzindo o empenho das forças reacçãoárias e do PS em estenderem ao plano local a política governamental».

Mas o documento adverte: «Sendo certo que numerosos factores podem ainda vir a inviabilizar ou a complicar a concretização de coligações eleitorais PS-PSD ou PS-PSD-CDS contra a gestão democrática da APU, a verdade é que a APU está em



Mais uma vez o Pavilhão dos Desportos de Lisboa vai ser cenário de uma importante iniciativa do PCP, de âmbito nacional

perfeitas condições de responder com êxito a essa operação antidemocrática».

Conquista ameaçada... mas defendida

O segundo ponto do anteprojecto intitula-se «Poder Local: uma grande conquista de Abril, uma conquista ameaçada» e desenvolve abundante análise sobre a questão ao longo de três grandes itens: 1- «Uma grande conquista de Abril»; 2- «Poder local, conquista ameaçada»; 3- «Grandes lutas, vitórias parciais».

Sobre o primeiro refere-se, nomeadamente, que o Poder Local democrático realizou importantes transformações em múltiplos domínios dos interesses locais (redes de saneamento, água e electricidade, caminhos, habitação, educação, desporto, cultura, etc.), representa uma escola gigantesca de formação cívica e democrática, aproxima os homens e mulheres sérios e interessados nos problemas das populações. Quanto ao «Poder Local, conquista ameaçada», sintetiza-se com clareza algumas das linhas que orientam a ofensiva anti-autárquica do Governo: asfixia financeira do Poder Local, a revogação da lei das finanças locais, a redução do número de eleitos das autarquias em cerca de um terço e a limitação dos

poderes das Assembleias Municipais e de Freguesias, a imposição de encargos às autarquias sem os correspondentes recursos no domínio dos transportes e da acção social escolar, a aprovação de normas centralizadoras e burocratizantes, o abuso da utilização pelo Governo de inspecções, inquéritos e sindicâncias, não como forma de moralizar procedimentos incorrectos e ilegalidades mas «ao serviço de campanhas partidárias de calúnias contra municípios de maioria APU, ao mesmo tempo que dá cobertura a situações de comprovadas ilegalidades e corrupção em autarquias geridas por maiorias do PS, PSD e CDS», a publicação de uma lei

de finalização das principais orientações e deliberações dos órgãos municipais e das freguesias, a realização frequente de jornadas de trabalho voluntário das populações, a honestidade e isenção nas admissões, definição de prioridades e distribuição de benefícios pelas populações, o diálogo, procura de consenso e da unidade, participação consciente e abnegada dos trabalhadores das autarquias, desenvolvimento em termos adequados da administração directa das obras, adopção de métodos e técnicas modernas e científicas de organização de serviços e gestão.

Estabelece-se depois o vivo contraste (como se subtitula no documento) da acção da APU nas autarquias com as das outras forças políticas, caracterizadas pelo conhecidíssimo estendal de ilegalidades, compadrios e incompetências que quase diariamente povoam as páginas da Comunicação Social.

O quarto ponto denomina-se «O próximo mandato: prosseguir o trabalho, reforçar a participação, a unidade e o diálogo, aproveitar a experiência, melhorar a eficácia» e define, em síntese, as orientações no trabalho autárquico, no próximo mandato, dos eleitos comunistas no quadro da APU, tendo em conta o vastíssimo trabalho e a experiência acumulada: dedicação, isenção, honestidade, unidade, participação, informação e prestação de contas.

Muito para além

Ainda no quarto ponto, temos diversas análises e orientações sobre a luta pelo funcionamento democrático dos órgãos do Poder Local, a participação e mobilização dos trabalhadores das autarquias para a resolução dos problemas das populações, a eficácia e eficiência na administração nos serviços, a descentralização e a valorização das Freguesias, a administração urbanística e a política de solos, ecologia, habitação, saneamento, recursos hídricos, rede viária, trânsito e transportes, educação e ensino, cultura, património, desporto, ocupação dos tempos livres, saúde e segurança social, bombeiros e protecção.

O quinto e último ponto, intitulado «Uma grande campanha de massas para uma grande votação na APU», define o estilo de massas em todo o trabalho pré-eleitoral e eleitoral, a importância de votar APU em toda a parte para reforçar o Poder Local democrático e melhorar a vida das populações e a definição dos objectivos essenciais que o voto na APU pode alcançar.

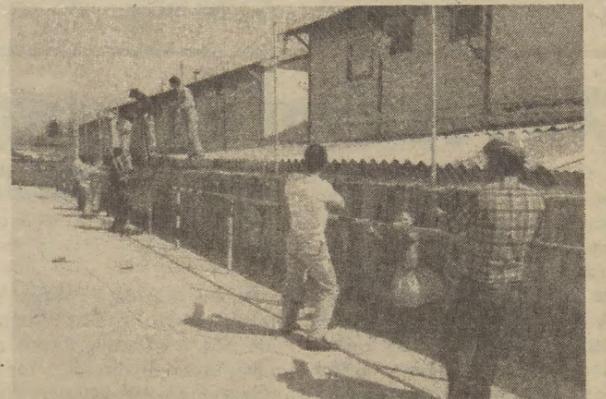
Mas, como sempre acontece, a vida é mais impressionante que todas as sínteses — sobretudo quando estas estão em permanente desactualização, como agora acontece, ao procurarmos dar uma ideia do que vai ser a Conferência Nacional do PCP sobre Poder Local e as Eleições Autárquicas e esta, no próximo dia 26, nos surgir muito para além de tudo o que aqui ficou dito.

Trabalho voluntário APU mostra como é

As nove freguesias APU de Lisboa — Charneca, Ameixoeira, Carnide, Beato, Marvila, S. Miguel/Sto. Estêvão (Alfama), Alcântara e Ajuda — dinamizaram este último fim-de-semana uma jornada de trabalho voluntário com as populações, onde saíram nove novos parques infantis, abrigos de autocarros, gradeamentos, muros de protecção, implantação de zonas verdes, terraplanagens, reparações de ruas, vedações, pinturas e recuperações várias, etc., etc. Melhor que as palavras, são as fotos da jornada. Aqui estão algumas, para se ter apenas uma ideia do que foi mais esta vitória da APU com as populações na resolução dos problemas locais. Uma única nota para a colaboração da AECOD, sobretudo no subsídio para os parques infantis.



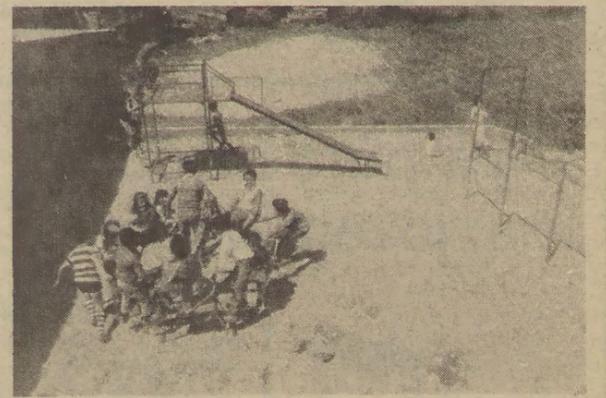
Terraplanagem e construção de parque na Picheleira



Recuperação e colocação de vedação em Carnide



Terraplanagem para parque infantil em Carnide



Construção de parque na Ameixoeira



Já dá para brincar! (bairro da Torrinha)

Nacional

40 anos depois Vitória foi comemorada em todo o País

A passagem do 40.º aniversário da vitória sobre o nazifascismo foi comemorado um pouco por todo o País, naquilo que, na sua globalidade, constituiu uma impressionante manifestação de repúdio contra a escalada armamentista promovida pelo imperialismo e de vontade de paz do povo português.

As comemorações, que se estenderam do Sul ao Norte, pelo carácter unitário que assumiram, constituíram também um acto de fidelidade aos ideais de Abril e de repúdio pela política deste Governo que embarca como cão de fila nos planos suicidas do imperialismo fazendo perigar a paz mundial.

Das dezenas de iniciativas e sessões comemorativas, destacam-se, pela sua amplitude, as sessões realizadas no cinema Alvalade e na Associação de

Amizade Portugal-URSS, em Lisboa, e o espectáculo/sessão evocativa realizado na Praça Humberto Delgado, no Porto.

Na sessão do cinema Alvalade, em que participaram muitas centenas de pessoas, usaram da palavra o tenente-coronel Vasco Lourenço, que presidiu à sessão, Medeiros Ferreira, António Muíños, representante em Lisboa da ONU, Nikolai Razumovitch, veterano soviético e actualmente jurista, Jack O'Dell, norte-americano e colaborador de Jesse Jackson, Rui Grácio, Faria Borda,

Aquilino Ribeiro Machado, Isabel Vieira e José Vitoriano, membro da Comissão Política do PCP e vice-presidente da Assembleia da República. Encerrou a sessão Natália Correia.

Na sessão que se realizou na sede da Associação de Amizade Portugal-URSS participou o embaixador da União Soviética em Portugal, Valentin Vdóvin, o embaixador Mário Neves, presidente da Associação, e um grupo de veteranos do exército vermelho.

No Porto, participaram no espectáculo/sessão evocativa várias centenas de pessoas. A seguir ao espectáculo, que contou com a participação do grupo de jazz «Trio Azul», usaram da palavra Jack O'Dell, Nikolai Razumovitch e o juiz Sá Coimbra.

XII Festival em reunião

O Comité Nacional Preparatório do XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes reuniu-se no passado sábado em Lisboa para traçar um balanço da preparação e divulgação do Festival no nosso País e para discutir a delegação de jovens portugueses que participarão nesta iniciativa que se realiza em Moscovo na última semana de Julho e primeira de Agosto.

Relativamente à preparação e divulgação, o CNP salienta esta-

rem mais de 150 iniciativas previstas em todo o País, sejam culturais, recreativas ou desportivas.

No que respeita à composição da delegação, o CNP decidiu que irão a Moscovo jovens do movimento associativo local, membros de estruturas do ensino secundário e superior, crianças, membros do Movimento Sindical unitário, artistas, desportistas, emigrantes, sociólogos e historiadores.

Na delegação participarão também os jovens que alcançaram o primeiro lugar nos concursos promovidos pelo CNP e os três jovens que mais se destacaram na recolha de fundos, desde que a quantia seja superior a setenta contos.

Lembramos que os prazos para a entrega de trabalhos para os concursos de pinturas murais, trabalhos literários e fotografia terminam, respectivamente, a 15 de Junho, 1 de Junho e 1 de Julho.

«Grande Jornada da Paz» na Europa

Luísa Amorim, membro do Secretariado Nacional do MDM, e Fernando Semedo, representante do Movimento Não às Armas Nucleares em Portugal, partiram recentemente para Estocolmo para participarem na Grande Jor-

nada da Paz, que percorrerá toda a Europa durante o mês de Maio.

Esta Grande Jornada da Paz é uma iniciativa de movimentos de mulheres, movimentos pacifistas e de personalidades do

movimento cristão pela paz, tendo já sido confirmadas audiências com 19 governos. Apesar de ter sido solicitada uma audiência ao Primeiro-Ministro português, o Governo PS/PSD mantém-se mudo.

«Agir para mudar» leva jovens à rua

«Agir para Mudar» vai ser a palavra de ordem que levará no próximo dia 25 milhares de jovens à rua para exigir uma alternativa à política anti-juvenil que tem sido seguida pelos sucessivos governos.

No manifesto da comissão coordenadora do desfile, à qual já aderiram cerca de 140 estruturas sindicais, associativas, recreativas, desportivas e paroquiais, salienta-se que «somos mais de dois milhões de portugueses jovens e é sobre nós que incide com maior violência a crise. Somos dois terços dos desempregados deste País, e sessenta e cinco por cento de nós procuramos o primeiro emprego. Temos uma formação profissional nula que estimula à exploração que sobre nós se abate. Os problemas perpetuam-se, sem aparente saída».

No entanto, e por pensarem que, agindo-se, haverá saída para estes problemas, a preparação deste grande desfile que, no dia 25, descerá das Picoas ao Rossio, envolve já muitos milhares de jovens.

Assim, durante este fim-de-semana, haverá convívios, sessões plenárias e desfiles de bandas de colectividades em diversas localidades dos distritos de Lisboa e de Setúbal.

No dia 18, enquanto jovens porão mãos à tarefa de colorir a rua Augusta com a sua confiança e vontade, vários artistas e grupos teatrais realizarão um happening no Rossio.

Assembleia da República

Onde se fala do poder destrutivo das pichagens

Na sessão plenária da passada terça-feira, a Assembleia da República continuou a votação na especialidade da Lei Quadro da Criação de Municípios. Sessão morna, mais parecia um compasso de espera até que seja dissolvida. No exterior, uma manifestação de mulheres da Reforma Agrária, acompanhadas pelos seus filhos, exigia o respeito pela legalidade que todos os dias o Governo viola, provocando o desemprego e a fome em proveito de uma minoria de agrários, que à agricultura dizem nada.

Mas que interessa aos deputados da maioria governamental o desemprego e a fome no Alentejo e no Ribatejo, eles que ainda há bem pouco tempo estipularam para si aumentos escandalosos nos respectivos vencimentos?

Por isso o deputado António Rebello de Sousa, do PS, elocubrou um texto sobre os investimentos estrangeiros em Portugal. Anteriormente o CDS, pela voz do deputado Soares Cruz, falara dos médicos veterinários. Contudo, o PCP apresentou na Mesa da AR um voto de protesto contra as ilegalidades e arbitrariedades cometidas a mando do Governo na zona da Reforma Agrária.

Lisboa era coisa boa

Ainda no período antes da Ordem do Dia interveio o deputado independente do Grupo Parlamentar do PCP, Anselmo Aníbal, para falar de Lisboa, que é uma cidade doente pela rede intensa de influências que se geram no seu interior no sentido de se ganhar como nunca se ganhou.

E deu exemplos.

O Metropolitano EP comprou por 40 mil contos, no Lumiar, um terreno que foi avaliado oficialmente por 4620 contos e adquiriu uma parcela de terreno ao Luna Parque por um preço 38 vezes superior ao que esta empresa tinha pago, um ano antes, ao Jardim Zoológico. (...)

Um segundo caso não pode deixar de se reportar à desmunicipalização desregrada que tem conduzido à alienação de vastas zonas, como no Alto do Lumiar (300 ha) e no Vale de Chelas (104 ha), a pretexto de que as empresas que ficariam donas desses terrenos construiriam um conjunto de fogos em que também cabiam as populações das Musgueiras e Calvanas, no Lumiar, e da Curraleira e Embrechados, no Cova do Pinto.

As condições da desmunicipalização destes terrenos de reserva de expansão da cidade são por tal forma lesadoras do Património Municipal e os preços de transmissão dos terrenos são de tal forma ridículos, reflectindo uma grosseira troca desigual, que as empresas se apressam em ter os terrenos, se apressam nas exigências de alteração de legislação no sentido de isenções fiscais que valeriam mais de três milhões de contos e a que não deve ser alheia a presença do próprio dr. Mário Soares no acto de escritura de minuta do contrato.

Um terceiro caso — o multiplicações de pequenas e médias alterações de volumetria dos

edifícios de mais de um andar, de aproveitamento indevido de espaço para estacionamento de viaturas. É a construção «à multa», gíria que só por si diz tudo acerca da sua eficácia, que transtorna cálculos, que bloqueia eixos viários, que densifica e degrada.

E muito mais falou Anselmo Aníbal da cidade doente. Suscitou pedidos de esclarecimento a sua intervenção. Fizeram-nos os deputados Paulo Barral (PS) e Anacoreta Correia (CDS), para falarem... das pichagens nas paredes, que isso, sim, é que destrói a cidade.

Portanto, quando amanhã cair um prédio, é certo e sabido que numa das paredes tinha escrito «Soares rural». O Monumental foi deitado abaixo porque provavelmente, na fronteira ostentava «Fascismo nunca mais!» As ruas têm buracos pois alguém escreveu «Reagan Go Home (vai para

Não veio por bem

Entretanto, na sessão plenária da passada sexta-feira, a deputada comunista Margarida Tengarrinha fez uma declaração política a propósito do 40.º aniversário da vitória sobre o nazifascismo.

E falar do fim da guerra foi motivo para falar do vasto movimento dos povos pela Paz, pois é certo que nunca como agora se sentiram tão grandes ameaças sobre a paz e que hoje a Humanidade está confrontada com um novo perigo sem precedentes na História, que é o do seu próprio aniquilamento.

E referindo-se à controversa visita do presidente norte-americano alertou:

Todas as informações de que dispomos nos permitem afirmar que a viagem de Reagan à Europa (incluindo Portugal), coincidindo com as comemorações do 40.º aniversário do fim da guerra contribuirá, não para a melhoria, mas para o aumento da desestabilização e o agravamento da tensão política na Europa.

Eles vendem tudo e não deixam nada

O Grupo Parlamentar do PCP deu a conhecer, em conferência de Imprensa, duas iniciativas que vai levar a cabo:

— um projecto de lei que determina a renegociação de todos os acordos de defesa ou de âmbito e iniciativa militar entre Portugal e os Estados Unidos da América;

— uma interpelação ao Governo para um debate público geral centrado sobre a política económica e social do Governo PS/PSD.

Relativamente à primeira iniciativa, segundo afirmou o líder do Grupo Parlamentar do PCP, Carlos Brito, é hoje patente que o Governo PS/PSD negociou secretamente enormes e escandalosas concessões aos Estados Unidos, para uso militar do território português que comportam grave perigo para o nosso povo.

Quanto à interpelação, o mesmo deputado acrescentaria, após salientar que são numerosos os sintomas de agravamento da crise:

No primeiro trimestre deste ano manteve-se o marasmo na agricultura, nas pescas e na generalidade da indústria. A crise da construção civil não sofreu inversão. A capacidade de produção utilizada anda à volta dos 60 por cento. Acentua-se a crise financeira. A banca comercial encontrava-se em Novembro com nove milhões de prejuízo.

Aumenta a dívida externa. Só o Estado contraiu no 1.º trimestre deste ano cerca de 100 milhões de contos de empréstimos.

Prosseguem as falências e aumenta o desemprego. As ofertas de emprego diminuíram 34 por cento em Janeiro de 1985 comparado com Janeiro de 1984. Continua o flagelo dos salários em atraso sem que o Governo tome qualquer medida minimamente séria para debelá-lo. Os salários reais voltaram a diminuir acentuadamente em 1984: na indústria, 9,1 por cento; na construção, 14,2 por cento; na agricultura, 15,2 por cento.

Sobre as duas iniciativas falaram também os deputados João Amaral e Carlos Carvalhas, respondendo às perguntas feitas pelos jornalistas.

João Amaral revelaria que, segundo os acordos secretos, qualquer aeródromo civil ou militar nacional por emergência de voo é acessível aos norte-americanos. E relativamente ao trânsito — e quem sabe se à instalação — de armas nucleares este é viabilizado pela omissão de formas de fiscalização e facultando um vasto conjunto de utilizações incontroladas.

Foi ainda dito que os acordos por troca de notas entre os respectivos governos não são válidos pois foram feitos à revelia da Assembleia da República.

É caso para dizer, eles (o Governo PS/PSD) vendem tudo e não deixam nada.



DESFILE da JUVENTUDE
25 MAIO

Internacional

Há 40 anos, uma vitória que abriu portas ao mundo de hoje

Quarenta anos são passados desde a vitória sobre o nazifascismo. Vitória que alterou o mapa político da Europa e deu um impulso decisivo à transformação da realidade política em todos os continentes. Por isso — e como o testemunham as próprias formas que as comemorações assumiram nos diversos países da Europa — estamos longe do relembrar de uma simples efeméride, importante embora. A vitória de há 40 anos está bem presente hoje, é um dado da realidade actual, insere-se na luta quotidiana pela paz e o desenvolvimento, contra os desesperados, e suicidas, esforços do imperialismo para inverter ainda a situação — nova — então gerada.

Significativamente, os que então decisivamente se bateram contra o fascismo, defendem as realidades que a vitória gerou. Apostam na inversão dessa realidade, também os que começaram por abrir portas a Hitler, para nos fins da guerra participarem na segunda frente antifascista, num processo contraditório que no entanto é uma lição fundamental de unidade possível.

As lições

A reunião do Parlamento Europeu em Estrasburgo, foi ponto destacado das comemorações oficiais na Europa Ocidental. Com um significativo convidado de honra: Reagan. E uma não menos significativa «lição» da história da II Guerra Mundial, afirmada pelo presidente norte-americano: «uma política de paz a qualquer preço alimenta a agressão». Estaria a referir-se à traição de Munique, quando as grandes potências capitalistas da época activamente entregavam aos nazis território alheio (e até o seu próprio) para apressar a corrida das tropas de Hitler sobre a União Soviética? Ou o dinheiro e as armas do grande capital, nomeadamente norte-americano, com que foi alimentado o

exército agressor nazi (e denunciado mesmo no julgamento de Nuremberga)?

Naturalmente que não. Reagan «justificava» a criação da NATO e, sobretudo, «justificava» a actual corrida aos armamentos, acrescentando-lhe ainda umas pretensas propostas de paz à União Soviética (na verdade, um punhado de questões de que há muito estão a ser de-

batidas em diversas reuniões internacionais).

Entretanto, na União Soviética, era bem outra a lição da guerra que se destacava. Citando as palavras do primeiro vice-ministro da Defesa — uma entre muitas declarações de idêntico sentido — «A lição da segunda guerra, na qual se envolveram 61 Estados e de que resultaram 55 milhões de mortos e 90 mi-



As comemorações da Vitória, em Moscovo tiveram como um dos pontos culminantes a parada militar (que incluiu uma reconstituição, com milhares de participantes, da parada da Vitória de 1945) e o desfile de veteranos da guerra (na foto) realizado na manhã do dia 9. Das comemorações, a que esteve presente uma delegação do PCP juntamente com delegações de muitas dezenas de países, fez parte uma sessão solene no Palácio dos Congressos, no dia 8, em que usou da palavra, entre outros oradores, o camarada M. Gorbachev. Mas ponto importante das comemorações foram igualmente as manifestações populares de alegria que na noite do dia 8 e durante todo o dia seguinte deram às ruas e parques da capital um ambiente de festa contagiante.

Apelo a todos!

«Prevenir o perigo da catástrofe nuclear, barrar o caminho a uma nova guerra e lutar pela liquidação total das armas nucleares» — são os objectivos centrais do Apelo dirigido pelos Comitê Central do PCUS, Presidium do Soviete Supremo da URSS e governo soviético aos povos, governos e parlamentos de todos os países do mundo.

No Apelo,

● «A União Soviética prontifica-se a examinar toda e qualquer iniciativa e toda e qualquer proposta que beneficie a paz»;

● Expressa-se preocupação pela situação internacional, «deteriorada em função da política dos Estados Unidos e da NATO, que pretendem romper o equilíbrio estratégico-militar»;

● Afirma-se a convicção de que «não há questões internacionais que não possam ser regularizadas por via negociada»;

● Pede-se a mobilização de esforços para que se façam «todos os possíveis para evitar a corrida aos armamentos no espaço extraterrestre e a pôr-lhes cobro na Terra, para limitar, reduzir e, em seguida, aniquilar definitivamente, as armas nucleares».

lhões de feridos, tem hoje um significado transcendente (...) Para defender a paz são mais do que nunca necessárias acções conjuntas, coordenadas e activas, de todas as forças partidárias da paz contra a linha aventureira e agressiva do imperialismo.»

Dois visões diametralmente opostas. Mas a linha que as separa passa bem por dentro do mundo capitalista, por dentro do próprio Parlamento europeu, e mesmo por órgãos de soberania do mundo do capital.

De par das manifestações populares contra a política imperialista, com que Reagan foi acolhido e que tiveram o seu reflexo no Parlamento em Estrasburgo (por parte de 190 dos 434 deputados presentes), temos por exemplo mensagens, como a do primeiro-ministro do Canadá enviada aos dirigentes soviéticos, por ocasião do 40.º aniversário da vitória, em que nomeadamente se afirma que «os sacrifícios materiais e humanos (...) não têm paralelo na História e são um testemunho convincente da vantagem de um empenho recíproco na garantia da salvaguarda da paz na Europa e em todo o mundo».

Em Maio de 1945, o então presidente dos EUA, Harry Tru-

man, sublinhava: «Damos grande valor ao magnífico contributo da poderosa União Soviética em prol da civilização e da liberdade». Em Agosto, aviões americanos lançavam a bomba atómica — a nova e terrível arma — sobre as populações de Hiroshima e Nagasaki. Um crime monstruoso. Politicamente, uma tentativa de rever já a realidade saída da guerra.

Que realidade?

A fronteira

«Em resultado da derrota do fascismo, consolidaram-se as posições das forças progressistas e democráticas, o que levou ao triunfo de um novo sistema social numa série de países da Europa e da Ásia» — afirmou o camarada Mikhail Gorbachev, secretário-geral do PCUS, nas celebrações da vitória, no Palácio dos Congressos do Kremlin. «Formou-se a comunidade dos Estados socialistas. O novo sistema social implantou-se firmemente na Terra, comprovando a sua vitalidade. Despertou as forças criativas de milhões de pessoas e permitiu que, num período mais curto, fossem alcançadas realizações de dimensão histórica.»

São estas realidades — que surgem na sequência da vitória — que o imperialismo pretendia apagar. Esta a famosa «fronteira» da Europa que se desejava derrubar — naturalmente liquidando o socialismo.

É disto que fala Reagan quando manifesta em Estrasburgo o impossível desejo de que no início do século XXI, se concretize «uma Europa europeia mais vasta e mais autêntica pondo fim à divisão artificial do velho continente». Mas também quando no Parlamento europeu se dirige apenas «aos partidos políticos livres, que contribuíram para o êxito do pós-guerra: liberais, democratas-cristãos, sociais-democratas, trabalhistas e conservadores».

No limitado mundo do imperialismo não cabem nem o socialismo nem as forças progressistas. Mas para mal de Reagan e C.ª, a fronteira das forças progressistas passa pelo interior dos países capitalistas. E não há sofisticados planos de militarização do cosmos que possam alterar esse facto. Pelo contrário (apesar dos imensos perigos que encerra).

Como justamente sublinhou Gorbachev, «a emulação histórica entre os dois sistemas não pode ser decidida por meios militares». Uma lição da vitória que hoje se impõe com redobrada força, face aos meios de genocídio existentes.

Militarização do Cosmos é negócio

O general Abrahamson, chefe do programa norte-americano de militarização do Espaço, IDS, estabeleceu contacto com homens de negócios belgas, para participação no projecto do Pentágono. As respostas seriam positivas. A revista «Technivisie» refere uma lista que inclui grandes grupos, incluindo a Companhia belga de lasers de Gand, o «Bell-Téléphone», o GTA-ALTEA. A indústria flamenga estaria particularmente empenhada na participação neste negócio suicida.

Significativamente, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Bélgica declarou à revista flamenga «Knack»: «Cada país vai agora tentar defender o melhor possível os seus interesses e assinar contratos (...) Ninguém pode impedir que os americanos estabeleçam acordos com firmas alemãs ou outras. (...) Não somos tão atrasados que devamos ficar a reboque». E acrescentou mesmo: «Os europeus devem ter hoje a coragem de dizer sim ao projecto de 'guerra das estrelas'». Entretanto o Parlamento belga ainda não iniciou o debate — programado — sobre a possibilidade de participar no chamado IDS.

Manobras militares canceladas

As manobras militares bi-anuais conjuntas dos Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia (aliança militar ANZUS), foram anuladas. Segundo foi divulgado pelo ministro australiano da Defesa, «a anulação do exercício 'Kanguru 85' foi decidida porque os Estados Unidos consideraram que as manobras militares com a Nova Zelândia não eram neste momento oportunas».

Note-se que essa falta de «oportunidade» se deve à recusa, por parte do governo de Nova Zelândia (Trabalhista) em acolher navios de guerra nucleares norte-americanos. Um pequeno exemplo de como com uma simples medida de defesa de interesses nacionais, o assumir de posições apoiadas pelo povo de um país, se põe em cheque os esquemas do imperialismo, assentes no mais soberano desprezo pelos interesses e vontade dos povos.

Afeganistão, os frutos da RA

Uma das consequências da Revolução afegã (que fez 7 anos em Abril passado) foi a Reforma Agrária, que já beneficiou 315 mil famílias (e não, como referimos, por lapso, em anterior «Avante!», 315). Hoje, os seus frutos são já

bem sensíveis, na radical melhoria de condições de vida e de trabalho das populações camponesas. Pelos seus índices principais, a produção agrícola alimentar ultrapassa os níveis de antes da revolução. O consumo de cereais por habitante é de 165 kg, o que está de acordo com as normas internacionais. A produção de legumes e frutas cresce constantemente, o que permite satisfazer as necessidades internas e ainda exportar uma parte.

O crescimento da produção agrícola é o resultado de uma política governamental de grande apoio ao trabalho no campo, nomeadamente através do notório aumento dos créditos concedidos aos camponeses em condições vantajosas; a abertura de estações de máquinas agrícolas, o que significou o início da mecanização da agricultura; preços de compra ao produtor, fixos; pontos de compra estatais dos produtos agrícolas; estabelecimento de reservas para responder às necessidades extraordinárias de anos mais difíceis. Medidas que além do mais evitarão, em caso de seca, as situações de fome que se viveram no início dos anos 70.

Mais mortos na África do Sul

A onda de violência desencadeada na África do Sul pela polícia racista, na vã tentativa de pôr fim aos protestos

populares contra o odioso regime de apartheid, provocou no passado fim-de-semana mais vinte e dois mortos.

No sábado os confrontos mais graves registaram-se numa mina de ouro cerca de 200 quilómetros a sul de Joanesburgo, tendo a polícia assassinado 19 trabalhadores e ferido pelo menos 36.

As outras três vítimas resultaram de confrontos em Port Elizabeth e Joanesburgo e incluem, segundo os próprios dados das autoridades de Pretória, um bebé de 18 meses e dois jovens, de 15 e 25 anos.

Recorda-se que a polícia racista tem vindo a estimular confrontos entre trabalhadores mineiros oriundos de várias tribos, procurando atribuir a lutas tribais a repressão desencadeada pelo regime de Pretória.

Prosseguem entretanto em várias capitais da Europa manifestações de protesto contra o apartheid. Ainda a semana passada, em Estrasburgo, o reverendo Jesse Jackson denunciou o regime sul-africano, classificando-o de fascista e afirmando que na África do Sul continuam a viver muitos nazis. As declarações do reverendo foram proferidas no âmbito das comemorações do 40.º aniversário do fim da guerra, tendo o ex-candidato à presidência dos EUA denunciado a política da Casa Branca em relação à África do Sul.

Internacional

RFA

Um NÃO à política do CDU

Múltiplas são as razões possíveis para a evidente quebra do Partido Democrata-Cristão (CDU) nas eleições estaduais da Renânia do Norte-Westfália, eleições particularmente significativas porque num Estado altamente industrializado e abarcando cerca de um terço do eleitorado oeste-alemão. Segundo os resultados finais apurados, registou-se uma perda de 6,7% dos votos, com uma percentagem de 36,5%, enquanto os sociais-democratas subiram de 3,7 por cento (sempre tendo em conta os resultados de 1980) obtendo os 52,1%, e o Partido Liberal e os «Verdes» registavam também subidas (ainda que este último não tenha ultrapassado a barreira dos 5%, necessária para uma representação parlamentar). Porquê?

Pode-se justamente falar da influência de uma política de submissão à lógica militarista de Washington, num país em que o movimento pela paz, contra a implantação dos mísseis norte-americanos na Europa, pelo desarmamento, assume um carac-

ter particularmente saliente. Pode-se falar — como elementos mais próximos — das consequências da visita de Reagan (contestada também pelo seu programa); da realização da actual cimeira do mundo capitalista, uma vez mais falhada. Ou

ainda, de escândalos sucessivos que têm atingido o próprio governo.

Tudo factores a considerar, de par de um elemento base: a realidade socioeconómica.

Desemprego, sim recuperação, não

Já nem nos Estados Unidos se fala neste momento em recuperação. Pelo contrário. No encontro de economistas norte-americanos, recentemente realizado por iniciativa do instituto patronal de estudos económicos, «Conference Board», o alerta vai para a degradação, a perspectiva de «problemas graves» ou mesmo uma «crise apocalíptica nos mercados financeiros».

Para os trabalhadores, as perspectivas nunca foram boas. Em finais de 1984, o jornal «Süddeutsche Zeitung» afirmava que os especialistas do Ministério federal da Economia (RFA) esperavam que no próximo ano, pela quarta vez consecutiva, os lucros das empresas aumentassem bastante mais do que os rendimentos dos assalariados.

Uma realidade a que há que somar outra mais grave: o contínuo crescimento do desemprego — 10,6% da população activa em Janeiro deste ano, índice nunca antes atingido na RFA.

Assim, a quebra de votos na democracia-cristã e a subida do SPD (que, agora na oposição, tem vindo a defender posições diferentes, quer no plano da política socioeconómica, quer no plano internacional), representa, antes do mais, um não à orien-



Os resultados eleitorais na RFA reflectem os graves problemas socioeconómicos

tação comum do capital dos diversos países capitalistas: racionalização (à custa dos trabalhadores), «rigor», «austeridade».

Isso mesmo se fez sentir também recentemente na Grã-Bretanha, onde o Partido Conservador sofreu uma pesada derrota em eleições locais envolvendo cerca de dois terços do eleitorado britânico. Factos que levam mesmo forças conservadoras e até elementos dos governos a demarcarem-se do caminho que está a ser seguido, como se verificou com a imprensa conservadora na RFA, ou com o ministro britânico da Energia.

Se os resultados eleitorais referidos reflectem recusa de uma política que afecta brutalmente as grandes massas de trabalhadores, não é menos verdade que os processos estão longe de ser lineares tal como são diferenciadas as realidades nacionais. Nem sempre, e em particular no plano das batalhas eleitorais, ressalta nítida a verdadeira alternativa ou são claras as raízes dos problemas, ainda que dolorosamente vividos.

Mas o não é claro. Não a uma política antipopular. Não a uma política falhada, sem perspectivas.

Delegação do PC da China em Portugal

No seguimento de contactos realizados no decurso dos últimos meses, está prevista a visita a Portugal, de 19 a 26 de Junho, a convite do Partido Comunista Português, de uma delegação do Partido Comunista da China.

Brasil Novos passos para a democracia

O impulso dado nos últimos dias pelo governo brasileiro presidido por José Sarney ao programa de democratização a que o malogrado Tancredo Neves chamou de «Compromisso com a Nação», suscitou no Brasil novas expectativas não isentas contudo de sérias preocupações com as medidas que se esboçam para fazer face ao problema mais candente do país, ou seja, o relançamento da economia.

Na semana passada, o Congresso aprovou uma proposta governamental restabelecendo as eleições directas para a presidência da República e de todas as autoridades regionais. Ao mesmo tempo, José Sarney anunciou a intenção de reduzir o mandato de presidente de seis para quatro anos, medida que deverá ser oportunamente estudada pela futura Assembleia Constituinte.

Na reunião do Congresso da passada quinta-feira, outras importantes medidas foram tomadas: os analfabetos maiores de 18 anos passaram a ter direito de voto, o que significa que o Brasil conta desde já com mais 20 milhões de eleitores; as eleições para prefeitos das capitais, municípios mineiros e petrolíferos e das 32 regiões que a ditadura militar classificava de «áreas de segurança nacional» passam a realizar-se por voto directo, devendo as primeiras ocorrer já a 15 de Novembro deste ano.

Na mesma sessão, o Congresso aboliu o Colégio Eleitoral criado pelos militares para a escolha do presidente e marcou também para 15 de Novembro a

eleição dos deputados para a Assembleia Constituinte que terá a seu cargo a feitura de uma nova lei fundamental para o Brasil.

Não menos importante foi a decisão de legalizar todos os partidos, o que contempla de imediato a justa reivindicação nesse sentido do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o primeiro a apresentar de resto ao Tribunal Superior Eleitoral o seu pedi-

do de concessão do seu registo definitivo.

Do leque de medidas anunciadas pelo governo constam ainda um maior acesso dos partidos à rádio e à televisão, liberdade sindical, revogação dos dispositivos legais antidemocráticos conhecidos como «lixo autoritário» e, em particular, a revogação da Lei de Segurança Nacional.

O problema económico

No âmbito das medidas positivas tomadas pelo governo brasileiro há ainda a salientar a decisão de Sarney, anunciada no passado dia 1.º de Maio, em duplicar o salário mínimo nacional; a amnistia de centenas de dir-



gentes sindicais; a legalização da Confederação Nacional das Classes Trabalhadoras (Conclat) e da Central Única dos Trabalhadores; a legalização da União Nacional dos Estudantes (UNE); a formação de uma Comissão de Intelectuais e Artistas encarregue da análise dos critérios sobre a censura à produção cultural brasileira; a investigação de escândalos financeiros.

Dir-se-á, com razão, que se fez bastante em tão pouco tempo. Mas se estas medidas não provocaram controvérsias sérias, o mesmo não se pode dizer no que respeita à área das questões económicas. Os trabalhadores, compreendendo embora que não se poderia exigir muito num tão curto prazo, manifestam-se no entanto contra quaisquer tentativas de lhes fazer pagar a maior fatia da crise.

Uma crise cuja gravidade foi sublinhada recentemente pelo ministro das Finanças, Francisco

Dornelles, perante o Congresso, e que se traduz num défice orçamental correspondente a 40% dos gastos federais, numa dívida externa de 104 000 milhões de dólares, numa inflação de cerca de 230 por cento.

Tem razão Sarney quando afirma que ninguém na história do Brasil subiu ao poder no meio de tal confusão e num momento tão difícil. Como tem razão o presidente da Câmara de Deputados e dirigente do PMDB, Ulisses Guimarães, quando diz ser necessário um período razoável, como sejam quatro anos, para conseguir controlar as grandes dificuldades que o país enfrenta.

Poucos duvidarão disso hoje no Brasil. O problema está na dificuldade que o governo parece sentir em conciliar a sua orientação económica com a transição para a democracia. As medidas positivas tomadas no campo político e social não bastam.



No Brasil, para além das medidas políticas e sociais há que tomar corajosamente medidas económicas para vencer a crise

«Mais de 33 horas no fundo da mina sem água e sem comida! Ocupação do Sindicato pela população mais de 25 horas! A PIDE, a GNR e a PSP desencadeiam uma repressão brutal!

(...) «Cercam o Sindicato e, de armas na mão, gritam: Saíam! Saíam! Ninguém se mexe. O capitão da GNR marca um prazo: têm de sair até às 17 horas. Chegam às 17 e ninguém se mexe. Espumando raiva e ódio, o capitão manda apontar as armas e grita: «Até às 17 e 15 têm de sair. Se não, temos ordem para matar!» Então alguns mineiros, receando a loucura sangrenta da GNR, começam a sair.

(...) «Mal saem à boca da mina, são imediatamente presos tal como estão, apenas com um calção vestido. Cerca de 130 seguem pouco depois para Caxias.»

«Os Valentes Mineiros de Aljustrel em Greve!» — «Avante!», VI Série, n.º 289, Maio de 1960

Avante!

«O 1.º de Maio de 1962, assim como o 8 de Maio, ficarão para sempre na história do nosso povo. Pela primeira vez, em grandiosas manifestações à escala nacional, o povo exige abertamente o fim do fascismo e mostra-se disposto a todos os sacrifícios para conquistar a liberdade política.

«A criminoso e sangrenta repressão salazarista contra o povo desarmado tornou mais claro que o povo deve contar apenas com a sua força e que se deve preparar para combater e derrotar o aparelho repressivo fascista.

«O caminho do levantamento nacional. Novas grandes batalhas construirão esse seguro caminho para a conquista das grandes aspirações do nosso povo.»

«As Lutas de 1 e 8 de Maio» — «Avante!», VI Série, n.º 317, 2.ª Quinzena de Maio de 1962

AVANTE!

«Os 5000 pescadores da costa noroeste matriculados em Matosinhos recorreram audaciosamente à greve em apoio das reivindicações por que estavam a lutar desde Outubro.

(...) «Ao serviço dos exploradores, como sempre, os cães de fila do fascismo — PIDE, demais forças repressivas e capitão do porto — tentaram intimidar os trabalhadores com ameaças e manobras para os dividir. Mas os valentes pescadores de Matosinhos, com o apoio aguerrido das mulheres, mantêm-se firmes e unidos na defesa das suas reivindicações e afirmam que só vão ao mar desde que estas sejam satisfeitas.»

«5000 Pescadores de Matosinhos em Greve!» — «Avante!», VI Série, n.º 391, Maio de 1968

Avante!

«O 3.º Congresso da Oposição Democrática foi um acontecimento de grande importância na vida política nacional. Ele realizou-se no meio de uma generalizada ofensiva repressiva fascista. Mesmo assim, ultrapassou as previsões mais optimistas. A sua realização e a força patenteada pelo Movimento Democrático constituíram uma importante vitória das forças democráticas sobre o fascismo e foram a confirmação da justiça da orientação dos que preconizam a linha unitária da mobilização de massas.»

«O Congresso Democrático de Aveiro. Uma Vitória a Consolidar Alargando o Movimento Unitário de Massas» — «Avante!», VI Série, n.º 453, Maio de 1973



Reagan em Portugal

O amigo americano de Soares & C.ª Lda.

O homem chegou e disse, tirou o chapéu e foi-se.

Ocasões há em que os ditos populares resumem melhor do que as mais buriladas frases o sentido daquilo que se pretende dizer. É o caso no que se refere à visita de Reagan a Portugal.

Que melhor frase ilustraria, não precisando nada mas dizendo tudo o que foi essa estada reaganiana em Lisboa, onde tudo o que sucedeu era previsível e onde o espanto, se o houve, só teve lugar dada a imensa ingenuidade dos que acreditam que a dignidade nacional ainda habita nem que seja lá bem no fundo de alguns portugueses, incluindo os governantes?

Como toda a imprensa previra, em particular a norte-americana, Portugal foi, a nível governamental, a etapa mais fácil da digressão europeia, o que levou Reagan a afirmar quando discursou na Assembleia da República que o nosso país é um local particularmente apropriado para um americano se despedir (sic).

É claro que nem tudo foi ouro sobre azul, como qualquer observador medianamente atento teve oportunidade de constatar, mas o que não deixou dúvidas a ninguém é que o Governo PS/PSD mais o CDS promovido a «oposição democrática» estão atentos, venerandos e obrigados à Administração Reagan e aos interesses do imperialismo norte-americano.

Reagan trocou o apoio à candidatura de Mário Soares à Presidência pelas facilidades concedidas aos americanos em Portugal e pelo apoio do Governo PS/PSD à política da Casa Branca. Que em termos internacionais poderá não ter grande peso, mas que, para consumo público, vale como uma manifestação de

desagravo dos desaires sofridos ao longo de uma jornada pela Europa que se revelou politicamente desastrosa.

Atenção às paixões da maioria

Reagan chegou a Lisboa no meio do mais aparatoso sistema de segurança jamais visto na capital a que nem a imprensa dita "pluralista" — em cujas páginas se lhe teceram loas que fariam as delícias das farpas de um Ortigão — deixou de fazer referências críticas.

Dos discursos que proferiu, entre almoços e jantares, o da Assembleia da República foi o mais importante. Pelo que disse e pelo que não disse. Pelo descaramento, pela "mise-en-scène" nacional e americana que o rodeou, pelas investidas numa História que não conhece, pelas pretensas reflexões filosóficas, pelas mais deslocadas efabulações teológicas que proferiu.

Com a descontração cinéfila que

mesmo os actores medíocres disfrutam, Reagan começou por referir a sua ronda pela Europa, que classificou de longa mas frutífera em resultados. Não se sabe se a pensar nas manifestações de protesto contra ele na RFA, em Espanha ou em Queluz e Lisboa, ou se nos apupos e cartazes de repúdio que viu em Estrasburgo...

Lançou-se depois em tiradas alusivas aos Descobrimientos com citações de Camões, dissertando sobre a História da Humanidade, as aspirações de paz e a confiança que os indivíduos merecem aos governos democráticos. Para concluir de forma lapidar: os nossos governos democráticos (o dele e o de Mário Soares) não se baseiam no pressuposto de que o povo tem sempre razão; na verdade (...) há salvaguardas contra os caprichos ou paixões da maioria.

Um alerta para Soares. Nada melhor que a política da cenoura e do chicote... nas mãos da minoria, é claro!

De Marx aos pastorinhos

O visitante americano não falou da guerra das estrelas, nem do embargo à Nicarágua, da invasão de Granada, da África do Sul, ou da política económica proteccionista norte-americana. Mas falou de Marx, que tinha razão mas se enganou; de NATO; do Mercado Comum onde, disse sem se rir, Portugal vai começar a crescer economicamente; das guerras do nosso século que foram

quase sempre obra de governos, de militaristas e ideólogos (como o Vietname, Granada, etc., etc.).

Os deputados e os membros do Governo que o escutavam embevecidos não disseram nada, mas os améns estiveram sempre presentes nas palmas e nos risos de ocasião.

As expressões falavam por si. Aquele era o homem que se diz escolhido por Deus para libertar o mundo; quem são eles para o contradizer?

Apesar dos inúmeros afloramentos das suas concepções reaccionárias, como referiu a propósito uma nota da SIP do PCP, foi manifesto que Ronald Reagan procurou envolver as suas verdadeiras ideias, concepções e planos em teorizações vagas ou em considerações de recorte demagógico ou pretensamente moralizador. Aplaudiu quem lá foi ouvi-lo justamente para isso.

Aquela pomba branca

Mas nem tudo foram rosas. Se Soares agradeceu aos EUA o apoio recebido, ao ponto de afirmar que «o processo democrático português muito ficou a dever ao apoio que o povo americano (?) e os seus governos deram às forças que em Portugal lutavam pela democracia»; se realfirmou que «os pontos de vista entre os dois governos estiveram sempre muito próximos», Reagan teve de ouvir outros recados.

Em Belém, Ramalho Eanes lembrou o povo de Timor-Leste, cuja tragédia é provocada pela Indoné-

sia, aliada dos EUA; condenou o *apartheid*; lembrou que o Estado português só aceita a independência da Namíbia com base na Resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O que não está nada de acordo com a política seguida pela Casa Branca.

Além disso, os jornalistas portugueses protestaram contra a indignidade de serem revistados pela segurança norte-americana, contra o facto do anunciado encontro de Reagan com a imprensa ser por convite só para os amigos, contra as estranhas máquinas que dentro da própria Assembleia radiografavam tudo e todos.

E depois, para além da ausência dos deputados do MDP/CDE, da ASDI e da saída ostensiva dos deputados comunistas, houve ainda aquela pomba branca que os «Verdes» fizeram entrar no hemiciclo.

Uma pomba branca presa numa gaiola, simbolizando o perigo que a política norte-americana representa para toda a Humanidade.

Quanta excitação uma pomba pode causar... Americanos com saudades óbvias nos casacos, membros do Governo de dedo em riste, deputados do PSD gesticulando ameaças «ou sai a pomba ou saímos nós». E palmas quando a gaiola enfim foi levada, não pelo segurança americano, que o tentou, mas por um funcionário da Assembleia. Palmas pela saída da pomba e pela entrada do falcão.

O País assistiu, pela televisão. A indignidade de um Governo de cócoras perante o imperialismo.

Governo figurante na cobiada de Reagan

A visita de Ronald Reagan ao nosso País foi um estendal de ingerências e grosserias por parte dos visitantes e de servilismo bacoco quanto aos responsáveis governamentais e respectivos suportes parlamentares, que se esmifraram por dar, do País, a dimensão de um capacho norte-americano. Toda a gente viu, leu e ouviu o lamentável espectáculo da imperial visita, já que a Comunicação Social não podia deixar de comentar ou apenas mostrar tão descarado exagero. Aqui fica uma resenha da arrogância e vassalagens que caracterizaram a visita de Reagan ao «special friend», respigada da imprensa em geral.

- Mais de 400 agentes de segurança norte-americana, tomados por incontrolável paranóia, muniram-se de mapas da cidade de Lisboa, plantas de edifícios e de rede de esgotos. Fizeram visitas por vezes ridículas ao mosteiro dos Jerónimos, ao palácio de Queluz e aos trajectos a percorrer pelo cortejo presidencial. Chegaram a

cios próximos tomados ou controlados pelos serviços secretos dos EUA.

- Dez minutos antes de Reagan chegar a S. Bento, já Mário Soares assomava à porta da sua residência oficial. Foram dez minutos de afogueada impaciência...

- Os serviços de segurança de Rea-

● O descoco e o bacoco do «sheriff Ronald» e do «special Máriô»

únicos a movimentarem-se à vontade no meio das cerimónias, mas nem todos: só os da «corte» do presidente. Os restantes, como aconteceu em S. Bento, tinham de ficar de fora à espera de uma «aberta». Lá como cá, só interessam os que «dizem bem». Os tais da «informação objectiva».

- Foi aproveitando uma «aberta» que um dos tais jornalistas americanos, sem entrada franca, perguntou a Reagan à queima-roupa: «Gorbachev afirma que a sua política é uma ameaça à vida. Quer comentar?».

nuciosa ao gabinete de trabalho do Presidente Eanes!».

- Consta que foi só a firme oposição do comando geral da GNR que impediu que a segurança norte-americana desarmasse a força desta corporação de serviço ao Palácio de S. Bento. Os americanos queriam tirar as balas das armas dos soldados da GNR...

- «Teoricamente estava-nos vedada a entrada do Palácio (de Sintra) por não dispormos da necessária creden-

- Os deputados do PS, PSD e CDS escutaram, deslumbrados, a alocução de Reagan em S. Bento e aplaudiram muito. Sobre tudo a seguinte passagem: «Os governos democráticos não se baseiam no pressuposto de que o povo tem sempre razão; na verdade dentro da estrutura dos nossos governos há salvaguarda contra os caprichos ou paixões da maioria».

- Depois, sempre fascinados, correram a espreitar o sistema de teleponto que o orador utilizou para fingir que falava de improviso. Era o brinquedo deixado pelo senhor rico...

- A sessão na Assembleia da República começou com os lugares do MDP/CDE e da UEDS vagos. Preocupados com o «buraco», deputados do PS apressaram-se a ocupá-los, para que o ilustre visitante não visse o despropósito. Imagine-se a aflição destes «representantes do povo» quando o Grupo Parlamentar do PCP se retirou em bloco, nas barbas do Reagan e de 25 cadeias de televisão, abrindo um buraco tão grande que «engoliu», sem remédio, a vassalagem!

- «O miúdo tinha uns oito anos e vestia uma camisola com as letras USA estampadas no peito. Na mão levava um ramo de flores para Reagan (nos Jerónimos) mas não chegou lá: corpulentos seguras americanos barraram-lhe o caminho com inflexível rispidez. O garoto voltou para trás atônito, flores e olhos postos no chão» (reportagem do «Tal & Qual»).

- «Em Sintra três provadores de origem oriental sentaram-se a uma mesa, no corredor de acesso ao salão, com a exclusiva missão de provar tudo que se destinava aos pratos do casal Reagan. Mais: a comida destes foi confeccionada pelo cozinheiro da Casa Branca, embora seguindo a ementa oficial. O anfitrião era o «special friend» Mário Soares...

- Revista norte-americana «Time»: «O Primeiro-Ministro Mário Soares, um inflamado anticomunista, considerava-se a si próprio um especial amigo que tem defendido com firmeza a política norte-americana na América Central».

- Pelo menos quatro militares do Regimento de Infantaria de Queluz (RIQ) foram agredidos (apesar de estarem fardados) durante a carga da polícia de intervenção sobre os manifestantes anti-Reagan, nas proximidades do palácio de Queluz. Também devido à visita de Reagan, militares que se encontravam em exercícios de transmissões junto ao palácio de Queluz foram perseguidos e molestados.

- «Temos agora a honra de, finalmente, vir a Portugal, um local particularmente apropriado para um americano se despedir» (Ronald Reagan na Assembleia da República). ■



A indesejada visita do presidente norte-americano não passou despercebida: se é certo que não se registaram, que se visse, manifestações populares de saudação e regozijo, as acções de protesto, essas, não faltaram

querer saber quem habitava nas proximidades dos palácios de Belém e de S. Bento.

- Quando o presidente egípcio esteve para vir a Portugal, agentes do Cairo exigiram blocos de cimento à volta do palácio de Queluz. As autoridades portuguesas opuseram-se. Os americanos fizeram agora igual exigência. As autoridades portuguesas acederam.

- A própria água para os membros da segurança norte-americana foi trazida dos EUA.

- Reagan entrou e saiu sempre nos diversos palácios onde se deslocou, pelas portas das traseiras. Apesar disso a sua segurança pessoal não perdeu a oportunidade de se exibir, nos trajectos, como um bando de «gangsters» que fosse tomar os palácios de assalto, à luz do dia e perante as populações atónitas.

- Quando Reagan foi a S. Bento na sua visita nada «protocolar» a Mário Soares, toda a área foi isolada, duas ruas cortadas ao trânsito, os peões impedidos até de circular no passeio mais próximo, atiradores especiais colocados nos telhados e todos os edifi-

gan trouxeram cães-polícias dos EUA que farejavam tudo. Às tantas um «segura», de cão pela trela, preparava-se para vasculhar o próprio gabinete de Soares em S. Bento, quando alguém o impediu, desculpando-se sabe-se lá para que botões, que «há limites para tudo». Há?

- Mário Soares é um «amigo tão especial» e considerado por Reagan, que este não o reconheceu quando por ele passou, na visita aos Jerónimos. O Presidente da República, Ramalho Eanes, teve de puxar Reagan pelo braço e fazê-lo voltar atrás para cumprimentar o seu «special friend».

- Mais tarde Reagan procurou emendar a «gaffe», propondo a Soares tratarem-se apenas por «Ronald» e «Mário». Enfim: ternuras serôdias de um amigo desatento.

- Nos Jerónimos, os jornalistas americanos movimentaram-se à vontade. Os portugueses tiveram que passar por um detector de metais e ser revistados por «seguras» dos EUA. Só os protestos dos nossos jornalistas forçaram a substituição destes «policías» camóneas por agentes portugueses. Mas a «revista» continuou para a informação «indígena»...

- Os jornalistas americanos eram os

Resposta de Reagan: «Quem é ele para dizer isso?», ao que o seu compatriota retorquiu, cortante: «É apenas o dirigente máximo da União Soviética...»

- Para «Gente» do «Expresso» a segurança de Reagan tratou com a maior arrogância quem lhe apareceu pela frente, no que «terá sido um dos aspectos antipáticos» da comitiva norte-americana. Segurança que «inclusive exigiu passar uma revista mi-

cial (...) Vieram as primeiras negas da segurança. Aguentámos e, no momento decisivo, aproveitámos a «bóia» de um grupo de jornalistas norte-americanos credenciados. Com eles penetrámos mesmo no palácio, completamente controlado pela segurança americana (...) Pergunta-se: para que tanto espectáculo de segurança se ela, no fundo, se revela tão frágil em momentos decisivos?» (repórter do «Diário Popular» a descrever como «furo» a segurança americana).

■ **Odete Santos***

Salários em atraso desemprego, fome

E que faz o Governo?

Antes que seja tarde, é necessário pôr cobro, de imediato, a esta política de direita que subverte todo o espírito do 25 de Abril, todos os princípios fundamentais que da vida vertemos para a Constituição da República.

Antes que seja tarde é necessário demitir este Governo. Colocá-lo no lugar próprio: na prateleira de um museu de horrores, onde olhamos os fantasmas para os esconjurar de novo. É urgente demitir este Governo antes que seja tarde, antes que aumentem as rendas.

Aumentos das rendas, porquê e para quem?

A crise social que alastra perante a inércia e mesmo com o empenhamento do poder político, justifica a afirmação de que a Proposta de Lei de aumento das rendas é inoportuna e injusta.

Segundo um estudo do próprio Ministério do Equipamento Social, em Março de 1981, estimavam-se as carências de alojamento em cerca de 145 mil. Também nesse mesmo ano cerca de 195 mil famílias partilhavam com outras o alojamento em cerca de 87 000 habitações. O parque arrendado era ocupado, na sua maioria, por operários (31%) e pensionistas e reformados (23,7%).

livre (renda sem tabela) e a renda condicionada, ambas actualizáveis anualmente.

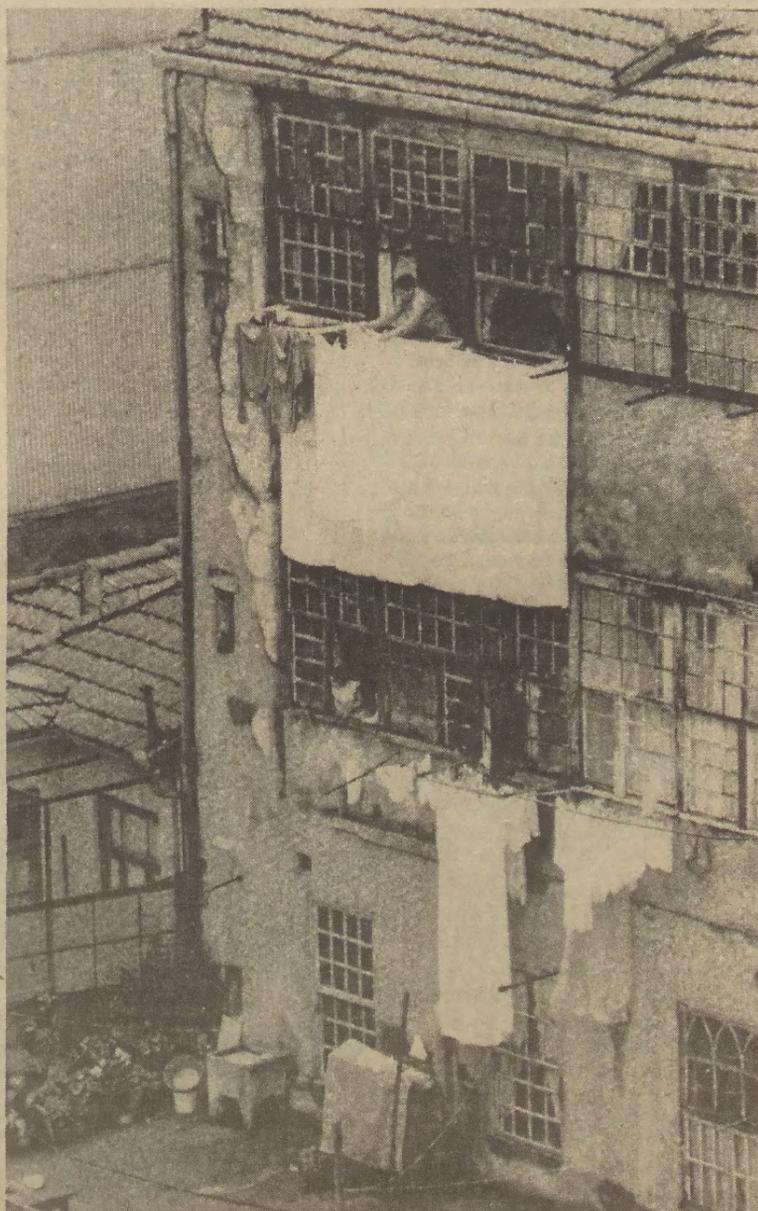
Mas mesmo a renda condicionada, aquela que é limitada por regras definidas é uma renda brutal, uma renda que orçará pelos 25, 30 contos por mês.

2 O Governo sujeita a uma correcção extraordinária todas as rendas anteriores a 1 de Janeiro de 1980, segundo tabelas já aprovadas na Comissão de especialidade.

Assim e por exemplo, uma renda de 800\$00 relativa a um prédio situado fora do concelho de Lisboa e Porto, que date de 1964 aumentará para 1680\$00 no primeiro ano.

Para os anos seguintes tudo dependerá do Governo, da taxa de inflação. O

Aumenta as rendas!



O aumento das rendas que o Governo propõe é incomportável para a esmagadora maioria da população trabalhadora. A concretizar-se, assim como a sopa dos pobres voltou em força, também os bairros de lata irão aumentar imenso

de suportar para além da correcção extraordinária, ainda o aumento por via de realização de obras que se destinam apenas a assegurar aquele mínimo a que todo o ser humano tem direito.

Subsídio de renda? Para quem?

O Governo a braços com a falta de justificação para medidas tão gravosas, acena, no meio de proposta tão impopular, com um subsídio de renda.

Subsídio de que estão excluídas todas as pessoas que tenham arrendado casa depois de 1 de Janeiro de 1980.

Lá se vai, para os jovens casais, a esperança da conquista da privacidade no lar a que têm direito.

Por outro lado, desconhece-se,

neste momento, quem vai ser abrangido por tal subsídio.

E ainda, por outro lado, é bem evidente que tal subsídio é um subsídio aos senhorios, ricos e pobres, indiscriminadamente.

Justo seria, como o PCP propôs (e foi recusado) que o subsídio fosse atribuído àqueles senhorios que têm no seu agregado familiar um rendimento *per capita* inferior ao salário mínimo nacional.

É sempre possível o pior

A maioria parlamentar PS/PSD já conseguiu, no entanto, fazer o que parecia impossível: aprovar a proposta de lei.

Com efeito, ao eliminar o n.º 2 do Artigo 2.º da Proposta, veio permitir-se que todos os fogos, mesmo aqueles com licença de utilização concedida antes da entrada em vigor da proposta, possam ser colocados no mercado no regime de renda livre.

É sabido que tais fogos, segundo a redacção inicial do diploma, apenas podiam ser arrendados no regime de renda condicionada.

Por outro lado, também segundo a proposta do Governo apenas estavam sujeitos à correcção extraordinária os arrendamentos anteriores a 1 de Janeiro de 1978.

Depois da alteração introduzida pela maioria parlamentar, também os arrendamentos celebrados durante todo o ano de 1979, ficam sujeitos àquela correcção.

Por último (mas não será seguramente o último malefício) os deputados PS/PSD decidiram que, sendo a Câmara a realizar as obras de beneficiação ou de conservação, ela Câmara, ao contrário de todos os outros credores não poderá fazer-se pagar por inteiro da importância dispendida. Terá de se cobrar do seu crédito apenas mês a mês, através do recebimento das rendas.

É manifesto nesta proposta de lei o vezo anti-Poder Local deste Governo.

Depois de criar os mecanismos para que sejam os inquilinos e as Câmaras a realizar as obras, depois de sonegar às autarquias 20% da contribuição predial para os subsídios de renda dos senhorios ricos (alterando desta forma in via a lei das Finanças Locais) a lei vai proibir às Câmaras que cobrem, em tempo útil o seu crédito sobre os senhorios!

É, de facto, mais um novo ataque ao Poder Local democrático.

Que caminho?

A Constituição da República impõe ao Estado o dever de garantir o direito à habitação.

E aponta os caminhos para a garantia de tal direito: a intervenção do Estado no sector habitacional, a municipalização dos solos, a protecção das cooperativas de habitação.

Ao invés, o Governo, cedendo a chantagens dos tubarões da construção civil, vem negar aos portugueses o direito a um lar, permitindo a desenfreada especulação no sector da construção civil.

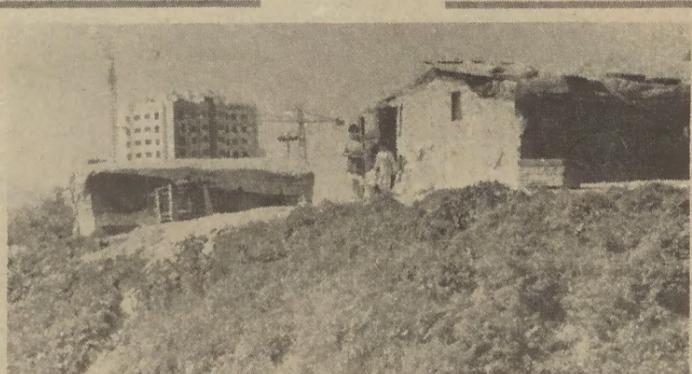
Esta é uma lei que, seguramente, o Governo só pensa pôr em prática depois das eleições, apanhando então os incautos que não estejam devidamente prevenidos.

E põ-la-á em prática se em tempo oportuno não se puser cobro à escadela governamental contra os interesses dos trabalhadores portugueses.

Todas as medidas tomadas, anunciadas ou previstas apenas pelo Governo PS/PSD determinam o cumprimento de um imperativo patriótico: a demissão deste Governo, a mudança de política.

Antes que seja tarde. ■

* Deputada do Grupo Parlamentar do PCP



Em Março de 1981, segundo o Ministério do Equipamento Social havia uma carência de 145 mil alojamentos.

Nesse ano, cerca de 195 mil famílias partilhavam com outras o alojamento em cerca de 87 000 habitações.

O parque arrendado era ocupado, na sua maioria, por operários (31%) e pensionistas e reformados (23,7%).

Em barracas, viviam 21 700 famílias e 15 000 em unidades de alojamento rudimentares e improvisadas. ■

Em barracas, amontoavam-se 21 700 famílias, e 15 mil em unidades de alojamento rudimentares e improvisadas.

Das habitações com rendas inferiores a 500\$00 apenas 55,7% beneficiam de electricidade, retrete e água e 8,2% não têm qualquer tipo de equipamento.

Entretanto grassam os salários em atraso, o desemprego, a fome, e mesmo a miséria.

E que faz o Governo?
Aumenta as rendas.

As medidas da Proposta de Lei

Da Proposta de Lei, merecem destaque as seguintes medidas:

1 O Governo admite para o regime de arrendamento habitacional a renda

aumento será de uma vez e meia o coeficiente de actualização ordinária publicado anualmente pelo Governo. Coeficiente que se conformará com a taxa de inflação. Tais rendas, para além de estarem sujeitas a correcção extraordinária, suportarão também a actualização ordinária anual depois de atingido o montante da correcção extraordinária que, para a renda atrás referida será de 2784\$00.

3 Ainda por outra via, o Governo permite aumentos de rendas. Tais aumentos serão conseguidos através das obras de beneficiação. E se tivermos em conta que estas obras (segundo o Governo prevê) poderão ser a instalação de electricidade, de casas de banho, da própria água canalizada (bastará que na altura do arrendamento aquele equipamento não fosse exigido pelos regulamentos administrativos) veremos como são famílias de fracos recursos (aquelas que não puderam, até à data, gozar do mínimo de conforto) que terão

■ Henrique Custódio

Carvão de Sines suja o Governo

O Governo PS/PSD desmantelou as companhias nacionalizadas de navegação e entrega transportes marítimos a companhias privadas que... não têm barcos!

Está tudo cada vez mais preto, na história do carvão para a central termoelétrica da EDP em Sines — e não por causa deste minério, mas das escuríssimas manobras governamentais e dos seus representantes nas empresas públicas envolvidas (ou des-envolvidas, dando ao prefixo a carga de negação que ele contém). Se quisermos resumir, podemos dizer que o Executivo de Mário Soares promoveu uma gigantesca negociação onde o fornecimento de carvão a esta central foi entregue a interesses estrangeiros e a capitalistas nacionais, lesando directamente as empresas públicas do ramo, a economia do País, dezenas de milhares de trabalhadores e os interesses portugueses. Pelo meio da larga malha furaram compadrios, corrupções e nepotismos para todos os gostos, envolvendo muitas e altas figuras dos dois partidos da coligação — PS e PSD (com cédéesses à mistura, pois claro) — e arrastando o Governo no embrulhão de um escândalo que é... apenas mais um.

A última novidade deste caso, que se arrasta há anos, surgiu o mês passado com a EDP — a empresa pública responsável pela central termoelétrica de Sines — a assinar com a Portline um protocolo de transporte de carvão, anulando assim o anteriormente celebrado com a Companhia Nacional de Navegação (CNN). Deste modo, já chegou ao porto de Sines um carregamento de 40 mil toneladas de carvão para a central trazidas de Baltimore (EUA) pelo navio norueguês «Havorn», fretado pela Portline para o efeito. As primeiras 33 mil toneladas já haviam chegado à central térmica no passado mês de Março, transportadas por um navio igualmente fretado por uma outra empresa com que a EDP mantém também um contrato de transporte, cuja é uma tal «Empresa Continental de Navegação» (ECN), de capitais estrangeiros e que apresenta a particularidade de... não ter navios próprios!

Portanto, a EDP começou já a funcionar em pleno com duas empresas marítimas — a Portline e a ECN — para o transporte e entrega do carvão que necessita para a central térmica de Sines, anulando, ao mesmo tempo, o protocolo anteriormente celebrado com a empresa pública CNN, o que, traduzido por miúdos, significa que a EDP e o Governo recusaram os serviços de uma empresa pública (CNN) vocacionada para este tipo de transportes e com navios ao dispor, trocando-a por outras que, além de representarem interesses privados nacionais e estrangeiros, ainda por cima não possuem frota!

Mas isto é apenas a ponta do véu. Levantemo-lo, recuando um pouco nesta história.

Dar aos outros o que é nosso

É uma história com várias pontas — e uma delas prende-se à Portline e à ECN, as duas empresas marítimas escolhidas pela EDP para transportarem o carvão para Sines.

Ora, o que são estas empresas? A ECN — Empresa Continental de Navegação — é, como já dissemos, uma companhia privada estrangeira que tem a particularidade de não possuir navios ao seu serviço, o que na óptica do Governo e dos seus representantes na EDP está mesmo calhado para o transporte de carvão para a central térmica de Sines... Além do mais esta ECN está associada à multinacional «Dreyfus», que se prepara para mo-

nopolizar a importação de cereais em Portugal.

«Quanto à Portline, a coisa é ainda mais requintada. Trata-se de uma empresa criada pelo Governo de Mário Soares (juntamente com uma outra, chamada «Transinsular») para «substituir» as empresas públicas do ramo — a Companhia dos Transportes Marítimos (CTM) e a Companhia Nacional de Navegação (CNN) — que o Executivo PS/PSD quer pura e simplesmente liquidar por decreto (já promulgado, aliás), abatendo navios e despedindo trabalhadores. Os custos sociais desta decisão, segundo a Federação dos Sindicatos do Mar — que cita dados do Governo — atingem 9405 famílias (somatório dos trabalhadores das oficinas, de terra, de mar, com licença sem ven-

negócio desmesurado: para além do grande capital, que o Governo quer contemplar nesta extinção-criação de empresas marítimas (possibilitação do grande patronato a participação no capital das empresas mistas), há uma série de outros «beneficiários», a começar pelos da própria partilha feita entre os partidos da coligação que, ao que consta, se fez com a entrega da Portline ao PS e da Transinsular ao PSD. A partir daqui tem sido um corropio de nomeações para cargos de gerência, direcção e chefia, com responsáveis e amigalhões dos dois partidos a saltitarem de poleiro em poleiro como se isto fosse uma floresta de benesses...

Pois foi esta Portline, sem navios nem qualquer operacionalidade para além da movimentação de «tachos» e

CGTP-IN e os múltiplos sindicatos dos sectores envolvidos, o transporte de carvão para Sines (a que há a acrescentar outros fornecimentos de grande vulto existentes ou previsíveis a curto prazo, nomeadamente para a Secil, Cimpor e a nova central térmica da Figueira da Foz) permitiu «viabilizar» as empresas públicas da Marinha de Comércio com o aproveitamento integral dos recursos materiais e humanos existentes, e o aumento da frota nacional, viabilizar os estaleiros navais portugueses aproveitando na íntegra os actuais recursos materiais e humanos, aproveitar e rentabilizar recursos existentes em relação ao trabalho portuário, tráfego fluvial e outros transportes locais, ocupar disponibilidades existentes na indústria metalomecânica e na constru-

Que faz aqui este Governo?

Resulta daqui que os interesses nacionais saíram gravemente lesados do negócio. Só que a gravidade do caso é ainda maior do que parece.

Na verdade, tudo isto se passou às escondidas não apenas do povo e do País mas até das diversas empresas públicas que se manifestaram interessadas em prestar os serviços necessá-

atividade em situação de estrangulamento». Estas tomadas de posição surgiram (e surgem) dum vasto universo sindical, pois vastas são as áreas abrangidas (e lesadas) pela criminosa opção da EDP/«Governo em relação ao transporte do carvão para a central térmica de Sines. Diversas gestões de empresas públicas criticaram igualmente estas operações, manifestando estranheza, no mínimo. O PCP apresentou no princípio deste ano um requerimento na Assembleia da República, onde questionava o Governo sobre a matéria («É ou não verdade que a importação do carvão possibilita, se para tal houver a necessária vontade política do Governo, um passo importante na viabilização do sector da marinha mercante? Que me-

de continuar a adiar a definição de medidas indispensáveis que preparem a adesão à CEE (...)

Referindo-se às consequências para o comércio externo da futura adesão à CEE, a FCGP manifestou a sua preocupação pela ausência de medidas «que deveriam ter sido já tomadas», tendo em vista criar condições para «tirar o devido proveito da integração económica» (...)

Os empresários salientaram que os elevados custos dos factores de produção e do seu financiamento e a falta de financiamento da racionalização e modernização do processo produtivo não permitem que seja enfrentada a concorrência internacional decorrente da adesão de Portugal à CEE (...)

Metade não está preparada

Cerca de metade dos empresários portugueses consideram não ter ainda condições para enfrentar os problemas decorrentes da adesão à CEE, revela um inquérito feito pela CIP junto de 900 empresas de todo o País (...)

Os empresários salientaram que os elevados custos dos factores de produção e do seu financiamento e a falta de financiamento da racionalização e modernização do processo produtivo não permitem que seja enfrentada a concorrência internacional decorrente da adesão de Portugal à CEE (...)

Matar os matadouros...

Cinco mil falências nos próximos cinco anos são as estimativas feitas pelos comerciantes de carnes, que alertaram ontem o Governo numa reunião de três horas. Os órgãos de cúpula dos comerciantes de talho toma-

Não há acessórios para ninguém

A aplicação integral do Regulamento CEE 123/85 em Portugal afectará gravemente cerca de 1500 empresas retalhistas de peças e acessórios de automóveis, que empregam cerca de 7000 pessoas — considera um dirigente da Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP) citado pela Anop.

A fonte precisou que o Regulamento CEE 123/85 estabelece que o sector retalhista independente não pode adquirir peças em distribuidores de marcas para as vender a oficinas independentes. Ora, cerca de metade das vendas dos retalhistas independentes é constituída por peças de marcas (...)

A Federação do Comércio Grossista Português acusou o Governo de prosseguir uma política «eleitoralista»

cimento, em situação de pré-reforma e ainda os pensionistas, orfãos e viúvas), e implicam que dos actuais 4542 trabalhadores ao serviço efectivo das empresas e com licenças sem vencimento, apenas 795 seriam absorvidos até Junho do corrente ano pelas empresas Portline e Transinsular (as tais criadas para o transporte de carvão para a central térmica de Sines... Além do mais esta ECN está associada à multinacional «Dreyfus», que se prepara para mo-

restauracionismos capitalistas, que a EDP escolheu para transportar o carvão para a central térmica de Sines, juntamente com uma empresa estrangeira nas mesmas condições... Entretanto, anula um protocolo com empresas públicas portuguesas do ramo dispendo de tudo para prestar os serviços necessários: navios, estruturas, homens, tecnologia e «know-how»... Mas essas empresas, quer o Gover-

rios para o transporte do carvão para a central de Sines, apresentando propostas concretas e exequíveis, rentáveis e económicas e sobretudo salvaguardando os interesses nacionais, nomeadamente no que concerne à reanimação do sector dos transportes marítimos e da construção naval e múltiplas actividades subsidiárias.

Como referia uma das diversas tomadas de posição avançadas pela



Vamos para a CEE não vamos?

Não é só na perspectiva dos trabalhadores que a adesão à CEE é considerada ruínoza para o nosso país. Também os empresários, nomeadamente os pequenos e médios, começam a ver o que realmente os espera...

ram também conhecimento que, dos fundos de pré e pós-adesão à CEE, nada se destina ao comércio (...)

O comércio das carnes no país conta com aproximadamente 18 mil estabelecimentos e 5 mil destes não suportarão o dispêndio de 1800 contos, verba estimada para a conversão de cada uma das unidades.

(Diário Popular, 11.4.85)

IVA (Isto Vai Aumentar)

A direcção da Associação Industrial Portuense enviou um telex ao ministro das Finanças, onde considera que o IVA, «ao onerar a grande maioria dos «stocks», vai funcionar como mais um pesado encargo para as empresas, que já de um modo geral se sentem estranguladas pelos problemas financeiros».

(Diário de Notícias, 7.4.85)

A adesão à CEE e a implantação do IVA podem provocar um aumento de preços dos cereais e das oleaginosas importadas por Portugal, devido à «inexistência de preparação do sector».

O alerta foi lançado por entidades ligadas à comercialização de cereais, arroz e oleaginosas (...)

(Correio da Manhã, 19.4.85)

A Associação Comercial de Lisboa/Câmara de Comércio e Indústria Portuguesa (ACL/CCIIP) indo ao encontro do desejo manifestado por largas camadas do empresariado português enviou terça-feira ao Primeiro-Ministro uma exposição alertando para as consequências imediatas da entrada em vigor do código do Imposto sobre o Valor Acrescentado (...)

(O Dia, 27.4.85)

A Espanha protege-se

A Espanha apresentou a semana passada uma lista de produtos industriais sobre os quais tencionava manter a protecção aduaneira, relativamente a Portugal, durante o período de transição. Essa lista inclui praticamente todos os têxteis, a cortiça, os vidros e a cerâmica produzida em Portugal, exactamente aqueles produtos que poderiam oferecer alguma competitividade no mercado espanhol (...)

(Semanário, 13.4.85)

Portugal «engoliu um acordo»

O presidente da Confederação da Indústria Portuguesa, Ferraz da Costa, denunciou que as disposições finais do acordo entre Portugal e a CEE mostram que houve cedências a mais, «não tendo sido acautelado o interesse nacional» (...)

O presidente da CIP sublinhou poder constatar-se que Portugal «engoliu um acordo», cedendo em áreas em que o nosso País é bastante competitivo — têxteis, concentrado de tomate, açúcar e conservas de peixe —, deixando que a Comunidade nos impusesse limitações de produção (...)

Ferraz da Costa precisou que Portugal «está onde queria, mas está como não queria ou não deveria estar» (...)

(O Dia, 3.4.85)

São eles que dizem

«Para a Espanha e Portugal a adesão será inevitavelmente um fracasso se não fizerem um esforço significativo para acertarem o passo com os seus futuros parceiros comunitários tornando os seus mercados mais abertos e os seus produtos mais competitivos» afirmaram círculos empresariais da RFA (...)

(Diário de Lisboa, 8.4.85)

Mal negociado

Michel Rocard, o ex-ministro francês da Agricultura, que se demitiu no princípio do mês, logo após a conclusão das negociações entre a CEE e os países ibéricos, declarou que os termos do acordo «vão bloquear todas as negociações futuras sobre os preços agrícolas». Em declarações ao semanário «Canard Enchaîné» Rocard sustentou que a adesão dos dois novos membros tinha sido «mal negociada» por parte dos «Dez» e que o acordo se ficou a dever a uma posição pessoal e política do presidente francês e do chanceler alemão-federal (...)

(Diário de Lisboa, 11.4.85)

Até a marmelada senhor

O cliente entrou no supermercado e pediu à empregada duzentos e cinquenta gramas de marmelada. Não temos! — foi a resposta que ouviu e deixou perplexo, sabendo que aquele estabelecimento estava sempre bem abastecido.

Não temos! — repetiu a empregada — foi proibida a venda avulso da marmelada. Agora só naquelas embalagens plásticas.

Mas essas são mais caras? — e o cliente torceu o nariz.

Pois são! Mas agora marmelada só assim. Parece que é por causa dessa coisa da CEE. — rematou a empregada.

Então não havia de ser eleitoralista?

A Federação do Comércio Grossista Português acusou o Governo de prosseguir uma política «eleitoralista»

Porquê e em que condições foi criado o TRATADO DE VARSÓVIA

Há trinta anos, a 14 de Maio de 1955, os representantes dos países socialistas europeus assinaram em Varsóvia o «Tratado de Amizade, Colaboração e Ajuda Mútua». Surgiu assim a primeira organização de defesa colectiva dos países socialistas. Para a sua criação contribuiu a situação internacional do momento. Sem conhecê-la não se pode compreender o significado e a essência do Tratado de Varsóvia. E não chega limitarmos-nos à situação político-militar da Europa de meados dos anos cinquenta. É preciso andar um pouco para trás e estudar os anos anteriores.

Após a Segunda Guerra Mundial — depois da derrota dos Estados fascistas da Alemanha, Itália e Japão — foram criadas as condições para o estabelecimento da colaboração no espírito da aliança antifascista, formada durante a guerra, e para a aplicação dos princípios da segurança colectiva para todos os países. As normas de cooperação pacífica entre os Estados foram expressas na Carta da Organização das Nações Unidas. O extenso programa de relações pacíficas e colaboração foi traçado também nas conclusões da Conferência de Potências Antifascistas de Potsdam. Uma das mais importantes resoluções foi que a principal condição de segurança na Europa era impedir a restauração do militarismo e nazismo alemães.

No entanto, as esperanças de cooperação pacífica não duraram muito tempo. Na política das potências ocidentais e, sobretudo, dos Estados Unidos da América, começaram a impor-se cada vez com mais força as tendências que rejeitavam a colabora-

ção iniciada durante a Segunda Guerra Mundial.

É criada a NATO

Na segunda metade dos anos quarenta, as relações entre os países capitalistas e socialistas começaram a piorar bruscamente. Com o Plano Marshall, segundo o qual os Estados Unidos deveriam «tomar» economicamente a Europa, iniciava-se o período da «guerra fria». Pouco tempo depois, Washington começou a formar alianças militares dirigidas contra os países socialistas. Em Abril de 1949 foi criado o Pacto do Atlântico Norte, a NATO, englobando a maior parte dos Estados capitalistas europeus. Isso significou a divisão definitiva da Europa em dois campos políticos e militares opostos.

Os países socialistas rejeitavam a criação de blocos militares. Não obstante, não puderam ficar de braços

Garantia de segurança e trabalho em paz: objectivo de um pacto assinado há 30 anos

cruzados perante esta nova e perigosa evolução da situação internacional. Em finais dos anos quarenta e princípios da nova década de cinquenta, assinaram uma série de tratados cujo objectivo foi garantir a segurança mútua e criar condições favoráveis à edificação de uma comunidade de carácter socialista.

Os acordos incluíam medidas no sentido de impedir o ressurgimento do perigo do revanchismo e do militarismo alemão. Em Outubro de 1954, apesar dos protestos veementes da opinião pública mundial progressista, foram assinados os Acordos de Paris que eliminaram todas as restrições que impediam o restabelecimento da capacidade da indústria bélica da República Federal da Alemanha e permitiram a sua entrada imediata no Pacto do Atlântico Norte.

Nesta época, a União Soviética alertou para o perigo da militarização da Alemanha Federal e para as suas consequências, que conduziram a um agravamento da tensão na Europa.

Em Moscovo foi convocada uma reunião pela paz e a segurança na Europa, para a qual foram convidados todos os países do continente europeu e os Estados Unidos. Só os países socialistas, no entanto, estiveram presentes.

Apelo sem resposta

Nas conclusões desta conferência sublinhou-se que «a segurança real na Europa só pode ser atingida se, em vez de alianças militares de Estados, se criar um sistema de segurança colectiva que, baseado na participação de todos os países europeus, independentemente do seu regime social e político, se empenharia na conjugação de esforços para assegurar a paz na Europa».

Mas o apelo dos Estados socialistas ficou sem resposta. Os Acordos de Paris entraram em vigor em 5 de Maio de 1955 e a 9 de Maio do mesmo ano

— dez anos depois do fim da guerra — a Alemanha Federal foi considerada membro da NATO. A entrada da RFA na NATO constituiu uma mudança de peso na situação estratégico-militar da Europa. Daí que a 14 de Maio de 1955 se tenha convocado para Varsóvia uma conferência dos países socialistas onde foi assinado o acordo de criação do Tratado de Varsóvia. Uma particularidade deste Tratado é que não se limita à cooperação no campo militar, mas também participa nas relações internacionais, particularmente nos sectores económico, político e cultural.

Garantir a própria segurança, manter a paz na Europa e impedir a eclosão de uma nova guerra mundial, são os objectivos centrais do Tratado de Varsóvia. Nos artigos 1.º e 3.º estipula-se que os países membros se conduzirão pelo objectivo de manter a paz e a segurança. Segundo o artigo segundo, uma das tarefas da organização é procurar os meios efectivos para chegar ao desarmamento total e esforçar-se por conseguir a proibição das armas nucleares e de destruição massiva.

Existência a prazo

A existência do Tratado de Varsóvia está subordinada aos seus objectivos políticos básicos. O artigo 11 estabelece: «Se na Europa for criado um sistema de segurança colectiva, e com esse fim, um acordo pan-europeu de segurança colectiva, pelo qual se empenharão sem cessar todos os participantes, este Tratado perderá a vigência no mesmo dia em que entrar em vigor o tratado pan-europeu».

Enquanto não for criada uma situação assim, verifica-se que o Tratado obriga a organização a zelar pela segurança dos seus membros. Baseado no direito à autodefesa individual e colectiva, e de acordo com o artigo 51 da Carta da Organização das Nações Unidas, o artigo 4.º do Tratado estabelece que se se verificar um ataque armado contra um ou vários membros, todos os países do Tratado lhe darão ajuda imediata, com o emprego de todos os seus meios considerados necessários, incluindo a força armada. Para coordenar a actividade das forças armadas cria-se o Comando Conjunto dos Países Membros do Tratado de Varsóvia. As questões de carácter político são tratadas ao mais alto nível no Comité Político Consultivo do Tratado de Varsóvia.

Os trinta anos de existência desta aliança defensiva, cuja criação foi imposta pelo perigo crescente, a nível mundial, confirmam plenamente a sua importância.

Nestas três décadas transformou-se num indiscutível centro político, económico e militar, onde é elaborada e prevalece uma política externa coordenada tendente a fortalecer a paz na Europa e no mundo. Enfrentar decididamente as tentativas de alterar o equilíbrio estratégico-militar, participando em grande medida na estabilização da situação e na segurança de todos as nações. ■



Uma aliança defensiva cuja criação foi imposta pela crescente agressividade do imperialismo, nomeadamente com a criação da NATO e a entrada na organização da RFA. Uma aliança que não se limita à cooperação militar, abrangendo também os sectores económico, político e cultural.

a TV

O que Reagan ficou a saber

Fazia-se na Rádio o relato da viagem do Mr. Reagan, antigo actor medíocre, actual Presidente dos Estados Unidos, igualmente medíocre. Só que as coboiadas agora são mais perigosas...

Pois o locutor da Rádio, ao referir-se ao pouco, ao quase nenhum eco dessa viagem, comentava que «a presença popular tinha sido tímida e envergonhada...»

Falava certamente dos mirones que sempre param na beira das ruas, quanto mais não seja para saberem o motivo de tanta balbúrdia. Porque, para a multidão que protestou nas ruas de Lisboa contra a presença do falcão-mor, não havia nenhuma timidez: havia coragem e determinação na defesa de valores essenciais, feridos pela política de Reagan.

Reagan, esse, tirou largo proveito desta viagem. Ficou pelo menos a saber que, em Portugal, amigos «friends» do coração e da bolsa só tem meia-dúzia que estão no Governo. Com o povo português não pode contar. Não contará, em caso algum.

Há gente para tudo...

Os noticiários da Televisão não deram a mínima ideia do que foram entre nós, em termos de emoção e de criatividade, as manifestações anti-Reagan.

A verdade é que também a projecção da pessoa de Reagan ficou prejudicada em virtude da vigilância paranóica em volta do visitante. A RTP, verdade seja dita, bem se esforçou por dar o máximo possível. Ela própria se queixou de que o seu trabalho fora altamente prejudicado pelos excessos da vigilância. Está na memória de todos aquela câmara parada, fixa, a longa distância, diante dos claustros dos Jerónimos, à espera que aparecesse o homem das Américas, acossado pelos gorilas. Parecia uma câmara encoberta no corredor de uma penitenciária...

Não seria uma cena para o «Arroz Doce»? Porque, na verdade, há gente para tudo...

O tiro pela culatra

O que é que nós ficamos a saber, pela televisão, a respeito desta viagem quase secreta?

Ficamos a saber que os governos de Portugal e dos Estados Unidos são dois bons aliados; que os Estados Unidos ajudaram imenso a estabilização da democracia em Portugal (!!!); que a presença de Portugal na NATO é indispensável para a «defesa do ocidente»; que os Estados Unidos têm em alta conta a base das Lajes; e que o dr. Mário Soares é o seu grande amigo...

Como se sabe, a política dos Estados Unidos baseia-se, superficialmente, numa acção de «marketing» devidamente estudada. Os homens da Casa Branca, consultados certamente os seus «friends» de cá, devem ter dito ao Reagan: «Portugal é um país muito católico, seria bom se, no seu discurso, metesse uma gracinha dirigida à sensibilidade do povo português».

Dito e feito. Lá veio a alusão aos três pastorinhos de Fátima mas de modo tão primário, tão grosseiro, tão coboiado, que a demagogia se denunciava pelo próprio ridículo.

O tiro de Reagan saiu-lhe pela culatra. A manobra era demasiado visível. Muitos católicos ouviram aquilo com uma expressão de nojo.

Os belicistas mancham tudo em que tocam.

A verdade veio ao de cima

Com tudo isto, porém, a verdade acabou por vir ao de cima, mesmo através da televisão.

Isso aconteceu quando os espectadores viram a gaiola com a pomba que o deputado de «Os Verdes» deixara no seu lugar, na Assembleia da República. Assim ficava denunciada a política belicista dos Estados Unidos...

Isso aconteceu quando os espectadores viram com os seus próprios olhos os deputados comunistas abandonarem a sala das sessões quando Reagan entrou.

Isso aconteceu quando Reagan, o coboiado, fez referência à saída dos deputados comunistas. Nessa altura, e apesar do comentário de Reagan envolver uma clara ingerência nos assuntos internos do nosso país, houve deputados servicais que se riram...

Sim. A verdade, sob vários aspectos, acabou por vir ao de cima...

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Independência nacional, onde estás?

Da série de recortes de hoje salientamos para o leitor a peça notável de um semanário noticiando a designação do embaixador norte-americano em Lisboa como aquele que melhor terá servido os interesses dos EUA no estrangeiro em 1984. A razão dessa designação feita no seio do corpo diplomático norte-americano, terá sido a assinatura do acordo sobre a base das Lajes que é classificado no artigo como «um bom negócio» para os EUA e «um modelo de influência e penetração».

O brilho da acção do sr. Holmes só é possível pela «boa vontade do governo português chefiado por Mário Soares (...) em quem os americanos depositam uma confiança merecida». Oh yeah!

«Um modelo de influência e penetração»

● «Portugal é pequenino mas é um torrãozinho de açúcar, dizia a personagem do Eça. O mesmo terão dito no ano passado alguns funcionários norte-americanos para quem o nosso país foi a «coqueluche» de 1984. O acordo sobre a base das Lajes constituiu para os Estados Unidos um bom negócio, e terá saído bem mais económico do que esperaria Washington, segundo se comenta no Capitólio entre círculos do Senado.

Por isto, o embaixador norte-americano em Lisboa, Allen Holmes, foi no ano passado uma espécie de «primus inter pares» do corpo diplomático do seu país. Anualmente, uma praxe entre os embaixadores norte-americanos de todo o mundo designa aquele que melhor terá servido os interesses dos EUA nos respectivos países de missão. O acordo das Lajes foi considerado como um modelo de influência e penetração, pelo que a honra recaiu sobre Holmes. E o proveito também, na forma de dez mil dólares de um fundo específico.

A forma brilhante como a Embaixada norte-americana se tem despenhado da sua missão só é possível pela boa vontade do governo português chefiado por um Mário Soares cuja estrela no «State Department» de Washington continua alta. Ele é o homem em quem os americanos depositam uma confiança merecida.»

(«Semanário», 11 Maio)

Abril na RTP: 58 minutos e 11 segundos para Soares

● «Nunca nenhum Governo, nos últimos anos, gozou de tanto tempo de informação na RTP como o actual, segundo estatísticas da própria televisão. Dados que consultámos relativos a Abril, revelam que o Governo PS/PSD teve cerca de sete vezes mais tempo de informação (1h 37m 46s) que os seus opositores parlamentares mais fortes (CDS e PCP). Na coligação, o

PSD foi o mais bafejado (20m 7s). No entanto, de entre as figuras políticas, o primeiro-ministro socialista foi de longe o mais visto e noticiado (43.55).

(...) Mário Soares, na sua qualidade de Primeiro-Ministro e/ou de líder socialista, foi 27 vezes referenciado nos espaços informativos da televisão num total de 43m 55s em noticiários, mais 14m 16s do programa «Panorama».

Visto que 23 minutos e 27 segundos desse tempo de informação foram dedicados à cobertura de actos do Primeiro-Ministro, relacionados com a adesão de Portugal à CEE, como foi consumido o restante? Os mapas da RTP recordam e esclarecem: deslocação de Soares a Vila Real (dia 1); reunião com o ministro dos Negócios Estrangeiros da RDA (2); encontros com Felipe Gonzalez e rei Juan Carlos de Espanha (10); deslocação ao Porto e contactos com empresários (13); declarações sobre a morte de Tancredo Neves (21); almoço de homenagem a Rosado Correia, no Porto (27); encontro sobre «Panorama Cultural», na Casa de Mateus, Vila Real (28); visita e contactos no Nordeste, designadamente em Mirandela (28); contacto com industriais algarvios, em Albufeira (29); encontro com o presidente da CCDAA (30); reunião com a direcção do PS (30); e jantar com os trabalhadores e sindicalistas na Costa da Caparica, também no dia 30.»

(«Semanário», 11 Maio)

O que faz correr Acácio?

● «Portugal deve aderir à «guerra das estrelas»? Esta é a pergunta do habitual inquérito «DN»

(...) Acácio Barreiros: O projecto IDE não deve ser liminarmente recusado. Pelo contrário, embora continuemos a exigir que sejam dados passos concretos nas conversações de Genebra, também é necessário dizermos que, se tal não for possível, talvez se torne imprescindível recorrer a sistemas mais complexos de defesa, incluindo a utilização do espaço.

Aliás, é preciso recordar que a

Este fabuloso dia de Maio...

«Mas foi preciso viver até este fabuloso dia de Maio de 1985, para ver o Presidente da nação mais poderosa e rica, o Condutor do Povo que começou a gatinhar pelo Espaço, o Homem que tem a sorte do Mundo à mercê do seu gosto, senão do seu dedo, subir aquelas escadas da tribuna do Parlamento português, e apelar para que este Povo que somos, frustrado e desesperado, para que seja de novo a luz do mundo e se transforme, uma vez ainda, na pleiade de descobridores e navegadores cantados nos «Lusiadas».

«Ninguém responsável da nossa classe política teria a coragem, a autoridade, a energia do Presidente norte-americano, ao evocar e invocar aquela mensagem que um dia Maria deixou em Fátima, sobre os ramos de uma azinheira, a três pastorinhos da serra de Aire.

«Depois de ouvir ontem atentamente, comovido quase até às lágrimas, a espantosa oração de Ronald Reagan, já formulei várias vezes a mim próprio esta pergunta: — a intervenção do Presidente, na Assembleia de Portugal, seria parte do segredo de Fátima ainda não revelado?... Teria dito a Senhora aos zagalitos que havia de vir um dia a Lisboa o Homem mais poderoso da Terra e aqui exaltar o valor inestimável da sua mensagem?... É uma pergunta que me fica a pairar no espírito e que o futuro próximo se encarregará certamente de esclarecer.»

(João Coito em «O Dia»)

URSS já hoje possui os mísseis capazes de atacar satélites no espaço.

Entendo, pois, que Portugal, não deve ficar de fora das investigações científicas e tecnológicas contempladas no projecto IDE, devendo, no entanto, reservar a sua posição quanto à concretização desses projectos para o caso dos mesmos se tornarem inevitáveis.»

(«Diário de Notícias», 12 Maio)

Timor-Leste: genocídio com apoio USA

● «Aproveitando a presença, em Lisboa, do presidente Reagan, a Comissão para os Direitos do Povo Maubere e o grupo «Paz e Justiça para Timor-Leste» vieram a público alertar para a situação, terrível, que se vive naquela antiga colónia portuguesa.

Divulgaram, também, o teor de uma carta enviada aos principais órgãos de soberania portugueses, na qual lhes exigiam que assumissem, perante o presidente dos EUA, a «responsabilidade histórica» que lhes cabe na questão de Timor-Leste.

Pode parecer um tanto bizarro que se peça aos órgãos de soberania portugueses que assumam, perante um estrangeiro, as suas responsabilidades históricas... Mas dando de barato esse «pequeno pormenor», aproveitasse apenas para lembrar as responsabilidades dos EUA e de Reagan («very special friend» de Mário Soares) na situação que o

povo maubere vive às mãos dos exércitos indonésios. Sem esquecer, obviamente, o vergonhoso comportamento do governo português em toda a questão.

É que, desde que em 75 a Indonésia invadiu Timor-Leste, já ali morreram, pelos efeitos da guerra, da repressão e da fome, mais de duzentos mil timorenses. Isto é: mais de um terço do total da população. Sempre com o apoio activo — político, diplomático e material — dos EUA à Indonésia.»

(«Diário de Lisboa», 11 Maio)

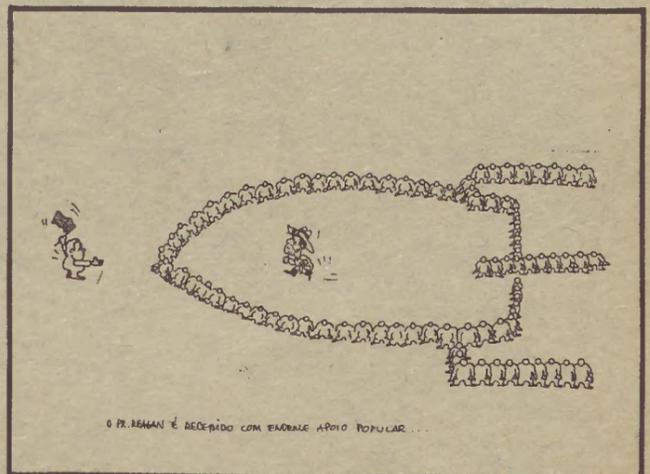
Veteranos nazis agradecem a Reagan

● «Veteranos das tropas especiais nazis SS reuniram-se na localidade de Wesselwang, na Baviera, sob forte protecção policial, ante o receio de manifestações violentas.

Cerca de 400 veteranos do primeiro corpo SS Panzer, acusados de atrocidades contra civis e soldados aliados durante a Segunda Guerra Mundial são esperados para o encontro do fim-de-semana.

(...) Um dos veteranos, Ludwig Bergmann, 70 anos, disse que a visita do presidente norte-americano Ronald Reagan ao cemitério de Bitburgo, onde estão sepultados 49 soldados SS, «ajudou a mostrar que éramos apenas tropas ortodoxas».

(«Diário de Lisboa», 11 Maio)



Pontos Cardeais

A escuridão

Nisto das presidenciais, o panorama está cada vez mais negro, segundo alguns. Para que brilhem algumas estrelas é preciso que a noite se faça. Nessa ordem de ideias, alguns apagam os seus luzeiros. É o que diz o «Semanário», órgão ao serviço diabólico de certas faixas do PSD, quando titula que «Machete apaga-se», «Cavaco pode avançar». Como irá Cavaco avançar? Às escuras? Ou levará ele próprio — com Freitas também, coadjuvado por algumas notoriedades do PSD — uma velinha na mão? É que, a Mário Soares, é preciso que lhe mostrem uma luz ao fundo do túnel...

Vontades

De vontades está o mundo cheio. Freitas do Amaral, por exemplo, afirma que tem vontade e condições para vencer as presidenciais. Foi «O Dia» que lhe imprimiu as palavras ditas ao micro da Renascença. Vontade, porém, é uma coisa, condições são outra. Freitas manifesta também a vontade de, uma vez em Belém, dissolver o parlamento. Há gente disposta a fazer-lhe as vontades. No Grémio Literário, a conferência do «centrista» teve a audiência de muitos «sociais-democratas» — de Cavaco e Silva ao pequeno Seabra. Estará Mário Soares disposto a também satisfazê-las? Ou tem vontade que Freitas o ajude mais às suas vontades? Por nós, temos vontade que a Assembleia seja dissolvida antes que estes representantes do 24 de Abril possam saciar a vontade que têm de acabar com o 25 de Abril.

A coerência

De repente, zás! São logo dois editoriais na desacostumada

imprensa «bem pensante», a falar do PCP e da sua coerência. No «Semanário», o editorial chama a Álvaro Cunhal, a propósito do comício de Évora, «o mais coerente e claro dos chefes políticos». No «Diário de Notícias», o editorialista afirma: «É difícil não reconhecer ao PCP uma coerência nos princípios e uma determinação nos objectivos que contrastam com a flutuação de outros». No entanto, estes «elogios» são apenas avisos. Aos tais «outros». E não se compreenderiam se o não fossem. Como quem diz — atenção, que o PCP tem razão e tem força; se a direita não se amanhara melhor do que faz, corre riscos. Têm razão.

Deste Shakespeare...

No luxuoso Madison Hotel de Washington realizou-se recentemente uma conferência destinada a mostrar «as imagens falsas» da chamada «equivalência moral» entre Estados Unidos e União Soviética. Segundo uma correspondência daquela cidade publicada pelo **Expresso**, a conferência foi promovida e reuniu destacadas personalidades conservadoras norte-americanas, uma das quais, Irving Kristol, dito «escritor e dirigente do movimento neoconservador», apelou entre outros mimos, para que os EUA abandonem as Nações Unidas e

preconizou duas mudanças de nome: do Conselho Nacional de Segurança para «Conselho Imperial Americano» e do Departamento de Estado para «Departamento da Guerra». O que a nós portugueses particularmente interessa é o seguinte: um dos mais destacados promotores e participantes na conferência (na qual uma série de individualidades liberais se recusaram pura e simplesmente a estar presentes) foi nem mais nem menos do que Frank Shakespeare, indigitado futuro embaixador dos EUA em Portugal, graças a cuja influência, aliás, o Governo americano contribuiu democraticamente para o financiamento da conferência com a módica quantia de 45 mil dólares. Deste Shakespeare, pois, já sabemos que obras esperar...

Europa?

«E já que estamos na Europa, e porque estamos na Europa, que bom que é estarmos na Europa e que ótimo que ela esteja conosco.» Tem sido assim de há um mês a esta parte. Onde quer que vá, ou que se fique, ministro (primeiro, vice, ou sem qualificação adequada), secretário ou sub-secretário que se preze não perde uma oportunidade para dizer que «agora com a Europa, dado que a dita, e uma vez que a idem». À semelhança do que aconteceu o ano passado, o Governo prestou-se a comemorar o Dia

da Europa, e que assinala a fundação do Conselho da Europa. No entanto, e à semelhança do que aconteceu no ano passado, o Governo enganou-se na data. Primeiro foi dia 11 e, agora, foi dia nove, quando o Conselho da Europa foi fundado no dia cinco. Será mais uma manifestação de esquecimento, ou será, pelo contrário, a governamental «tendência atlântica» a vir uma vez mais ao de cima?

Sempre a aprender

A gente está sempre a aprender. Aqui há dias, no «Diário de Notícias», vimos como se contou, nos Estados Unidos, o que se passou em Portugal. Isto nas linhas escritas em jornais do país «mais livre do mundo». Se o leitor fosse americano, talvez engolisse a escrita. Sendo português, ficavam-lhe as letras na garganta.

O correspondente Melo e Silva, que manda de Washington a sua crónica, quase se gaba se, finalmente, os «americanos derem por nós», a propósito da visita de Reagan, o que é «normal». O que ele conta, porém, é espantoso: os dois grandes jornais dos EUA dão honras de primeira página ao discurso de Reagan na Assembleia da República, como se de uma vitória se tratasse. Reagan veio ensinar aos portugueses que «a liberdade resulta», e o «N.Y. Times» destaca que «Reagan diz em Lisboa que o comunismo está em declínio».

Mas o melhor está para vir, com a transcrição de certas partes da entrevista concedida ao «Christian Science Monitor» por Mário Soares. Disse ele: «Graças aos nossos esforços com a balança comercial, já não precisamos mais do Fundo Monetário Internacional». Para a imprensa portuguesa, mesmo habituado a mentir, Soares não iria tão longe. Mas foi, para americano ler. E mais adiante: «É verdade que há pessoas que vivem pobremente, com pequenos salários, em más casas, mas nunca encontrei ninguém que tivesse dito que não tinha de comer.» Pois. Antes que digam manda-os prender. E espancar.

O país descasca-se

O «diabo» tece-as. A caminho da CEE, em rápida corrida, alguns desunham-se para não perder o comboio. Vem isto a propósito de um anúncio publicado no pasquim «O Diabo», que propõe, nada mais nada menos, que se dê cabo do património cultural do país. A começar pelos azulejos. Com efeito, um comprador estrangeiro, que avisa não ter tempo a perder, promete mundos e fundos por um azulejinho, daqueles bem antigos. E o anúncio fala mesmo do «invulgar número de respostas» que acorreram ao apelo. Sobretudo da província. Vamos passar a ver — mais do que já se tem visto — a devastação dos azulejos portugueses nos monumentos ou nas simples casas que tais objectos adornam? «Soltos ou na parede», diz ainda o anúncio, propondo-se talvez acartar para a estranha paredes inteiras. Antes eram os emigrantes. Agora também o país emigra. A começar pelos azulejos. O país descasca-se a caminho da CEE.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I
Reagan foi, muito feliz, render o preito aos nazis pedir-lhes perdão, enfim. Vendo bem as situações acho que está bem assim: falcão visita falcões...

Para cúmulo de azares deu um abraço ao Soares como uma esmola ao mendigo (Portugal injuriado!) e chamou-lhe «seu amigo» como quem diz «seu criado...»

De repente, a gente via passar a sombra da CIA... Saibas tu que não é bom, quando sonhas fazer mal, confundir o Soares com o povo de Portugal...



II
Pois o Reagan veio cá para mostrar a quem dá o seu apoio. Pois é... O Soares feliz à brava ao lado dele mostrava um sorriso de libré...

Pelo que, mais esta vez, sabe o povo português com tantas razões de queixas que, entre farsas colossais, há uma razão a mais pra não gostar, do bochechas...



III
Abutre podre, pregador da morte, a palavra sem luz, o riso tolo, o míssil do terror a tiracolo, do vômito infernal sujo recorte.

Ele andou por aí, perdido o norte, receoso de veneno em cada bolo, em cada gesto a gesta do parolo, abutre podre, pregador da morte.

«Reagan, go home» os povos lhe gritaram e assim gritando pela paz lutaram e a decisão mostraram pura e forte

de conjurar a guerra, a fome, o perigo. «Go home» e leva o teu Soares contigo, abutre podre, pregador da morte.



Agenda

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 594

16 de Maio de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Quinta 16

• **JORNADA NACIONAL** de luta do sector metalúrgico e de minas promovida pela Fed. Sind. da Metalurgia, Metalomecânica e Minas.

• **LISBOA**
Concentrações de trabalhadores dos dis-

72, 2.º, sobre os problemas e lutas dos trabalhadores no momento actual. Participação de Artur Rodrigues, dirigente sindical.

• **ALMADA**
Conferência da Mulher Trabalhadora, promovida pela CGTP-IN. Com início às 14 h de hoje, para prosseguir amanhã. Na Incrível Almadense.

Sábado 18

• **LISBOA**
Encontro de Trabalhadores Comunistas da Função Pública. No CT de Alfama, a partir das 9.30 h, com a participação do camarada José Casanova, da Comissão Política do CC.
Sessão comemorativa do 40.º Aniversário

gados ao trabalho autárquico. Promovido pela Comissão Concelhia do PCP na sede do Sind. Trabalhadores Agrícolas, a partir das 14.30. Participação do camarada Carlos Fraião.

• **SANTARÉM**
II Assembleia da Organização da Cidade de Santarém, na Escola Primária de Olivença, a partir das 15.00 h. Participa o camarada Raimundo Cabral, da Comissão Política do CC. As 19 h, lanche-convívio.

• **UISEU**
Comemoração do 40.º Aniversário da Vitória com uma sessão (às 16 h) em que participa um membro do GPPC, seguida de jantar-convívio. É uma iniciativa da Com. Org. das comemorações do 25 de Abril.

• **VILA FRANCA DE XIRA**
Na Quinta de Sub-Serra, hoje e amanhã, convívio dos núcleos de Pioneiros do concelho de Vila Franca.

Catarina Eufémia

Catarina Eufémia

Comício em Baleizão
Domingo
com Álvaro Cunhal

reira Coelho, às 13 h, com a participação do camarada Álvaro Cunhal.

• **SOBRAL DE MONTE AGRÃO**
Para angariar fundos para a compra e restauro do Centro de Trabalho Vitória, matança do porco

seguida de almoço "com todos os matores". Organização da Comissão Concelhia de Monte Agraço do PCP.

• **MORTÁGUA**
Plenário de militantes do Centro de Trabalho da localidade, às 15 h.

• **S. FACUNDO**
Comemoração do 40.º Aniversário da Vitória sobre o nazifascismo, com a participação do camarada Raimundo Cabral, da Comissão Política do CC, no Ringue Desportivo. Do programa consta também:

atletismo, às 11 h; almoço de confraternização, às 13 h; música popular, às 15 h; e futebol de salão, às 16 h. É uma iniciativa da Comissão de Freguesia de S. Facundo do PCP.

• **VILA REAL**
Inauguração do novo Centro de Trabalho da DORT do PCP, na Rua António Azevedo, 42, pelas 17 h. Jornada de convívio e de esclarecimento político.

• **VOUZELA**
Plenário de militantes, pelas 21 h.

• **TORTOSENDO**
Comemoração do 40.º Aniversário da Vitória, com projecção dos filmes «Para a Paz nenhum esforço é demasiado grande» e «Viver, viver em Paz». Iniciativa patrocinada pela Junta de Freguesia, com a colaboração de vá-

rios organismos de expressão colectiva.

Segunda 20

• **ALGARVE**
Prossegue a semana de luta no distrito. Hoje, plenários de em presa contando com a participação de dirigentes da União dos Sindicatos de Faro.

Terça 21

• **S. PEDRO DO SUL**
Plenário de militantes, no Centro de Trabalho da localidade, às 21 h.

• **PÓVOA DE STA. IRIA**
Excursão à Conferência da Reforma Agrária, nos dias 1 e 2 de Junho: inscrições no Centro de Trabalho.



Novos CTs

inaugurados no domingo

Beja
com
Álvaro Cunhal
e
Vila Real

Conferência da Mulher Trabalhadora

Sexta e Sábado
Incrível Almadense

tritos de Lisboa e de Setúbal (CGTP-IN). No Rossio, 15.30; na Praça de Londres, 17.00; nos Restauradores, 17.30.

• Manifestação dos trabalhadores da Administração Local, promovida pelo STAL. Concentração às 17.30 e desfile até ao MAI, na Pç. do Comércio

• **PORTO**
Manifestação dos trabalhadores da Administração Local, promovida pelo STAL. Concentração às 17.30 na Pç. Humberto Delgado e desfile para o Governo Civil.

• **ALGARVE**
Prossegue a Semana de Luta do movimento sindical unitário, iniciada na terça-feira. Hoje, distribuição de comunicados em Faro e Portimão. Delegações de trabalhadores com salários em atraso farão entrega na CM de Portimão e em vários organismos de Faro de reclamações e documentação acerca da situação dos trabalhadores de muitas empresas do distrito.

Sexta 17

• **LISBOA**
Solidariedade com a Reforma Agrária - sessão pública na Casa do Alentejo, às 21.30. Preside a prof.ª Luísa Irene Dias Amado e serão oradores: José Luís, presid. do Sind. Operários Agrícolas de Beja, Nunes Borges, dirig. da UCP Margem Esquerda, e António Murteira, do Secretariado da 9.ª Conferência da Reforma Agrária.
Sessão na Associação de Reformados/UPSS - Alameda D. Afonso Henriques,

• **GAIA**
40.º Aniversário da Vitória sobre o nazifascismo - sessão debate no Salão da Junta de Freguesia de Santa Marinha, com Joaquim Pina Moura, do CC do PCP.

• **GONDOMAR**
Visita de Ilda Figueiredo, António Mota, Gaspar Martins, deputados eleitos pelo círculo do Porto, aos órgãos de Poder Local, empresas, balros, or-

rio da Vitória, organizada pela comissão unitária 25 de Abril dos Olivais. As 21h, na Escola Preparatória Fernando Pessoa, com a participação do comandante Costa Santos e do Almirante Rosa Coutinho.

Ainda nos Olivais mas organizado pela APU, visita à zona de Olivais Velho/Coreto, a partir das 15 h. Com os eleitos da APU na freguesia e o vereador da CML, Rui Godinho.

Domingo 19

• **LISBOA**
4.ª Assembleia da 1.ª Zona da Organização Local de Lisboa, na Caixa Económica Operária, Rua Voz do Operário, 64, sob o lema «Reforçar e alargar o Partido, lutar e defender Abril».

2.ª Assembleia da Organização de Santarém

Sábado
com Raimundo Cabral

ganizações juvenis, colectividades do concelho.

• **PÓVOA DE STA. IRIA**
Sessão de esclarecimento com Jerónimo de Sousa, deputado do PCP. No Grupo Dramático Povense, às 21.30.

• **TORTOSENDO**
Inauguração de uma Exposição Fotográfica sobre a Vitória sobre o nazifascismo, e sessão comemorativa com a participação do Cônsul da Embaixada da URSS em Portugal e de um dirigente da Associação Portugal-URSS.

• **UISEU**
Plenário de militantes do concelho, no CT do PCP. A partir das 21.00.

• **PORTO**
Sessões-debate sobre o 40.º Aniversário da Vitória, com Joaquim Pina Moura, do CC do PCP. As 10 h no CT da Boavista; às 17 h no CT de S. Mamede de Infesta/Matosinhos; às 21.30 h no CT da Areosa/Mala.

• **ALMADA**
Termina, na Incrível Almadense, a Conferência da Mulher Trabalhadora.

• **CASTRO D'AIRE**
Plenário de militantes do Partido, em casa do cam. Mendes, às 21 h.

• **LAMEGO**
Encontro Concelhio de Quadros li-

Participação do camarada José Casanova, da Comissão Política do CC.

• **ALVALADE -SADO**
Almoço e sessão de esclarecimento, às 13 h, com o camarada Ruben de Carvalho, membro do CC e chefe de redacção do «Avante!».

• **BALEIZÃO**
Comício assinalando o aniversário da morte de Catarina Eufémia. As 15 h. Participação do camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP.

• **BEJA**
Inauguração do novo Centro de Trabalho distrital do PCP, na Rua dr. Pe-



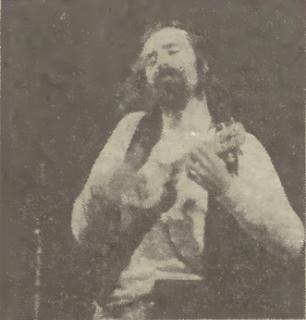
Grandville, pseudónimo de Jean Gerard (1803-1847) in «Un Siècle de Dessins Constestataires», Jacques Sternberg e Henri Deuil - Denoel, Paris, 1974

Com a legenda original «Ressurrection de la Censure» («Ressureição da Censura») e caricaturando a figura do magistrado Persil, publicado pela primeira vez no jornal «La Tribune» em Janeiro de 1832

TV O Programa

Quinta 16
RTP1

- 12.00 — 12/13
 13.00 — **Telenovela**
 «Vila Faia», 8.º Ep.
 18.00 — **Tempo dos Mais Novos**
 As Aventuras de Marco Polo;
 Yakari
 18.35 — **Notícias**
 18.45 — **Golo!**
 19.15 — **Gente Singular**
 «Cavaquinho» — como se
 constrói. Participação de Júlio
 Pereira. Real. Alfredo Tropa



- 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Bol. Meteorológico**
 20.30 — **Telenovela**
 «A Sucessora», 93.º Ep.
 21.15 — **Triangular**
 Progr. da Direcção de
 Informação
 22.15 — **Série**
 «Sede de Vingança», 1.º Ep.
 23.00 — **Último Jornal**

RTP2

- 19.30 — **Desenhos Animados**
 20.00 — **Conheça Melhor**
 Pela RDA, à descoberta das
 línguas — e dos contos, lendas e
 canções que têm inspirado
 20.30 — **Série**
 «Histórias de Amor e
 Amizade»
 21.30 — **Da... Música**
 Dois motetes de Jean-
 Philippe Rameau
 interpretados pelo Conjunto
 Vocal e Instrumental da
 Capela Real do Palácio de
 Versalhes
 22.30 — **Jornal da Noite**

Sexta 17
RTP1

- 12.00 — 12/13
 13.00 — **Telenovela**
 «Vila Faia»
 18.00 — **Animação**
 A Ilha das Crianças; Tom &
 Jerry
 18.30 — **Notícias**
 18.45 — **Magazine Cultural**
 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Boletim Meteorológico**
 20.30 — **Telenovela**
 «A Sucessora»
 21.15 — **Série**
 «Colombo», com Peter Falk.
 Real. Harvey Hart
 22.00 — **Tempo de Coimbra**
 Parte de um espectáculo
 realizado na Aula Magna da
 Cidade Universitária
 23.00 — **Último Jornal**

RTP2

- 19.30 — **Desenhos Animados**
 20.00 — **Uma História de Amor**
 21.30 — **Directo/2**
 «Intercâmbio Desportivo»
 22.30 — **Jornal da Noite**

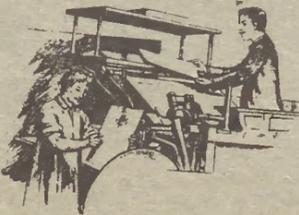
Sábado 18
RTP1

- 11.00 — **Notícias**
 11.10 — **Tempo dos Mais Novos**
 13.00 — **Notícias**
 13.05 — **Tempo dos Mais Novos**
 «O Jornalinho»
 14.00 — **Revista de Toiros**
 14.40 — **Futebol**
 Transmissão directa do

- Estádio de Wembley da Final
 da Taça de Inglaterra
 16.50 — **Série**
 «O Homem e a Terra», 6.º
 Ep.
 17.15 — **Série**
 «História das Invenções», 2.º
 Ep. — A Electricidade
 18.15 — **A Semana que Vem**
 Programa de Mário Zambujal
 19.15 — **Série**
 «Cheers», 2.º Ep.
 19.45 — **Totoloto**
 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Bol. Meteorológico**
 20.30 — **Concurso 1, 2, 3**
 Programa de Carlos Cruz
 23.00 — **Último Jornal**
 23.10 — **Última Sessão**
 «Os Insaciáveis». Real.
 Edward Dmytryk (EUA/1964)

RTP2

- 18.30 — **Troféu**
 20.00 — **Animação**
 20.30 — **Série**
 «D. Quixote», 2.º Ep.
 21.30 — **Série**
 «O Renascimento», 2.º Ep. —
 «A Tipografia»


Domingo 19
RTP1

- 10.30 — **Notícias**
 10.40 — **70 Vezes 7**
 11.30 — **Missa**
 12.00 — **Tempo dos Mais Novos**
 13.00 — **Notícias**
 13.05 — **TV Rural**
 13.30 — **Tempo dos Mais Novos**
 14.10 — **Automobilismo**
 Transmissão directa do
 Grande Prémio do Mónaco
 de Fórmula 1
 16.45 — **Sessão da Tarde**
 «Fantasia Dourada» («Night
 and Day»), inspirado na
 biografia do compositor norte-
 americano Cole Porter. Real.
 Michael Curtiz (EUA/1946)
 18.55 — **Top Disco**
 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Bol. Meteorológico**
 20.30 — **Falando de Schubert**
 II Parte. Programa de José
 Atalaya
 21.00 — **Série**
 «Ventos de Guerra», 6.º Ep.



- 22.00 — **Domingo Desportivo**
 23.00 — **Último Jornal**

RTP2

- 19.30 — **Novos Horizontes**
 20.00 — **Nós... Por Cá**
 21.00 — **Adágio**
 Canções de Schumann.



- 21.30 — **Cineclub**
 «Um Verão de Amor». Real.
 Ingmar Bergman (Suécia)

Segunda 20
RTP1

- 12.00 — 12/13
 13.00 — **Telenovela** «Vila Faia»
 18.00 — **Tempo dos Mais Novos**
 Contos de Andersen; Yakari
 18.35 — **Notícias**
 18.50 — **Desportivamente**
 19.15 — **Portugal, Passado e
 Presente**; III — «De
 Ferragudo à Cruz de
 Portugal», um programa de
 Lagoa Henriques
 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Boletim Meteorológico**
 21.15 — **Telenovela**; «A Sucessora»
 21.15 — **Arroz Doce**; Programa de
 Júlio Isidro, Real. L. Filipe
 Costa
 23.15 — **Último Jornal**.

RTP2

- 19.30 — **Desenhos Animados**
 20.00 — **Ópera**; «O Tríptico» de
 Puccini, gravado em 1983 no
 Scala de Milão. Dir. de
 orquestra Gianandrea
 Gavazzeni
 00.00 — **Jornal da Noite**.

Terça 21
RTP1

- 12.00 — 12/13
 13.00 — **Telenovela** «Vila Faia»
 18.00 — **Tempo dos Mais Novos**
 18.35 — **Notícias**
 18.50 — **Século XX**; «O Mundo em
 Guerra» 2.º Ep. Real. David
 Elstein
 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Boletim Meteorológico**
 20.30 — **Telenovela** «A Sucessora»
 21.15 — **Série** «O Corpo Humano»,
 3.º Ep.
 21.45 — **Sociedade Portuguesa de
 Autores**; Breve história de 60
 anos de actividade. Real. Ruy
 Ferrão
 22.30 — **Série** «Tudo em Família»
 23.00 — **Último Jornal**.

RTP2

- 19.30 — **Desenhos Animados**
 20.00 — **Música da América**
 20.30 — **Século XX** «Informação»
 21.00 — **Sessão das Nove**; «O
 Homem que gostava das
 Mulheres», real. François
 Truffaut (França/1977)
 22.30 — **Jornal da Noite**.

Quarta 22
RTP1

- 12.00 — 12/13
 13.00 — **Telenovela**; «Vila Faia»
 18.00 — **Tempo dos Mais Novos**;
 Muminhos; Contos Folc.
 Húngaros
 18.35 — **Notícias**
 18.50 — **Trânsito**
 19.15 — **O Expresso da Europa**
 20.00 — **Telejornal**
 20.27 — **Boletim Meteorológico**
 20.20 — **Vamos Jogar no Totobola**
 20.40 — **Telenovela**; «A Sucessora»
 21.15 — **Noite de Cinema**; «A
 Educação de Vera», Real.
 Pal Gabor (Hungria)
 23.00 — **Último Jornal**.

RTP2

- 19.30 — **Desenhos Animados**
 Batman
 19.55 — **Futebol Taça UEFA** —
 transmissão directa do jogo
 Real Madrid-Videoton (2.º
 mão)
 21.45 — **Série** «O Choque das
 Energias», ult.º Ep.
 22.45 — **Jornal da Noite**.

Livros

«A autobiografia de Miss Jane Pittman», de Ernest Gaines. Romance. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Coleção «Uma Terra sem Amos» — Editorial Caminho, Lisboa, 1984 — Preço 600\$00

«Autobiografia» é o título, mas funciona apenas como pretexto de um romance, a contar a história não apenas de uma mulher que viveu, durante um século, o testemunho de uma luta pelos direitos dos negros norte-americanos, como a própria história desse povo desde a aurora da libertação que se seguiu à Guerra da Secessão até aos nossos dias.

Um romance, portanto. Mas no qual a história se imiscui. Um romance contado na primeira pessoa — e que pessoa! Uma criança, escrava nas plantações da Louisiana — o próprio autor aí nasceu —, assiste à guerra civil, é libertada, cresce e vai compreendendo pela vida fora que a liberdade se conquista e não se dá nem se recebe.

Pela simplicidade dos olhos de uma criança acompanhamos os seus primeiros passos na vida liberta da escravatura a que uma proclamação dá solenidade mas não a verdadeira liberdade. E o que é a liberdade? É coisa que se aprende. Como se começa a compreender logo nas primeiras páginas, quando um cabo do exército «ianque» dialoga com a pequena escrava Ticey:



«Queres ser livre, não queres, Ticey?»
 «Sim, patrão», disse eu.
 «E que vais fazer quando fores livre?», perguntou-me ele.

«Só dormir, patrão», disse eu.

É nos diálogos expressivos e sem redundâncias, nas descrições do mundo que se descobre e da acção, que se contém a «moralidade» desta história, deste percurso que é uma vida toda, longa de mais de um século. A



velha miss Jane, que outrora fora a pequena escrava Ticey, «conta» ao autor como foi, como viveu, como interveio num mundo hostil que ajudou a transformar, com a sombra da morte e da violência sempre prestes a abater-se sobre si e sobre os seus.

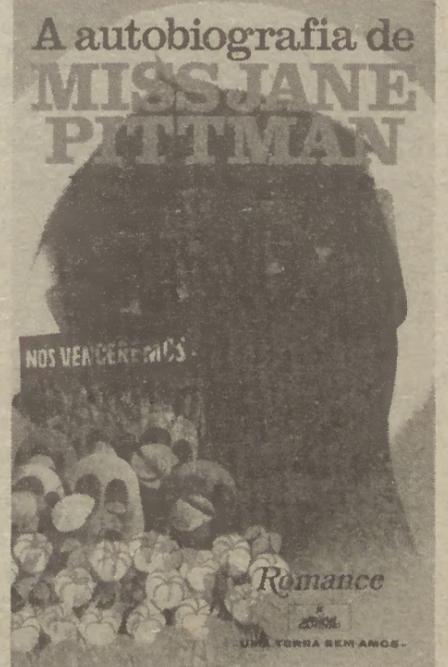
Jane Brown foi o seu primeiro nome a anunciar-lhe a liberdade. Um nome que lhe foi dado por um cabo «ianque» com a ternura e a generosidade de que são capazes os que combatem o passado e a opressão. Um nome que defendeu como se de repente houvesse em si algo de importante a defender: a dignidade.



Quando não respondeu ao velho nome de escrava, Jane foi chicoteada pelos patrões. Mas não cedeu.

«Vende-a», disse a minha patroa.

«Quem é que a val comprar com os lan-



ques espalhados aí por toda a parte?», perguntou o meu patrão.

«Leva-a para os pântanos e mata-a», disse a minha patroa. «Tira-a da minha vista.»

A libertação chegou, porém. Os escravos da plantação celebram-na com cânticos. Os mais novos querem partir. O capataz pergunta:

«Patrão, se nós somos livres para partir, para onde é que nós vamos?»

Antes que o patrão tivesse tempo de abrir a boca, eu disse: «Onde fica o Norte? Aponte para lá. Eu mostrarei a todos para onde nós vamos.»

A dignidade que se busca para que a liberdade não seja apenas a faculdade de se poder ser de novo escravo, porém, não se encontra num lugar determinado. Na longa estrada



da para encontrá-la, no caminho da busca, Jane atravessa as décadas da sua vida, o território dos Estados Unidos. Assiste e vive a luta contra as mil formas de opressão.

Mas isso é o romance que vos convidamos a ler.

Numa tradução viva — de Fernanda Pinto Rodrigues, que nos acostumou às boas traduções do «americano», vertendo para Português a linguagem popular sem a enfiar nas talas tão comuns do «bem escrever» —, o romance, apresentado com uma bela capa de António Domingues, aí está para quem o quiser ler.

Talvez não seja bem assim. Tal como de certo é um exagero do reverendo Jesse Jackson afirmar que Ernest Gaines, o autor, é o maior, também nós devemos ter tento na escrita: o preço do livro será apenas acessível a certas bolsas.

Não é que seja caro. Como diz o outro, também diremos que você é que está ganhando pouco...

Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Amadeus	★★★★	★★★★	★★★	★★★★	★★★★
B Os Amantes de Maria	★★★	—	—	★★★★	★★★
C Amor Eterno	★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★
D Ana	★★	★★	★	—	★★
E Assim Nasce uma Estrela	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
F O Baile	★★★★	★★★	★★★★	★★★	★★★
G O Confronto	★★★	★★	★★	—	★★★
H 2010 - O Ano do Contacto	★★	—	★★	—	★★
I Um Lugar no Coração	★★★	★★★	★★★	★★	★★
J A Mulher Pública	—	★★	★	—	—
L Passagem para a Índia	★★★★	★★★	★★	★★★	★★
M Terra Sangrenta	★★	★★★	★★	★★★	★★

- A — Real. Milos Forman — Londres (15, 18.15, 21.30), Las Vegas/2 (15.15, 18.30, 21.30) — Lisboa; Sala Bebé (14.15, 16.20, 18.30, 21.30) — Porto.
 B — Real. Andrei Konchalovsky — Alfa/1 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Berna (14, 16.30, 19, 21.30), Tivoli (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Coliseu (16.30, 18, 21.30), Foco (14, 16.30, 21.45) — Porto.
 C — Real. Alain Resnais — Star (15, 18.15, 21.30) — Lisboa.
 D — Real. António Reis e Margarida Cordeiro — Forum Picoas/1 (de 2.ª a 6.ª/19.30; sáb. e dom./14.30, 18) — Lisboa.
 E — Real. George Cukor — S. Jorge/3 (14.30, 16.45, 19, 21.30) — Lisboa.
 F — Real. Ettore Scola — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19, 21.15) — Lisboa.
 G — Real. Paul Newman — Hollywood/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.30, 24), Las Vegas/1 (15.30, 18.45, 21.45/2.ª a 6.ª; 16.30, 19, 21.45/sáb., dom. e fer.) — Lisboa.
 H — Real. Peter Hyams — Stop/1 (18.45, 21.30) — Porto.
 I — Real. Robert Benton — Nimas (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Trindade (15.30, 18, 21.45) — Porto.
 J — Real. Andrezej Zulawski — Condes (14, 16.30, 19, 21.30), Hollywood/1 (14.30, 16.45, 19, 21.30, 23.45) — Lisboa.
 L — Real. David Lean — S. Jorge/2 (14.15, 17.45, 21) — Lisboa.
 M — Real. Roland Joffé — Alfa/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Lisboa; Passos Manuel — (18.45, 21.45) — Porto.

Classificação de 1 a 5 estrelas

Exposições

- Expo/A.I.C.A. 85**, organizada pela Secção Port. da Ass. Intern. dos Críticos de Arte. SNBA — das 14 às 20 horas.
- Exposição-Diálogo sobre Arte Contemporânea**. Fundação Gulbenkian, Sede e CAM.
- «80 anos». Colectiva de pintura e escultura. Casa da Imprensa. Até 23/5.
- I Colectiva de Obra Gravada**. Trabalhos de Artur Rosa, Bartolomeu Cid, Cargaleiro, Cipriano Dou-rado, Dacos, David de Almeida, Eduardo Nery, Faria, Gil Teixeira Lopes, Goew, Ilda Reis, Hogan, Jorge Barradas, José Guimarães, Júlio, Lourdes Leite, Matilde
- Marçal, Skapinakis, Raquel, Rogério Ribeiro e Thomaz de Melo. Galeria Fonte Nova. Até 28/5
- Gente do Palco**. Museu do Teatro. De 3.ª a dom., das 10 às 13 e das 14 e 30 às 17 horas.
- Sonia e Robert Delaunay**, pintura 2.ª a 6.ª/10 às 13.00 e 14 às 20.00. Aliance
- de emissões de rádio em Portugal. De 2.ª a 6.ª/8.30 e 23.00; Sáb. e Dom./11 às 23.00. Forum Picoas (Av. Fontes Pereira de Melo, 38-C. Até 6/6.
- Il Festival de S. Lucas**. Pintura, escultura, cerâmica de artistas naturais ou residentes no distrito de Évora. De 2/5 a 2/6, período em que funcionará também um «atelier» de pintura para as crianças das escolas. Museu Municipal (ÉVORA).
- Exposição de Arte Sacra** da região de Óbidos. Até meados de Junho. Solar da Praça de St.ª Maria (OBIDOS).
- Armas Antigas**, integrada nas comemorações do VIII Centenário do Concelho de Palmela. No Castelo (PALMELA).
- António do Carmo** — «O Homem e o Mar», pintura. Até 20/5. Museu municipal (PENICHE).
- Jorge Martins**, pintura. De 2.ª a Sáb., das 16 às 19.30. Até 16/5. Módulo (PORTO).
- Instrumentos Musicais Populares Portugueses**. Até 26/5. Edifício Chiado (COIMBRA).
- «Pessoas & Pessoas»**, exposição de postais. Até 19/5. Casa Museu dos Patudos. (ALPIARÇA).
- «60 Anos de Rádio»**, tecnologias e história de 60 anos
- Gal. Roma e Pavia, até 22/5. (PORTO).
- Bach, Haendel, Schutz**, exposição documental integrada nas 2.ªs Jornadas Internacionais da Oficina Musical. Até 22/5, Fundação António de Almeida, R. Tenente Valadim, 231 (Porto).
- Vieira da Silva**, litografias. Até 22/5, Galeria Barca d'Artes (Viana do Castelo).
- Álvaro Perdigão**, retrospectiva — 120 obras representativas de 50 anos de trabalho. Museu de Setúbal/Convento de Jesus. De 3.ª a Dom./9 às 12.00 e 14 às 17. Até 26/5 (SETÚBAL).
- Matos Cardoso**, pintura e colagens. Galeria de Artes Visuais da Casa de Bogaça/Galeria Municipal, de 11/5 a 9/6. De 3.ª a 6.ª/9 às 12 e 14 às 17; Sáb. e Dom/15 às 19 (SETÚBAL).
- Dominique Labau-me**, fotografias sobre Peniche. Institut Franco-Portugais. Até 30/5.
- Roque Gamelo**, ilustrações para obras literárias. 2.ª Sáb/14.30 às 20.00.



Rogério Ribeiro

Francise, R. Braancamp, 13, 1.º. Até 31/1.

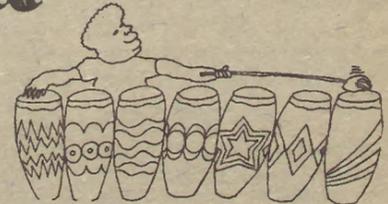
Isabel Laginhas. 2.ª a 6.ª/10 às 19.00; Sáb./10 às 13.00. Al-tamira. Até 15/6.

Ana Leandro. Das 14 às 20.00. SNBA. Até 26/5.

«60 Anos de Rádio», tecnologias e história de 60 anos

...e ainda Música, debates, etc.

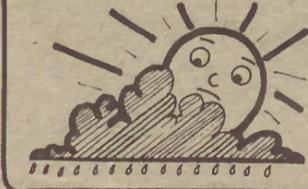
- Música**
- Forum Picos (LISBOA).
- As Percussões de Estrasburgo** com os pianistas Madalena Soveral e Jean-Louis Hauguenaer. Obras de Filipe Pires, Bartok, Varese, Mache, Taira. Sáb/18.30, Fundação Gulbenkian, Grande Auditório. Também no Forum Picoas, 6.ª/21.00, com entrada gratuita para os jovens dos 15 aos 25 que consigam arran-jar bilhete... Obras de L. Pablo, Bayer, Xenakis.
- Segrés de Lisboa**. Peças francesas e ibéricas da Idade Média e do Renascimento. 6.ª/20.30, Institut Franco-Portugais. Sáb/17.00, na Junta de Freguesia de Benfca, Av. Gomes Freire (LISBOA). Olga Prats, piano. Concerto hoje/17.00, nas «Quintas-feiras Culturais» do Conservatório Nacional (LISBOA).
- Festival Intern. de Música do Algarve**. Hoje/21.30, concerto pelo Collegium Flauto Dolce de Praga. Igreja de St.ª Maria (LAGOS).
- História do Plano ao Vivo**, por António Victorino d'Almeida. Todos os dias até 6/6, excepto 17, 24 e 29/5. 22h. Forum Picos (LISBOA).
- Sexteto de Jazz de Lisboa**. 6.ª/22.30.
- Concerto pelos corais de Queluz e «Canto Firme», de Tomar**. Em destaque, a 2.ª interpretação ao vivo da obra «Avisamento», de Lopes-Delgado, de Lopes-Teira. Sáb/18.30, Palácio de Queluz (QUELUZ).
- Espectáculo de Caetano Veloso**. Hoje, 21.30, Coliseu dos Recreios (LISBOA).
- Espectáculo de Carlos do Carmo**. Sexta-feira, na Sociedade Filarmónica (AMADORA).
- Espectáculo de Pedro Barroso**. 3.ª/21.30, Teatro Gil Vicente (COIMBRA).
- Grande Noite do Fado**, iniciativa anual da Casa da Imprensa. 6.ª/à noite, Coliseu dos Recreios (LISBOA).
- Festival Internacional da Canção Juvenil**, integrado na Intermunicipal Juvenil/85. Sáb. (ALHANDRA).
- A Música, os Músicos-II**. Concerto ao vivo. Fernando Flores, João Pedro Santos, Joaquim Pimenta de Magalhães, Madalena Sá Pessoa. Sáb/21.00. CT Vitória (LISBOA).
- Orquestra Juvenil de Instrumentos de Arco**. Concerto, obras de Haendel, Si-mão Barreto, Vivaldi, Bach. Hoje/18.00, Galeria Almada Negreiros, Av. da República, 16 (LISBOA).
- Concerto de Câmara**. Coro Cantus Firme e Orquestra de Câmara de Lisboa, dir. Jorge Mata, obras de Haendel e Vivaldi. Dom/21.00, entrada livre. Palácio Foz (LISBOA).
- GEFAC**, espectáculo. Sáb/16.00. Cine-Teatro S. João (ENTRONCAMENTO).
- Ciclo Orson Welles**, 5.ª e 6.ª/19.00 e 22.00: «O Processo»; **Ciclo Ingmar Bergman**, 2.ª e 3.ª; **Ciclo Fellini**, 22 e 23/5: «Julietta dos Espíritos». Manhãs infantis: **Festival Charlot**, Dom/11.30. Forum Picoas (Lisboa).
- Spartakus**, pela Comp. de Bailado do Teatro Bolshoi, 35mm, cor. Iniciativa da Com. de Dinamização Cultural da DORL. Hoje/21.00, CT Vitória (Lisboa).
- Ciclo Chabrol**, 3.ª e 5.ª à noite, até 23/5. Institut Franco-Portugais.
- Ciclo Buster Keaton**, ainda hoje e amanhã, 18.30 e 21.30. Cinemateca (Lisboa).
- Cinema**
- «Peço a Palavra» (URSS/1976), o 1.º dos dois filmes do real. Gleb Panfilov programados pelo ABC Cineclub de Lisboa para este mês. 6.ª/18.45, Estúdio 444 (Lisboa).
- Ciclo Buster Keaton**, ainda hoje e amanhã, 18.30 e 21.30. Cinemateca (Lisboa).
- Conferências**
- Alberto Caeiro, o Mestre de Todos os Poetas** — conferência de Manuel Gusmão, 3.ª/18.30, Sociedade de Língua Portuguesa (LISBOA).
- Arte Manuelina**, ciclo de conferências, dias 16, 23 e 30. Iniciativa da Ass. Est. da Faculdade de Letras. Faculdade de Letras (LISBOA).
- Fernando Pessoa — Lugares de Poesia e Contradição** — conferência de Oscar Lopes na CM de Matosinhos. Sexta-feira (MATOSINHOS).
- Poesia**
- Jorge de Sena** dito por Luís Machado: «Não só poesia... mas também», hoje, 21.30, Galeria de S. Bento (LISBOA).
- Desporto**
- Concurso de pesca individual no paúl de Magos**. Prémios e, no final, um almoço-convívio. No Dom., promovido pela Com. Concelhia do PCP de Salvaterra de Magos.
- Museus**
- Todos. Ao menos (para começar, ou para reatar) no sábado, que é o Dia Internacional dos Museus**. Alguns têm programas especiais, muitos «mostram-se por dentro»... A aproveitar!



Teatro O Cartaz

- LISBOA**
- ABC**, Parque Mayer. As 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeltosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.
- Caixa Económica Operária**, R. Voz do Operário, 64. 6.ª/15.30, 18.30, 21.30 e 24.00; Sáb/11.00, 15.30, 18.30, 21.30, 24.00; Dom/11.30, 15.30, 18.30, 21.30. **Ofício Número Barra Oitenta e Cinco**, colagem de textos de vários autores, enc. António Soler — Grupo Contra-Regra.
- Casa da Comédia**, R. S. Francisco Borja, 24. 4.ª a Dom/21.30. **Eva Perón**, texto e enc. Filipe La Féria.
- Comuna**, Pr. de Espanha. De 5.ª a Sáb/21.15; Dom/17.00.
- Quatro para Quatro** de Michel Cyarneau, enc. João Mota — **Café-Teatro**, 6.ª/22.00; Sáb/23.30. **Pó de Palco**, textos e enc. colectivos.
- Maria Matos**, Av. Frei Miguel Contreiras, 52. De 4.ª a Sáb/21.45; Sáb e Dom/16.15. **Conferência de Alto Nível**, de R. D. Macdonald, enc. Herminia Tojal e Sande Freire.
- Maria Vitória**, Parque Mayer. De 3.ª a Dom/20.30 e 22.45; Dom/16.00. **Não Batam Mais no Zezinho**, de H. Santana, F. Nicholson, M. Zambujal, enc. H. Santana.
- Nac. D. Maria II**, Rosário. De 2.ª a Sáb/21.30; Dom/16.00. **O Gebo e a Sombra**, de Raúl Brandão, enc. Rogério Paulo — **Sala Experimental**, Rosário, de 3.ª a Sáb/21.45; Sáb e Dom/16.30. **Ciclo Raul Brandão**, enc. Varela Silva.
- Ocarina**, Trav. do Poço da Cidade, 40. 2.ª, 4.ª, 6.ª/19.00. **O Paraíso Não Está à Vista**, de Fassbinder, enc. Rogério Carvalho, Grupo de Teatro Maizum.
- Teatro Aberto**, Pr. de Espanha. De 4.ª a Sáb/21.30; Dom/16.00. **O Esfinge Gorda**, compilação de textos, dramaturgia e enc. Mário Viegas.
- Teatro da Caixa**, R. Arco do Cego, 88. De 5.ª a Sáb/21.30. **O Avarento**, de Molière, música de Paredes, enc. Adolfo Gutkin.
- Teatro da Graça**, Trav. S. Vicente, 11. De 3.ª a Dom/21.30; Dom/17.00. **Todos os Cômicos Acabam com uma Canção**, de Catherine Hayes, enc. Carlos Fernando.
- Teatro do Nosso Tempo**, Pr. José Fontana, 12-B. De 4.ª a Dom/21.45; Sáb e Dom/16.00. **Candidatura Zero-A Solução Genial**, texto e enc. João Vasco.
- Teatro do Século**, R. do Século, 41. De 3.ª a Sáb/21.30; Dom/16.45. **Artimanhas de Scapin**, de Molière, enc. Rogério Carvalho.
- Variedades**, Parque Mayer. De 3.ª a Dom/21.45; Sáb, Dom e feriados/16.00. **Boeing, Boeing**, de Marc Camoletti, enc. M.ª Helena Matos e António Cabo.
- Teatro do Campo Alegre**, R. do Campo Alegre. De 3.ª a Dom/21.45; dom. e feriados/16.00. **Uma Família do Porto**, adapt. de «Uma Família Inglesa», de Júlia
- CASCAIS**
- Teatro Experimental de Cascais**. 3.ª a Sáb/21.45; Dom/17.00 e 21.45. **Arrala-Mlúda**, de Jaime Gralheiro, enc. Varlos Avilez.
- LEIRIA**
- Audatório do TELA, de 3.ª a Sáb/21.30. **Falar Verdade a Mentir**, de Almeida Garrett, enc. José Valentim Lemos. Até 18 de Maio.
- SETÚBAL**
- Teatro de Bolso**. 6.ª e Sáb/21.30; Dom/16.00. **O Tio Simplicio**, de Almeida Garrett, enc. João Manuel.
- PARA CRIANÇAS**
- LISBOA**
- A Barraca**, R. Alexandre Herculano, 70. Sáb e Dom/11.00, até 2/6. **O Caminho do Comboio** — Grupo Fio d'Água.
- Salão das Furnas**, R. Raúl Carapinha. Sáb/16.00; Dom/11.00. **Bola de Sabão**, enc. Mário Jorge-Grupo os Papa-Légua.
- TIL**, R. Leão Oliveira, 1, ao Calvário. Sáb, Dom e feriados/16.00. **Graças e Desgraças na Corte de El Rei Tadinho**, de Alice Vieira, enc. Rui Matos.
- MARINHA GRANDE**
- Sport Operário Marinhense**. Dom/16.00: **Não há Festa sem Palhaços**.
- ALMADA**
- Academia Almadaense**. Sáb/21.30; Dom/16.00: **Ardente Paciência**, de António Skarmetta, enc. Rui Sena — GICC — Grupo de Interv. Cultural da Covilhã.
- SALA-ESTÚDIO DO TEP**, R. do Pinheiro, 9. 3.ª e 4.ª/18.45; 5.ª e 6.ª/21.45; Sáb/16.00 e 21.45; Dom/16.00 e 18.00. **Amor de D. Perlimplim com Belissa em seu Jardim**, de Fed. Garcia Lorca, enc. Roberto Merino.
- Sala d'O Realejo**, R. dos Mercadores, 136. 5.ª a Dom/21.30; Dom/17.30: **Com Papas e Bolos se Enganam os Tolos** enc. Victor Valente. 3.ª/21.45; 6.ª e Sáb/24.00: **Chão de Estrelas**.

Tempo Fim de Semana



Aguaceiros, embora fracos, é a antevisão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica para o próximo fim-de-semana. Não se prevê alteração da temperatura do ar para o referido espaço de tempo.

Utilidades & variedades

Para que serve um sino?!

Mal o Homem começou a utilizar os metais tirou imediatamente partido das suas qualidades acústicas. Desde logo surgiu uma grande variedade de instrumentos musicais, desde os gongos orientais, até aos tímpanos gregos, incluindo todo o tipo de campainhas.

O som dos metais passou a acompanhar o Homem durante toda a sua vida. Nenhuma festa, procissão ou acto religioso o dispensava.

As pessoas acreditavam que os metais afastavam os demónios e os espíritos malignos. Era assim, por exemplo, que os sacerdotes egípcios não saíam dos seus templos sem serem acompanhados pelos toques e campainhas de ouro (que os deviam proteger da morte).

Curiosas são também as inscrições descobertas em sinos antigos. «Quando toco, faço recuar o fogo, o relâmpago, a infecção, Satanás e o homem impio», diz um sino de Bidenkop. Segundo um documento medieval, durante a peste que se apoderou de Estrasburgo, o sino da cidade incendiou-se de tanto tocar. O povo acreditava que o toque dos sinos era a única salvação em caso de epidemia.

É provável que, no passado, os cientistas se tenham debruçado sobre a influência dos sons nos doentes; no entanto, com excepção para um escrito de Francis Bacon onde se afirma que «o som potente dos sinos das cidades muito povoadas dissipava a dor e o ar contaminado pela peste», a história da medicina não fala do resultado desses estudos.

Quando aos etnógrafos, estes revelam-nos também observações curiosas, nesta matéria. Nos tempos do Império Chinês, durante o Verão, quando se verificava um maior índice de mortalidade, o país enchia-se dos sons estridentes dos gongos.

Ainda hoje, numerosas tribos africanas se libertam dos espíritos, uma vez por ano, enchendo o ar de sons metálicos.

É claro que se podem atribuir estas crenças e tradições à ignorância do homem antigo e ao seu medo de enfrentar as forças desconhecidas da Natureza. Mas, para além desta razão é natural que os homens estivessem convencidos de que existia uma relação entre as doenças e o som dos metais.

Sabe-se hoje que o toque entre si de dois objectos metálicos produz, além do som audível, um ultra-som.

Ratos e ultra-sons

Muitos são os seres vivos que emitem e captam ultra-sons de diferentes frequências e os utilizam nas suas actividades vitais.

Assim, os grilos, as lagostas, as abelhas e outros insectos servem-se deles para comunicarem. Os morcegos, ao voarem, emitem impulsos breves cujo som lhes permite orientarem-se no escuro. Também na vida das baleias e dos golfinhos, os ultra-sons desempenham um papel importante.

Os roedores — o rato, a ratazana, os hamsters, os ratinhos da Índia — conseguem captar sons até 100 KHz de frequência. Possuem um ouvido de tal forma sensível que não só os captam como, quando suficientemente intensos, resultam mortíferos.

Particularmente sensíveis aos

ultra-sons são os microrganismos. Verificou-se que estes destroem diferentes bactérias e impedem o seu crescimento.

Os ultra-sons permitem eliminar o vírus da raiva e da encefalite, debilitar os agentes da tosse convulsa e difteria e obter um soro protector à base de bactérias destrutivas por meio de irradiação ultra-sónica.

De tudo o que já foi dito, é possível concluir que o Homem é o único «surdo» em relação ao ultra-som. Parece que em determinada etapa da sua evolução terá perdido — ou nunca chegou a ter — este dom. Em sua substituição, a Natureza deu-lhe o poder de observação e a inteligência e, por isso, o Homem cedo começou a utilizar as qualidades surpreendentes dos ultra-sons.

Em condições iguais, o ultra-som mais «alto» é emitido por uma placa de tungsténio. Metais mais conhecidos seguem-se, por

ordem decrescente — o ouro, o ferro e o cobre.

A intensidade do som depende ainda da forma do objecto que o emite, ou seja, se se trata de uma placa lisa ou de uma forma concavo-convexa. Mudando este último factor, pode elevar-se substancialmente a força e a potência do ultra-som. Daí resulta que o sino é, pela sua forma, material e dimensões, o modelo mais perfeito.

As diversas pestes

Voltando às tradições e crenças religiosas, cabe citar Heródoto ao descrever os costumes

dos espartanos: «quando morre um rei partem cavaleiros para todos os pontos da Lacónia a fim de dar a notícia e as mulheres circulam pela cidade fazendo soar caldeiras metálicas». Mas, se o rei morria em campo de batalha (não por doença) era colocada uma esfinge do morto, em casa, num caixão cheio de flores. Os sons metálicos só eram utilizados em caso de doença, em particular de epidemia.

Hoje, sabe-se que as epidemias e infecções são acompanhadas por uma verdadeira cadeia de seres vivos: microrganismos, insectos (pulgas e outros) que os transportam, além dos roedores e outros pequenos ani-



mais, sem falar do próprio Homem.

Experiências recentes mostram que o ultra-som exerce um efeito inibidor e mesmo destrutivo sobre todos os elos desta cadeia. Como já foi dito também o ultra-som é parte integrante do som transmitido pelos sinos e era desta forma que o Homem antigo agia eficazmente sobre o principal elemento da dita cadeia — o rato. Extremamente sensíveis aos ultra-sons, estes animais fugiam das cidades quando os sinos tocavam, noite e dia, em caso de peste.

É fácil de ver, pois, como por trás da cortina mística dos rituais se escondia uma necessidade vital do Homem hoje perfeitamente explicada pelas leis da física e da biologia.

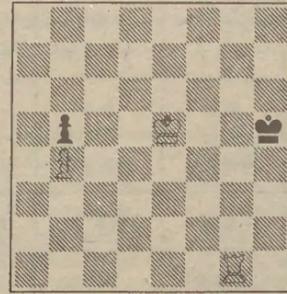
E, entretanto, talvez fosse uma ideia para a próxima concentração à porta do actual Primeiro-Ministro levar um carrilhão...

Xadrez

Para começar

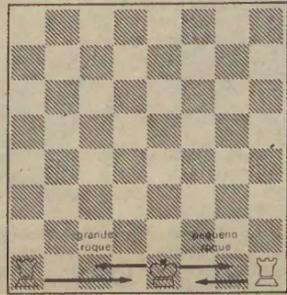
(conclusão)

(b) no caso de o adversário abandonar.



Uma inferioridade acentuada pode obrigar um jogador a desistir. Nesta posição, as pretas não esperam que as brancas dêem mate e abandonem a partida.

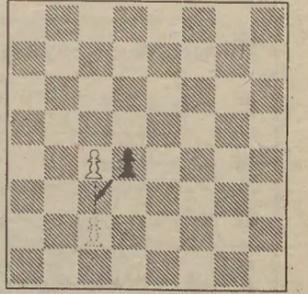
O roque é o movimento do rei e de uma torre contando como único lance: o rei deixa a sua casa inicial e, na mesma linha, vai ocupar a casa mais próxima da mesma cor; depois, a torre passa sobre o rei, indo colocar-se a seu lado.



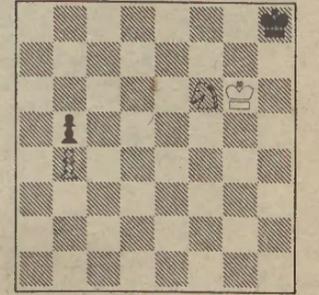
O roque não pode ser efectuado quando: houver qualquer peça entre o rei e a torre do roque; o rei estiver em xeque; o rei ou a torre que completa o roque tiverem sido movidos anteriormente; a casa que o rei atravessa ou a casa de chegada estiverem dominadas por peça inimiga.

Quando um peão alcança a última linha do tabuleiro, é trocado imediatamente por dama, torre, bispo ou cavalo da mesma cor; esta troca designa-se por promoção do peão.

Um peão atacando o quadrado atravessado por um peão inimigo que avance duas casas no seu primeiro movimento pode tomar este peão inimigo como se ele só tivesse avançado uma casa; este tipo de captura (captura à passagem) só é válido no lance imediatamente seguinte.



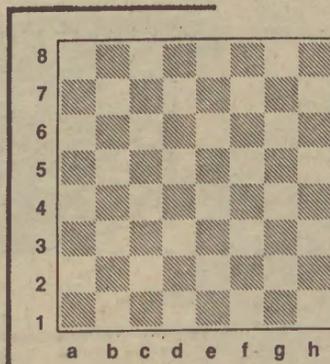
Uma partida está empatada: (a) quando um dos jogadores não pode executar nenhum lance legal, e o seu rei não está em xeque (rei afogado);



(b) quando a mesma posição aparece pela terceira vez, cabendo ao mesmo jogador executar o lance;

(c) depois de se realizarem 50 lances sem que tenham sido efectuados qualquer captura ou movimento de peão;

(d) em caso de acordo mútuo.



Rectificação

Por lapso, a numeração convencional das linhas do tabuleiro de xadrez publicado há dois números saiu errada: a numeração vertical começa de baixo para cima (como no tabuleiro que ao lado se reproduz) e não inversamente como incorrectamente foi publicado.

Só tendo-o em conta será possível «ler» as partidas e problemas a que já no próximo número daremos início.

Damas

Numeração do Tabuleiro

A partir do próximo número iniciaremos também a publicação de problemas e partidas comentadas de damas. A numeração que será seguida é a que reproduzimos, a chamada numeração corrida.

Existem, na verdade, muitas outras, mas esta é das mais comuns e clara, já divulgada nos clássicos espanhóis. Esta numeração é a «chave» para entender os problemas e partidas que se seguirão.

